



O PENTECOSTALISMO **BRASILEIRO**



UM GUIA HISTÓRICO E TEOLÓGICO PARA
COMPREENDER O PENTECOSTES NO BRASIL

ESEQUIAS SOARES

Os fundadores do pentecostalismo no Brasil foram um italiano e dois suecos, mas todos eles vieram dos Estados Unidos, onde tiveram a experiência pentecostal. Visto que os pais na fé dos pioneiros no Brasil eram americanos, é natural esperar certas características do pentecostalismo norte-americano em nosso país. Os três principais líderes que os influenciaram foram, indiretamente, Charles Fox Parham (1873-1929), William Joseph Seymour (1870-1922) e, diretamente, William Howard Durham (1872-1936).



O PENTECOSTALISMO **BRASILEIRO**



UM GUIA HISTÓRICO E TEOLÓGICO PARA
COMPREENDER O PENTECOSTES NO BRASIL

ESEQUIAS SOARES

O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO



UM GUIA HISTÓRICO E TEOLÓGICO PARA
COMPREENDER O PENTECOSTES NO BRASIL

ESEQUIAS SOARES

1ª Edição



Rio de Janeiro
2021

Todos os direitos reservados. Copyright © 2021 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Capa: Joab Santos

Projeto gráfico e editoração: Paulo Sérgio Prinati

Revisão: Lettera Editorial e Daniele Soares

CDD: 230 - Cristianismo

ISBN: 978-65-5968-192-1

As citações bíblicas foram extraídas da versão Nova Almeida Atualizada, edição de 2017, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401 – Bangu – Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: julho/2021

Tiragem: 3.000

sumário

INTRODUÇÃO	9
Capítulo 1	
OS ANTECEDENTES DO PENTECOSTALISMO MODERNO	13
O QUE ACONTECEU COM OS DONS?	14
O montanismo	14
A secura teológica	15
OS ANCESTRAIS DO PENTECOSTALISMO NORTE-AMERICANO	17
O movimento de Edward Irving	17
O Movimento Holiness	19
O Movimento Vida Superior	23
Capítulo 2	
OS ANCESTRAIS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO	29
CHARLES FOX PARHAM	30
WILLIAM JOSEPH SEYMOUR	35
WILLIAM HOWARD DURHAM	40
Capítulo 3	
AS ASSEMBLEIAS DE DEUS AMERICANAS	47
A NECESSIDADE DE SE ORGANIZAR	48
O PRIMEIRO CONCÍLIO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS	50
CONTROVÉRSIAS	52
Capítulo 4	
O PENTECOSTALISMO NO BRASIL	55
OS PRINCIPAIS PROTOPENTECOSTAIS NO BRASIL	56
CLASSIFICAÇÃO DAS IGREJAS PENTECOSTAIS	57

Capítulo 5

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL	61
LUIGI FRANCESCON	62
O CRESCIMENTO DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL	63
DOCTRINA	65

Capítulo 6

A ORIGEM DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL	67
OS FUNDADORES	68
Gunnar Vingren	68
Daniel Berg	69
Lewi Pethrus	71
ORIGEM E DESENVOLVIMENTO	73

Capítulo 7

CONTEXTO HISTÓRICO-TEOLÓGICO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL	77
A CRIAÇÃO DA CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL (CGADB)	78
A necessidade de organização	78
As assembleias gerais da CGADB	82
Assembleias de Deus Ministério de Madureira	84
DOCTRINA	85
Cremos	85
O pensamento teológico	85
EVANGELISMO E DISCIPULADO	88
Os métodos	88
As campanhas evangelísticas	89
A obra missionária	90
Os congressos nas igrejas	91
O ensino bíblico	92
A HARPA CRISTÃ	94
OS DONS ESPIRITUAIS DE MAIOR VISIBILIDADE NOS CULTOS	96
O CÍRCULO DE ORAÇÃO	101

Capítulo 8

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR	103
ORIGEM NOS ESTADOS UNIDOS	104
ORIGEM NO BRASIL	105
Os fundadores	106
A Igreja	107
Doutrina	110

Capítulo 9

IGREJA O BRASIL PARA CRISTO	113
O MISSIONÁRIO MANOEL DE MELLO	114
Nas Assembleias de Deus	114
No Evangelho Quadrangular	115
ORIGEM DA IGREJA O BRASIL PARA CRISTO	117
Nas primeiras décadas	117
Estrutura organizacional	120

Capítulo 10

IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR	121
DAVID MIRANDA	122
Conversão ao evangelho	122
Antes da fundação da Igreja Deus é Amor	123
A IGREJA	123

Capítulo 11

O PENTECOSTALISMO UNICISTA	125
RENASCIMENTO	126
Os principais expoentes	127
O confronto com as Assembleias de Deus	128
DOCTRINA	131
Sobre a Trindade	131
Sobre a salvação	133
Sobre o batismo no Espírito Santo	134
NO BRASIL	134
O Tabernáculo na Fé	135
A Voz da Verdade	136

Capítulo 12

OS CARISMÁTICOS	139
QUEM SÃO E DE ONDE VIERAM	140
O CENTRO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA NOS ESTADOS UNIDOS	145
OS CARISMÁTICOS NO BRASIL	146
OS EXCESSOS	149

Capítulo 13

OS NEOPENTECOSTAIS	153
O TERMO "NEOPENTECOSTAL"	154
As principais comunidades neopentecostais	155
Crenças e práticas	158
A CONFISSÃO POSITIVA	160

Capítulo 14

"A PROMESSA É PARA VÓS E PARA VOSSOS FILHOS"	165
---	-----

O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO	166
-----------------------------	-----

ALGUMAS CONTROVÉRSIAS PENTECOSTAIS	169
------------------------------------	-----

COMO RECEBER O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO	176
--	-----

ANEXOS	181
---------------	-----

Anexo A

DECLARAÇÃO DE VERDADES FUNDAMENTAIS

(1ª. Declaração de fé das Assembleias de Deus americanas)	183
---	-----

Anexo B

LIÇÕES BÍBLICAS (2º. semestre, julho a dezembro de 1943)	189
---	-----

Anexo C

MENSAGEIRO DA PAZ (Testemunho do pastor Carlos Padilha de Siqueira)	191
--	-----

Anexo D

PONTOS DE DOCTRINA E DA FÉ QUE UMA VEZ FOI DADA AOS SANTOS

(Congregação Cristã no Brasil)	193
--------------------------------	-----

Anexo E

INÍCIO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NOS ESTADOS BRASILEIROS	197
---	-----

Anexo F

CREMOS (Síntese da Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil)	199
---	-----

Anexo G

DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS (Dados estatísticos do IBGE)	203
---	-----

Anexo H

CREDO DAS DOCTRINAS BÁSICAS (O Brasil para Cristo)	205
---	-----

Anexo I

REGRA DE FÉ (Igreja Deus é Amor)	209
---	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	213
-----------------------------------	-----

i n t r o d u ç ã o

O pentecostalismo moderno ou avivamento pentecostal revolucionou o pensamento teológico do século 20 e alterou o comportamento das igrejas nos Estados Unidos e no Brasil, na verdade, no mundo inteiro. A experiência pentecostal foi manifestada em todos os continentes, mesmo antes do avivamento da Rua Azusa, que começou em abril de 1906.

O avivamento pentecostal é o maior movimento espiritual dos tempos modernos, como afirma Stanley M. Horton. É uma obra que não teve origem humana. O derramamento do Espírito Santo se espalhou por toda parte dos Estados Unidos, da Europa, da Ásia, da Oceania, da África, da América Central e do Sul, sem que houvesse algum projeto ou plano elaborado por uma igreja, instituição espiritual ou organização religiosa. Até mesmo os líderes de igrejas e movimentos religiosos que receberam a experiência pentecostal nem sequer sabiam interpretar com precisão o que de fato estava acontecendo em seus dias. Não havia uma liderança geral coordenando esse movimento, exceto líderes locais que foram surgindo e procuravam entender esses fenômenos espirituais. O século 20, como disse o historiador pentecostal, Harold Vinson Synan (1934-2015), professor emérito em Histó-

ria da Igreja da Regent University com mestrado e doutorado pela Universidade da Geórgia, é “o século do Espírito Santo”, título de um dos seus livros.¹

Segundo dados do *Atlas of Pentecostalism*,² os pentecostais representam 25% dos cristãos no planeta. Isso significa que um em cada quatro cristãos no mundo é pentecostal ou carismático. Trata-se de uma cifra significativa para um movimento com 120 anos de existência, sendo 110 anos no Brasil. Aquilo que é conhecido como “pentecostalismo” envolve tanto diferenças nos detalhes em torno de um núcleo teológico central como também fases de desenvolvimento das crenças e práticas pentecostais.

O pentecostalismo moderno é a continuação do estilo de vida cristã descrita no livro de Atos dos Apóstolos vivida em nosso tempo. O conceito de pentecostalismo no presente livro envolve os diversos ramos tidos como pentecostais, ou seja, pentecostais clássicos, unicistas, carismáticos e neopentecostais. “Os pentecostais clássicos são aquelas denominações que começaram nos primeiros 25 anos do século 20”.³ O que diferencia os pentecostais dos demais cristãos? É a compreensão da fé cristã radicalmente aberta às operações do Espírito Santo. Trata-se de uma maneira de combinar uma tradição doutrinária ou intelectual com um estilo de vida no poder do Espírito fundamentado nas Escrituras, mais especificamente no livro de Atos dos Apóstolos.

¹ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009.

² O *Atlas of Pentecostalism* [Atlas do Pentecostalismo] é um banco de dados online que busca fornecer uma perspectiva independente sobre o pentecostalismo de maneira a mapear e acompanhar seu crescimento no mundo. O projeto experimental é conduzido por jornalistas que têm por interesse desenvolver um modelo para acompanhar o dinamismo existente nas tendências e crises globais por meio de *big data* e *crowdsourcing*. De acordo com o *Oxford English Dictionary*, *big data* são conjuntos de dados extremamente grandes que podem ser analisados computacionalmente para revelar padrões, tendências e associações, especialmente em relação ao comportamento humano e suas interações; *crowdsourcing* é a prática de obter informações ou contribuições para uma tarefa ou projeto ao contratar os serviços de um grande número de pessoas, remuneradas ou não, normalmente pela Internet.

³ SOARES, Esequias. *O verdadeiro pentecostalismo – a atualidade da doutrina bíblica sobre a atuação do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 10.

O livro *Pentecostalismo brasileiro* é uma pequena amostra da continuação do estilo de vida descrito no livro de Atos dos Apóstolos nos tempos modernos. A presente obra permite ao leitor *conhecer* a origem e o desenvolvimento histórico-teológico, a expansão do pentecostalismo moderno e suas ramificações. O propósito é *mostrar* de forma natural, pela narrativa lucana, que o derramamento do Espírito Santo é para todas as pessoas que professam o nome de Jesus em todos os lugares e em todas as épocas da dispensação da Igreja.

Os relatos histórico-teológicos dos movimentos que antecederam o avivamento da rua Azusa são os temas do capítulo 1. São os protopentecostais, dos quais brotaram as interpretações que contribuíram para o movimento que haveria de mudar a face do cristianismo no planeta. O capítulo 2 mostra como os fundadores do pentecostalismo moderno iniciaram a obra pentecostal e a sua expansão pelo mundo inteiro. O terceiro capítulo trata do surgimento das Assembleias de Deus americanas. O capítulo 4 introduz o pentecostalismo no Brasil, e os capítulos 5 a 10 se referem às principais igrejas pentecostais do Brasil. O objetivo é mostrar que as diferenças entre as igrejas pentecostais são basicamente periféricas, nos detalhes, pois todas ensinam o batismo no Espírito Santo conforme Atos 2.4, distinto da conversão, o falar em línguas como evidência física inicial, e os demais dons espirituais. O capítulo 11 conta como surgiu o pentecostalismo unicista, a divisão que os unicistas causaram no meio pentecostal, assim como suas principais crenças e práticas. Os capítulos 12 e 13 são uma visão panorâmica dos carismáticos e neopentecostais, com sua origem e suas crenças e práticas. A conclusão no capítulo 14 é uma demonstração com base nos fatos apresentados de que o Pentecostes é para todos, pois a “promessa é para vocês e para os seus filhos” (At 2.39).

A minha intenção foi a de produzir um texto com uma visão panorâmica do nosso contexto pentecostal, uma obra de fácil compreensão para que as pessoas conheçam como se formaram as igrejas pentecostais e o pensamento do pentecostalismo no Brasil, a fim de

mostrar que a promessa do Espírito é para todos e encorajar os que ainda não foram batizados no Espírito Santo. Esse projeto surgiu quando a Faculdade Presbiteriana Independente de São Paulo (FATIPI) me convidou para lecionar aos alunos de Teologia a disciplina História das Igrejas Pentecostais no Brasil. Enquanto escrevia as lições, achei que era o momento de aproveitar a ocasião para me aprofundar na pesquisa, o que acabou resultando neste livro.

O assunto não se esgota na presente obra, o leitor tem em mãos um panorama histórico e teológico que, além de tratar da trajetória do pentecostalismo, aponta as fontes que trazem à tona debates teológicos que mostram a origem e o significado do pentecostalismo. Trata-se de um guia para quem deseja compreender o pentecostalismo brasileiro. Esperamos que os fatos despertem a cada um para buscar experiência com o Espírito Santo.

Agradeço à minha esposa, Rute, pelo seu apoio e incentivo; ao meu filho Filipe, e à minha filha, Daniele, pelo apoio e ajuda, principalmente na busca de obras específicas para consulta. Agradeço também ao diretor executivo da CPAD, Ronaldo Rodrigues de Souza, que, além dos incentivos e do apoio à boa literatura cristã, tem dado sempre boa acolhida aos meus trabalhos; ao Dr. Rev. Assir Pereira, pelo honroso convite para lecionar na FATIPI e ao prof. Reginaldo von Zuben, ditador da Faculdade pela boa acolhida. Agradeço ainda ao ministério da Assembleia de Deus de Jundiaí e a outros obreiros que indiretamente colaboram nesta pesquisa, pastores Welbr dos Santos, Paulo Romeiro, evangelista Josué Giamarco, pastor Ayrton Zorzi, José Antônio de Lima Filho, Paulo Kamizaki, Jorge Andrade e Edson Pacheco.

A obra *Pentecostalismo brasileiro* será de grande ajuda para pastores, professores de Escola Bíblica Dominical, para a liderança e para todos que estão ávidos pelo conhecimento pentecostal. Espero que essa obra sirva ao leitor como ferramenta útil de pesquisa no campo do pentecostalismo no Brasil.

capítulo 1

OS ANTECEDENTES DO PENTECOSTALISMO MODERNO

O cessacionismo é um pensamento segundo o qual os milagres e demais dons do Espírito Santo, como falar em línguas, profecias, curas divinas, cessaram com a morte do último apóstolo do Novo Testamento. A ideia cessacionista é pós-bíblica, pois a igreja necessita do revestimento de poder para cumprir sua missão na Grande Comissão. Isso significa a presença dos dons do Espírito Santo até o final da jornada da igreja (1Co 13.8-10).

O QUE ACONTECEU COM OS DONS?

Atos dos Apóstolos e as epístolas revelam um cristianismo dinâmico, a experiência viva dos crentes com o Cristo ressuscitado, cheios do Espírito Santo. Mas, logo cedo na história, depois da morte do último apóstolo se observa um cristianismo sem o dinamismo vívido do período dos apóstolos.

O montanismo

Parece que isso contribuiu para o surgimento do montanismo entre 155-160. Por essa razão, o movimento de Montano aparece com uma teologia que defendia a prática da glossolalia e do profetismo. O movimento não teve boa acolhida pelas principais lideranças da época.

Montano passou para a História como mais um heresiarca, ex-sacerdote de Cibele, divindade dos frígios, que passou a pregar o evangelho do Espírito Santo e a ensinar uma vida semimonástica, como abstenção sexo e carne. Segundo seus críticos, ele encarnava o Paracleto e dizia que o Senhor Jesus Cristo retornaria à terra naqueles dias e para estabelecer a Nova Jerusalém na Frígia. Essa é a caricatura apresentada por seus opositores, segundo Eusébio de Cesareia (*História eclesiástica*, Livro 5.16),¹ mas não sobreviveu nenhum texto produzido pelos montanistas para confir-

¹ CESAREIA, Eusébio de. *História eclesiástica – os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, pp. 181-184.

mar a veracidade dessa acusação. A realidade desses supostos fatos continua sob suspeitas. Tudo o que se sabe vem dos seus opositores, faltando, portanto, o princípio do contraditório.

Qual seria a imagem futura dos pentecostais do século 20 se a fonte literária de pesquisa fosse apenas tudo aquilo que se publicou contra essas igrejas? O que chama a atenção é que Tertuliano se tornou um deles, um montanista. O que levaria um intelectual cristão do nível de Tertuliano a deixar se levar pelo montanismo? Muitos têm dificuldade em considerar o tal movimento uma facção herética.

Estudos recentes revisaram essa questão. Paul Tillich afirma em *História do Pensamento Cristão*: “A igreja cristã excluiu o montanismo do seu seio. Foi um avivamento do Espírito, não há provas que confirmem as acusações feitas contra Montano. Contudo, a vitória sobre o montanismo resultou em perda”.² A acusação não foi por causa dos dons, “mas a alegação de Montano de que as declarações proféticas estavam em pé de igualdade com as Escrituras”.³ Além disso, dizia-se na época que os dons e as experiências dos dias apostólicos haviam sido revogados com a definição do Cânon Sagrado. O que aconteceu de fato, segundo Synan, foi que o movimento de renovação dos montanistas representou uma tentativa de resgatar os *charismata* da Igreja, como línguas e profecias. Muitos estudiosos entendem que a igreja exagerou em sua reação ao montanismo.

A segura teológica

Essa decisão eclesiástica contra o montanismo parece ter encorajado e influenciado muitos líderes que vieram depois. Agostinho de Hipona (354-430) e João Crisóstomo (354-407), bispo de Constantinopla, são exemplos clássicos dessa teologia cessacionista. Para Agostinho, o sinal das línguas “foi dado e então expirou. Não devemos mais ali-

² TILlich, Paul. *História do pensamento cristão*. São Paulo: Aste, 2004, p. 60.

³ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p. 34.

mentar a expectativa de que quem receba a imposição de mãos deva receber o Espírito Santo e falar em línguas” (*Sobre as Epístolas de São João VI.10*).⁴ Stanley Burgess afirma que:

Agostinho em pelo menos cinco ocasiões rejeita o conceito de que as línguas devem ser antecipadas como sinal do recebimento do Espírito Santo é altamente sugestivo. Claramente ele não rejeita os dons do Espírito em geral, pois relata positivamente uma variedade de milagres, incluindo curas divinas, em sua própria congregação em Hipona.⁵

O outro exemplo é o de João Crisóstomo, que em *Homilia sobre 1Coríntios* reconhece a cessação dos dons mencionados 1Coríntios 12.1, 2: “Essa passagem inteira é obscura, mas a obscuridade é produto de nossa ignorância acerca dos fatos referentes à sua cessação, como se então sua ocorrência fosse comum, mas agora não tivesse lugar. E por que eles [os dons] não acontecem hoje?” (vol. XII).⁶ Desse modo, “Dons como a glossolalia (falar em línguas) tornaram-se tão raros que as igrejas acabaram esquecendo a função deles na comunidade cristã”.⁷ Isso não significa que a glossolalia tenha desaparecido da igreja ao longo dos séculos. Burgess mostra precedentes históricos do vínculo do batismo no Espírito Santo com o falar em línguas, tal qual ensina o pentecostalismo moderno: “Reconhecidamente, a ênfase nas línguas é um tanto rara, mas as línguas de fato existiram antes em vários contextos cristãos”.⁸

A ideia da cessação dos dons veio a fazer parte da teologia clássica na Igreja Ocidental, que atravessou toda a Idade Média. “A

⁴ SCHAFF, Philip. *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, vol. VII. Edinburgh: T&T Clark / Grand Rapids, MI: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1991, pp. 497, 498.

⁵ BURGESS, Stanley. “A evidência do Espírito nas antigas igrejas do Oriente”. In: McGEE, Gary (ed. geral). *Evidência inicial – perspectivas históricas e bíblicas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito Santo*. Natal, RN: Carisma, 2019, p. 31.

⁶ SCHAFF, Philip. Op. cit., vol. XII, 1997, p. 168.

⁷ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 36.

⁸ BURGESS, Stanley. Op. cit., p. 24.

notável exceção a esse rastejante cessacionismo foram as igrejas ortodoxas do Oriente. Embora a manifestação espontânea fosse coibida nessas igrejas, a Igreja Ortodoxa jamais adotou a teoria de que os dons do Espírito haviam cessado. A teologia cessacionista foi uma criação da Igreja Ocidental”.⁹ Essa escassez dos dons se manteve no catolicismo durante e após a Reforma Protestante. No entanto, o tema do batismo no Espírito Santo e a glossolalia não evoluiu em Lutero e Calvino.

ANCESTRAIS DO PENTECOSTALISMO NORTE-AMERICANO

A teologia pentecostal não surgiu do nada. Suas raízes vêm de pelo menos três movimentos, segundo Vinson Synan: o movimento de Edward Irving, a Igreja Apostólica Católica; o Movimento de Santidade, metodista, de John Wesley; e o Movimento Vida Superior, de Keswick.¹⁰ Tudo isso era o início de uma reação à secura espiritual de muitos séculos. Esses movimentos restauracionistas se consumaram com o derramamento do Espírito Santo no século 20.

O movimento de Edward Irving

O batismo no Espírito Santo e a glossolalia já haviam sido ensinados na Grã-Bretanha cerca de 75 anos antes do avivamento da Rua Azusa. Edward Irving (1792-1834), teólogo presbiteriano escocês, foi, segundo o *Dicionário do movimento pentecostal*, o precursor do movimento pentecostal e fundou em Londres a Igreja Apostólica Católica.

Por volta de 1830, os pregadores começaram a pesquisar todos os relatos de milagres que haviam ocorrido nas Ilhas Britânicas, e Irving estava à frente dessa investigação. Sua história é contada por

⁹ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 35.

¹⁰ Ibidem, p. 16.

Vinson Synan e David W. Dorries.¹¹ Irving pastoreava a Igreja Presbiteriana em Regent Square, Londres. Ele foi até Port Glasgow, onde havia manifestação de milagres de cura e de glossolalia num grupo de crentes, quando ficou confirmada a veracidade dos fatos. O próprio Irving presenciou a dona da casa, chamada Mary Campbell, falar em línguas. Ela estava morrendo de tuberculose e foi curada e batizada no Espírito Santo.¹² Não somente isso, mas havia dois jovens, irmãos gêmeos, James e George McDonald, que falavam línguas e interpretavam para o idioma inglês. “Em 20 de abril de 1830, no que foi o primeiro registro de um milagre de interpretação de línguas dos tempos modernos, James entregou uma mensagem em línguas, e George a interpretou.”¹³

Uma vez confirmada a autenticidade dos dons do Espírito, Irving decidiu, em abril de 1831, abrir a igreja para reuniões de oração de segunda à sábado, às seis e meia da manhã. Compareciam a essas reuniões de seiscentas a mil pessoas diariamente. Desde sua visita a Escócia, Irving passou a ensinar a glossolalia. Dorries cita alguns lampejos da doutrina pentecostal de Irving extraídos de suas obras: “O batismo com o Espírito Santo, cujo sinal permanente, se não erramos, é o falar em línguas”;¹⁴ veja ainda: “sem dúvida, o batismo com o Espírito Santo, cujo sinal é o falar noutra língua”;¹⁵ e a referência ao “sinal inicial da língua desconhecida”.¹⁶ Ele considerava o dom de línguas “a raiz e o caule de todos eles, dos quais todos crescem e por meio dos quais todos são nutridos”.¹⁷ Irving foi um dos pregadores mais conhecidos de sua época. A igreja sob seus cuidados pastorais recebia em média duas mil

¹¹ Ibidem, pp. 39-42; DORRIES, David W. “Edward Irving e o ‘sinal permanente’ do batismo no Espírito”. In: McGEE, Gary (ed. geral). *Evidência inicial – perspectivas históricas e bíblicas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito Santo*. Natal, RN: Carisma, 2019, pp. 65-83.

¹² DORRIES, David W. Op. cit., p. 66.

¹³ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 40.

¹⁴ Apud DORRIES, David W. Op. cit., p. 76. IRVING, Edward. *The Day of Pentecost or the Baptism with the Holy Ghost*. Edinburg: John Lindsay, 1831, p. 28.

¹⁵ Ibidem, p. 76. *Fraser's Magazine*, janeiro de 1832, p. 759.

¹⁶ Ibidem, p. 76.

¹⁷ Ibidem, p. 76. *Fraser's Magazine*, abril de 1832, p. 316.

peessoas nos cultos regulares, para ouvir suas pregações, principalmente sobre os dons de curar e de falar em línguas.

Irving foi deposto do ministério em 1833, e juntamente com seus amigos formou um novo grupo, a Igreja Apostólica Católica. A nova comunidade de Irving ensinava os dons do Espírito Santo além da doutrina da restauração do ofício apostólico. Ele acreditava que essa restauração era para o fim dos tempos. Como ele mesmo não chegou a falar em línguas, não recebeu o título de apóstolo. “Os apóstolos da igreja decidiram que sua ordem era única e que não haveria sucessores”.¹⁸ O movimento de Irving não sobreviveu tempo suficiente para se juntar aos pentecostais do século 20 e, com a morte do último apóstolo, em 1900, o movimento desapareceu. A tradição pentecostal britânica expressa o mesmo pensamento do pentecostalismo clássico, mas desconectada da Rua Azusa.

O Movimento Holiness

O Movimento Holiness, conhecido como “Movimento de Santidade”, começou dentro da Igreja Metodista, fundada por João Wesley (1703-1784), na Inglaterra. Foi uma tentativa de recuperar o fervor espiritual do século anterior e a doutrina da “segunda obra da graça” na vida cristã, em um esforço de restaurar a fé da igreja dos tempos apostólicos.

A soteriologia wesleyana está estruturada basicamente em duas fases separadas: a primeira é a conversão ou justificação; a segunda é a perfeição cristã ou santificação. Pela doutrina da justificação, segundo Wesley, o pecador recebe o perdão de seus pecados e passa a ser cristão, mas permanece um resquício do pecado interior como resultado da queda de Adão, o que “teria que ser tratado com uma ‘segunda bênção’, propriamente dita. Esta experiência purificava o crente do pecado interior e dava ao homem ‘amor perfeito’ para com Deus e a humanidade”.¹⁹

¹⁸ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 42.

¹⁹ SYNAN, Vinson. *A tradição de santidade e do pentecostalismo: movimentos carismáticos no século XX*. Maceió, AL: Sal Cultural, 2019, p.16.

Esse perfeccionismo veio a ser a doutrina distintiva do metodismo. A Igreja Metodista se tornou a primeira grande igreja da Santidade. Esse movimento exerceu influência na maioria das denominações dos Estados Unidos a partir do século 19.²⁰

Os acampamentos, conhecidos como *camp meetings*,²¹ tornaram-se parte da religião popular nos Estados Unidos no final do século 18 e início do século 19, numa época em que não havia espaços apropriados para as comunidades religiosas. Assim, sob a liderança de pregadores avivalistas, pastores e líderes itinerantes, os participantes se reuniam em barracas armadas, às vezes, até em clareiras abertas no meio do mato. Essas práticas inovadoras vieram a ser um dos principais meios de expansão do Movimento de Santidade.²²

Foi a partir de 1835 que Pheobe Palmer (1807-1874), esposa de um médico, Dr. Walter Palmer, começou a reunir pessoas em sua casa - e fez isso por mais de sessenta anos - em encontros semanais para promover a santidade; como afirma Eddie Hyatt: “Em 1840, Palmer se tornou a líder do *Encontro de terça para a busca da santidade*”.²³ Ela se transformou “numa expressiva liderança do Avivamento de Santidade”.²⁴ Essas reuniões foram se multiplicando nos lares por diversas regiões dos Estados Unidos. A princípio, eram voltadas para mulheres, mas os homens tiveram participação a partir de 1839. Segundo Donald Dayton, esses encontros se tornaram “um centro de renovação da doutrina Wesleyana da Perfeição

²⁰ Para uma visão mais ampla sobre o Movimento de Santidade, ver HYATT, Eddie. *2000 anos de cristianismo carismático – um olhar do século 21 na história da Igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal*. Natal, RN: Carisma, 2019, pp. 159-169; DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo*. Natal, RN: Carisma, 2018, pp. 114-126.

²¹ *Camp meeting* é um tipo de encontro de reavivamento ao ar livre que acontecia na fronteira americana durante o século XIX em várias denominações protestantes. Esse fenômeno atendia à necessidade eclesial e espiritual dos assentamentos sem igreja conforme a população se deslocava para o oeste do país. Embora o início seja desconhecido, historiadores costumam identificar o primeiro encontro desse tipo em 1799-1801, no condado de Logan, Kentucky, inaugurado por James McGready (1760–1817) (*Encyclopaedia Britannica*).

²² DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo*. Natal, RN: Carisma, 2018, p. 41 (nota do tradutor).

²³ HYATT, Eddie. *2000 anos de cristianismo carismático – um olhar do século 21 na história da Igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal*. Natal, RN: Carisma, 2019, p. 160.

²⁴ DAYTON, Donald. Op. cit., p. 115.

Cristã, chegando a envolver até mesmo bispos e líderes da Igreja Metodista Episcopal, e estendendo influência muito além dos limites denominacionais”.²⁵ Palmer era uma metodista leiga que nunca foi ordenada, mas exerceu forte influência em sua geração, a ponto de ser chamada de “a teóloga mais influente que a igreja já teve”.²⁶ Ela editou entre 1864-1874 a revista *The Guide to Holiness*, [O Guia para a Santidade], o mais influente periódico do Movimento Holiness daquela época.

A doutrina wesleyana da perfeição cristã como segunda obra da graça, distinta da justificação, é conhecida também como “santificação plena, perfeito amor, pureza de coração”. Esse ensino chegou à América do Norte e inspirou o crescimento do Movimento de Santidade. O entendimento desse ensino da “segunda bênção” foi se ampliando com o tempo. John Fletcher, conselheiro de confiança de Wesley, foi o primeiro a chamar essa segunda obra da graça de “batismo no Espírito Santo”, referindo-se a ela como uma experiência de purificação, segundo Synan.²⁷ “Muitos desses crentes eram comprometidos com uma soteriologia de dois estágios e criam na busca de uma experiência pós-conversão, que comumente chamava de ‘santificação plena’”.²⁸ Isso levou um número considerável de crentes a sustentar a posição da “segunda bênção” para purificar o cristão do “pecado interior” como um preparo para receber o batismo no Espírito Santo.

No Movimento de Santidade se ensinava também que poder e santidade eram a mesma coisa: “pureza e poder são idênticos”. Segundo Phoebe Palmer, “santidade possui tal poder que despertará qualquer igreja que esteja afundando”.²⁹ Nesse contexto, surge no Movimento de Santidade a crença de que o batismo no Espírito Santo purifica e dá

²⁵ Ibidem, p. 115.

²⁶ HYATT, Eddie. Op. cit., p. 160.

²⁷ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p.16.

²⁸ MENZIES, William & Robert. *No poder do Espírito – fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo*. Natal, RN: Carisma, 2020, p. 22.

²⁹ PALMER, Phoebe. *Four Years in the Old World*. New York: Foster & Palmer Jr. Publishers, 1866, p. 395.

poder: “O batismo com o Espírito Santo purifica o coração dos crentes e os empodera para o serviço”.³⁰

A ideia de que esse batismo purifica foi ganhando espaço no movimento. E. P. Ellyson, da Igreja do Nazareno, e Russell R. Byrun, da Igreja de Deus, de Anderson, Indiana, ensinaram essa doutrina.³¹ Na última década do século 19, havia um grupo no Movimento de Santidade que discordava da ideia de Phoebe Palmer de que “santidade é poder”; afirmava-se que “o batismo no Espírito Santo e a pureza plena do coração não são idênticos e nem inseparavelmente conectadas”.³² É o ensino das três bênçãos. Os principais líderes do pentecostalismo moderno, como Charles F. Parham e William J. Seymour, ensinaram essa doutrina até o fim da vida.

O Movimento Holiness é descrito por Antonio Gouvêa Mendonça como “um reavivamento religioso com traços tênues do calvinismo modificado pelo arminianismo e tintas fortes do pietismo alemão”.³³ É consenso entre pesquisadores e historiadores que “o Pentecostalismo surgiu do Movimento da Santidade”.³⁴ Synan registrou: “Não é exagero, portanto, dizer que o pentecostalismo do século XX, pelo menos nos Estados Unidos, nasceu em berço *holiness*”.³⁵ Os principais líderes do pentecostalismo moderno vieram desse movimento ou tiveram alguma ligação com ele.

A partir do Movimento de Santidade nas últimas décadas do século 19, formaram-se muitas comunidades pentecostais cujos pregadores e mestres ensinavam que havia duas bênçãos disponíveis aos crentes. Synan lista as principais no capítulo 5 de sua obra intitulada *O século do Espírito Santo*. Entre elas, podemos destacar a Igreja de Deus em Cristo,

³⁰ Apud DAYTON, Donald. Op. cit., p. 162; MORRISON, H. C. *The Baptism with the Holy Ghost*. Pentecostal Publishing Company, 1900, p. 31.

³¹ Ibidem, pp. 161-163.

³² DAYTON, Donald. Op. cit., p. 170.

³³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos – o campo religioso e seus personagens*. São Paulo: Metodista, 2008, p. 134.

³⁴ MCGEE, Gary. “Panorama Histórico”. In: HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática - uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 13; MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 47.

³⁵ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 17.

fundada em 1896, no estado de Tennessee, e considerada a primeira denominação pentecostal legalizada nos Estados Unidos, em 1897. Sua origem, história e cultura se estendem aos negros norte-americanos. Seus principais líderes são Charles Harris Mason e Charles Price Jones.

As duas maiores denominações que resultaram do Movimento de Santidade a partir da década de 1890 são a Igreja do Nazareno e a Igreja da Santidade Peregrina. Mas ambas são fusões de outras igrejas, ainda segundo Synan. A Igreja do Nazareno surgiu em 1914 como uma fusão de seis igrejas fundadas entre 1887 e 1908 e de outra, originalmente chamada União Internacional de Santidade Apostólica, fundada em 1897, que em 1922 adotou o nome de Igreja da Santidade Peregrina após a fusão com outras três igrejas.

Podemos acrescentar mais algumas. A Igreja Holiness Pentecostal foi organizada em 1898. Antes do início do Movimento Pentecostal nos Estados Unidos, Vinson Synan foi membro, pastor e evangelista dessa igreja. Outro grupo é a Igreja Holiness Batizada com Fogo, formada em 1895 no estado de Iowa, nos Estados Unidos, pelo pregador e ex-batista H. Irwin, que ensinava o batismo no Espírito Santo como terceira bênção. A Igreja de Deus de Cleveland, como havia inúmeras comunidades com o nome “Igreja de Deus”, as principais e as maiores delas recebiam o nome da localidade de sua sede, mas em Cleveland, havia mais duas igrejas com o mesmo nome: a Igreja de Deus da Profecia e a Igreja de Deus dos Campos de Jerusalém. A Igreja Santa Unida começou como resultado de um avivamento *holiness* numa congregação batista afro-americana em Method, subúrbio de Raleigh, na Carolina do Norte. Os líderes da igreja consideraram o avivamento contrário aos ensinamentos da denominação e por essa razão convidaram o grupo a se retirar da Igreja Batista. Foi assim que esse grupo iniciou a Igreja Santa Unida em 1886.

O Movimento Vida Superior

O Movimento Vida Superior, por vezes referido como Movimento Keswick, porque foi promovido na região de Keswick surgiu a partir de

1875 como resultado de dois encontros para promoção da santidade bíblica, em Oxford, 1874, e em Brighton, 1875, ambos na Inglaterra. Seus líderes eram os mestres do Movimento de Santidade, Adoniram J. Gordon, Dwight L. Moody, Reuben A. Torrey e Albert B. Simpson, que logo trocaram a ênfase da segunda bênção, “a pureza de coração”, pelo “revestimento de poder espiritual para o serviço”. Os conferencistas de Keswick entendiam que o batismo no Espírito Santo resultava numa vida de vitória contínua, que eles chamavam de “vida superior”, ou seja, mais profunda ou mais sublime, caracterizada pela plenitude do Espírito.³⁶ “O ensino de Keswick, diferentemente do ensino wesleyano, enfatizava a vida cristã como um processo em vez de um momento decisivo de ‘santificação plena’”.³⁷ Como disse Gary McGee: “Esta veio a ser a interpretação preferida ao conceito wesleyano, que sustentava que o batismo no Espírito Santo produzia a perfeição cristã”.³⁸ Muitas igrejas do Movimento de Santidade se tornaram posteriormente pentecostais, pois “tão somente acrescentaram o batismo no Espírito Santo com línguas como evidência inicial de uma ‘terceira bênção’”.³⁹

Esses líderes do movimento de Keswick são os precursores do pentecostalismo moderno. A. J. Gordon (1836-1895), pastor da Igreja Batista em Boston, no estado de Massachussets, e fundador do Gordon College, considera em seu livro *The Ministry of the Spirit* [O Ministério do Espírito], publicado em 1894, o dom do batismo no Espírito Santo uma “subsequente operação; é uma bênção adicional e separada”, cujo propósito é “nossa qualificação para o mais alto e efetivo serviço na Igreja de Cristo”.⁴⁰ Ele deu ênfase ao Espírito Santo nesse livro, mas continuou preservando a santificação com suas formulações.

³⁶ GONÇALVES, José. “A forma como os tradicionais A. B. Simpson, D. L. Moody e R. A. Torrey influenciaram o pentecostalismo”. In: *Manual do obreiro*, ano 28, no. 34, pp. 16-21. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

³⁷ MENZIES, William & Robert. Op. cit. p. 22.

³⁸ MCGEE, Gary B. “Panorama Histórico”. In: HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática - uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 13.

³⁹ SYNAN, Vinson. Op. cit., 17.

⁴⁰ Apud DAYTON, Donald. Op. cit., p. 189. GORDON, A. J. *The Ministry of the Spirit*. New York: Fleming H. Revell, 1984, p. ix-x.

Dwight L. Moody (1837-1899) nasceu em uma família pobre e possuía pouca escolaridade, nunca foi além do sexto ano de escola. Fundou em 1864 uma igreja em Chicago, inaugurou três escolas e durante sua vida pregou para mais de 1 milhão de pessoas, face a face. Como A. J. Gordon, Moody também adotou o ensino de um batismo no Espírito Santo posterior à regeneração. Nunca ficou provado se ele falou ou não línguas; antes, segundo Stanley Burgess, todos eles, com exceção de A. B. Simpson, “ensinaram que as línguas haviam cessado”.⁴¹ Mas há registros de manifestação de curas divinas, línguas e profecias nas campanhas evangelísticas de Moody.⁴² “Ainda que o falar em línguas não seja destacado como uma característica importante do avivamento da santidade do século XIX, isso aconteceu algumas vezes”.⁴³

Reuben A. Torrey (1856-1928) foi companheiro e herdeiro espiritual de Dwight L. Moody, que em 1890 o nomeou diretor do seu Instituto Bíblico. Torrey é um respeitado teólogo que defendeu com muita propriedade o ensino de Moody de que o batismo no Espírito Santo é uma segunda bênção, distinta da salvação: “É uma operação do Espírito Santo, separada e distinta de Sua obra regeneradora. Ser regenerado pelo Espírito Santo é uma coisa, e ser batizado com o Espírito Santo é algo totalmente diferente, é uma outra coisa”.⁴⁴ Por meio do Instituto Bíblico, ele popularizou esse ensinamento que muito contribuiu para a formação do pentecostalismo moderno, como disse o pastor José Gonçalves: “As suas obras teriam uma grande influência na formação doutrinária do pentecostalismo clássico”.⁴⁵ Mas Torrey fez duras críticas ao movimento da Rua Azusa. Tanto ele como Moody, como já esclarecido, consideravam o batismo no Espírito Santo algo distinto da conversão, mas o entendimento deles sobre a glossolalia contraria o pentecostalismo moderno.

⁴¹ BURGESS, Stanley. Op. cit., p. 63.

⁴² Apud HYATT, Eddie. Op. cit., p. 167. LINDSAY, Gordon. *The Speaking in Tongues in Church History*. Voice of Healing, August, 1964, p. 3.

⁴³ HYATT, Eddie. Op. cit., p. 168.

⁴⁴ TORREY, R. A. *O batismo com o Espírito Santo: o que é, o que faz e como obtê-la*. Venda Nova, MG: Betânia, 1975, p. 5.

⁴⁵ GONÇALVES, José. Op. cit., p. 20.

Embora Torrey tenha reagido veementemente à ênfase dos pentecostais dada às línguas como sendo evidência inicial do batismo do Espírito Santo, tanto ele quanto Moody tiveram um papel vital ao lançar as bases para aquele movimento por meio de sua ênfase no batismo no Espírito Santo e de sua abertura para as manifestações do Espírito.⁴⁶

A. B. Simpson (1843-1919) foi pregador, avivalista, teólogo e grande incentivador das missões mundiais. Nascido no Canadá, após sua graduação no Knox College, em Toronto, foi ordenado em 1865 pela Igreja Presbiteriana, a qual pastoreou até 1873, quando se transferiu para os Estados Unidos e assumiu o pastorado da Igreja de Louisville, Kentucky, no período de 1874-1879. Ali Simpson recebeu o batismo no Espírito Santo, no primeiro ano do pastorado. Depois pastoreou a Igreja Presbiteriana da Rua 33 em Nova Iorque. “Ele renunciou a seu pastorado da Thirteenth Street Presbyterian Church, em New York City, em 1881, para fundar uma igreja independente, mais tarde denominada Gospel Tabernacle, para o propósito de evangelizar as massas sem igrejas de New York City”.⁴⁷ A Aliança Missionária Cristã era uma denominação formada por igrejas em 51 países, com cerca de 2 milhões de membros.⁴⁸ “Seu compromisso com a evangelização da população pobre nova-iorquina o levou a deixar sua denominação em 1881, atuando principalmente entre pobres, imigrantes, prostitutas, população sem-teto e gente doente. Tal compromisso motivou seu envolvimento com a evangelização de povos em outros continentes. Em 1877, Simpson fundou a Aliança Cristã Missionária”.⁴⁹ Sua sede era em Nyack, Nova Iorque.

De todos os mestres do Movimento Vida Superior citados anteriormente, foi a teologia de A. B. Simpson que teve mais destaque no

⁴⁶ HYATT, Eddie. Op. cit., p. 168.

⁴⁷ ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 808.

⁴⁸ Ibidem, p. 185.

⁴⁹ DAYTON, Donald. Op. cit., 52.

avivamento da Rua Azusa: “É um fato que a Teologia Pentecostal bebeu muito da fonte de Simpson”.⁵⁰ Como A. J. Gordon, Dwight L. Moody e Reuben A. Torrey, Simpson também defendia a doutrina do batismo no Espírito Santo como experiência subsequente à conversão, mas discordava deles no que diz respeito à glossolalia. As línguas poderiam ser ininteligíveis ou reais, ou seja, conhecidas ou desconhecidas, mas não tinham a função de evangelizar as nações pagãs. Simpson considerava a glossolalia um dom entre os demais e, segundo ele, a atitude a ser adotada pelos pastores deveria ser “não busquem, não proíbam”.

Sua dificuldade surgiu a partir de 1907, quando seus alunos e professores começaram a falar em línguas. “Depois de muita reflexão e, mesmo buscando a experiência em línguas, o presidente da instituição decidiu que as línguas eram apenas ‘uma das evidências’ da habitação do Espírito Santo. As línguas seriam permitidas nos cultos da Aliança Cristã Missionária, mas não seriam incentivadas.”⁵¹

Apesar de sua teologia ter exercido importante influência sobre os pentecostais, Simpson fez duras críticas ao movimento: “Ele acusou a doutrina pentecostal da evidência inicial de focalizar as manifestações espirituais em detrimento de uma vida devocional mais profunda com Deus e de reduzir o zelo evangelístico da igreja”.⁵²

⁵⁰ GONÇALVES, José. Op. cit., p. 17.

⁵¹ SYNAN, Vinson. *A tradição de santidade*, p. 127.

⁵² Ibidem, p. 18.

capítulo 2

OS ANCESTRAIS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

Os fundadores do pentecostalismo no Brasil foram um italiano e dois suecos, mas todos eles vieram dos Estados Unidos, onde tiveram a experiência pentecostal. Visto que os pais na fé dos pioneiros no Brasil eram americanos, é natural esperar certas características do pentecostalismo norte-americano em nosso país. Os três principais líderes que os influenciaram foram Charles Fox Parham (1873-1929), William Joseph Seymour (1870-1922), indiretamente, e, William Howard Durham (1872-1936), diretamente.

CHARLES FOX PARHAM

Charles Fox Parham era um metodista itinerante convertido ao Movimento de Santidade e pregador de curas pela fé. Parham é tido por muitos como o fundador do pentecostalismo moderno. Isso é questionado por outros com o argumento de que o aniquilacionismo,¹ a teoria britânico-israelense² e o xenoglossismo³ eram alguns dos pontos distintivos de sua doutrina e nunca se tornaram parte da teologia pentecostal. Mas ele “é considerado o primeiro a desenvolver o argumento teológico de que as línguas são sempre a evidência inicial de que uma pessoa recebeu o batismo com o Espí-

¹ O aniquilacionismo é a doutrina do aniquilamento da alma humana na sua morte; isso já era ensinado pelos saduceus (At 23.8) a quem Jesus refutou (Mt 22.29-32). O termo vem do latim, *nihil*, “nada”. Para os seguidores dessa teoria, o ser humano deixa de existir depois da morte.

² A teoria britânico-israelense é uma crença bizarra e racista que afirma serem os britânicos descendentes das dez tribos de Israel levadas em cativeiro pelos assírios em 722 a.C.; segundo seus expoentes, eles nunca mais voltaram à terra dos seus antepassados. A posição do israelismo britânico é que somente a tribo de Judá retornou à Terra de Israel, e as demais tribos são os povos ingleses e norte-americanos. Mas não há sustentação bíblica para essa teoria. A palavra profética anuncia a reunificação dos dois reinos, Norte e Sul, Israel e Judá (Ez 37.19-22; Os 1.11). Os relatos históricos de Esdras e Neemias mostram a restauração das doze tribos de Israel (Ed 2.2, 70; 6.17; 8.29, 35; Nm 7.7). A profetisa Ana, filha de Fanuel, era da tribo de Aser (Lc 2.36). Os termos judeus e israelitas no período do Segundo Templo se tornaram sinônimos.

³ A *xenolalia* ou *xenoglossia* é a habilidade de falar uma língua que o indivíduo não aprendeu. Os pioneiros pentecostais da Rua Azusa pensavam que o dom de línguas fosse uma xenolalia, e, por isso, esperavam evangelizar rapidamente o mundo com esse recurso. Mas, logo esses pioneiros desistiram dessa ideia xenolálica missionária.

rito Santo”.⁴ Roger Stronstad aponta três pontos doutrinários fundamentais de Parham que influenciaram de forma direta o avivamento da Rua Azusa em 1906, e não somente esse fenômeno, mas também a criação do movimento pentecostal no mundo inteiro, e que são mantidos ainda hoje pelos pentecostais clássicos: a) a convicção de que a experiência cristã contemporânea deve ser idêntica à dos dias apostólicos; b) a conversão e o batismo no Espírito Santo são duas experiências distintas e separadas; c) o falar em línguas é a evidência inquestionável e a prova do batismo no Espírito Santo.⁵

Parham nasceu em Muscatine, Iowa, e teve muitos problemas de saúde na adolescência, período em que se convenceu de seu chamado para o ministério cristão. Posteriormente, ele foi curado de suas enfermidades.⁶ Sua mãe faleceu quando ele estava com 13 anos de idade; foi nesse mesmo ano, 1886, que aconteceu sua conversão na Igreja Congregacional. Seus pais não eram religiosos. Aos 15 anos de idade, Parham já ensinava na Escola Dominical da Igreja Metodista. Apegado à leitura bíblica desde a adolescência, assumiu, ainda muito novo, aos 20 anos de idade, o pastorado de uma Igreja em Eudora, Kansas; no entanto, em 1895, entregou a licença de pregador local, deixando o denominacionismo para sempre. Desse modo, tornou-se itinerante e independente até o fim de sua vida.

Charles Parham se estabeleceu em Topeka, Kansas, em 1898, onde implantou a Escola Bíblica Betel e a Casa da Cura. Desde muito cedo em sua vida, ele buscava também o ministério de cura; desejava ser médico, para exercer esse ministério, e chegou a se matricular num curso de medicina, mas desistiu da carreira médica. Em 1900, ele buscou contato com os mestres do Movimento Vida Superior e viajou de Topeka para vários locais e ministérios no norte do país, como a Alian-

⁴ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p. 65.

⁵ STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal: espírito, escritura e teologia*. Natal, RN: Carisma, 2020, p. 26.

⁶ Para uma biografia de Charles Fox Parham, veja SYNAN, Vinson. Op. cit. pp. 63-69; GOFF, JR. James R. “Línguas iniciais na teologia de Charles Fox Parham”. In: MCGEE, Gary (ed. geral). *Evidência inicial*. Natal, RN: Carisma, 2018, pp. 172, 173.

ça Missionária Cristã de A. B. Simpson, em Nyack, Nova Iorque; a Igreja de A. J. Gordon, em Boston; e a “Igreja Espírito Santo e Nós”, Frank Sandford, em Shiloh, Maine, onde se deparou com alguém falando em línguas: “Parham ouviu a glossolalia pela primeira vez quando vários estudantes desceram de uma ‘torre de oração’ falando línguas depois de várias horas de oração intercessória”.⁷ Era o desejo dele ter mais profundidade e mais experiências com Espírito Santo.⁸ Ao retornar a Topeka, declarou: “Voltei para casa totalmente convencido de que, enquanto muitos haviam obtido experiências reais de santificação e de unção permanente, ainda havia restado um grande derramamento de poder para os cristãos da geração atual”.⁹ Nesses mestres do Movimento Vida Superior estão as fontes da teologia da Parham.

Em dezembro desse mesmo ano, 1900, Parham encarregou seus alunos de pesquisarem na Bíblia algum sinal específico do batismo no Espírito Santo. Ele escreveu: “Em dezembro de 1900, tivemos os exames sobre os temas do arrependimento, conversão, consagração, santificação, cura e iminente volta do Senhor”. Mas havia ainda um problema a ser resolvido, o batismo no Espírito Santo: “O que fazer com o segundo capítulo de Atos?”, pergunta ele. Então, ele mesmo afirma: “Determinei que os estudantes trabalhassem estudando diligentemente sobre qual era a evidência bíblica do batismo do Espírito Santo”.¹⁰ Parham precisou se ausentar durante três dias para palestras, e nesse período seus alunos se debruçaram sobre as Escrituras com oração e jejum e foram unânimes na conclusão de que “falar em outras línguas constituía a única prova bíblica do batismo com o Espírito Santo”.¹¹

⁷ SYNAN, Vinson. *A tradição de santidade e do pentecostalismo: movimentos carismáticos no século XX*. Maceió, AL: Sal Cultural, 2019, p. 82.

⁸ HYATT, Eddie. Op. cit., pp. 85-102.

⁹ Apud HYATT, Eddie. Ibidem, p. 173. Sarah Parham. *The life of Charles F. Parham*. Baxter Springs, KS: Apostolic Faith Bible College, 1930, p. 48.

¹⁰ Apud DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo*. Natal, RN: Carisma, 2018, p. 47. Sarah E. Parham. *The life of Charles F. Parham. Founder of the Apostolic Faith Movement*. Three-State Print, 1930; reprint (Joplin, MO: Hunter Printing, 1969).

¹¹ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p. 65.

A resposta veio em 1º de janeiro de 1901, quando Agnes N. Ozman (1870-1937), uma aluna da Escola Bíblica Betel em Topeka pediu que Parham estendesse as mãos sobre ela. O pedido foi atendido: a aluna desejava receber o batismo no Espírito Santo e Deus honrou sua fé, pois ela recebeu o batismo no Espírito Santo e falou em línguas pelos três dias que se seguiram. Ela falou em chinês e não conseguia falar em inglês. Até tentou escrever em inglês para contar sua experiência, “mas só escrevia em chinês. Cópias do que ela escreveu foram publicadas em jornais da época”.¹² Depois de Agnes, no dia 3 de janeiro, outros alunos também receberam o batismo e falaram línguas. Um pouco mais tarde, Parham recebeu a mesma experiência e passou a pregar essa novidade em todas as suas reuniões.¹³ Joseph Roswell Flower, um dos fundadores das Assembleias de Deus nos Estados Unidos, disse num artigo publicado em 1955 que o batismo da senhora Agnes foi “um átomo espiritual que explodiu e produziu uma nuvem de efeitos. As partículas ativadas difundiram-se pelo Kansas, para o Missouri, ao Texas, e finalmente a Los Angeles, na Califórnia. Dali explodiu para toda a parte da Terra”.¹⁴

Segundo historiadores e pesquisadores, o que aconteceu na Escola de Topeka marca o início do pentecostalismo moderno, exatamente no primeiro dia do século 20, em 1º de janeiro de 1901: “Uma vez que Topeka e o resto do território norte-americano celebravam a chegada do novo século, pouca gente poderia imaginar que aquele discreto evento seria o estopim do movimento pentecostal e carismático mundial, um dos maiores despertamentos espirituais e missionários da história da igreja”.¹⁵

E para além desse evento específico, os alunos de Parham falaram em 21 idiomas conhecidos, entre eles sueco, russo, búlgaro, japonês,

¹² Vilson Synan transcreve na obra acima citada essa citação e apresenta no rodapé quatro obras como fontes dessa informação, p. 66.

¹³ SYNAN, Vinson. *A tradição de santidade*, p. 83.

¹⁴ FLOWER, J. Roswell. “Sob o fogo do Espírito”. In: *Manual do obreiro*, ano 28, no. 34, p. 23. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

¹⁵ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p. 15.

norueguês, francês, húngaro, italiano e espanhol. “De acordo com Parham, nenhum dos alunos havia estudado os idiomas falados, e todos os casos foram confirmados como autênticos por nativos daquelas línguas.”¹⁶ Até o fim de sua vida, Parham sustentou a ideia de que as línguas eram para o uso missionário, que o Espírito Santo capacitaria de forma milagrosa as pessoas a falarem qualquer idioma desde que assim fosse necessário. Mas os pioneiros do avivamento da Rua Azusa desistiram dessa ideia ainda muito cedo.

Assim, Agnes Ozman é considerada “a primeira pessoa a receber a experiência, acompanhada por diversos outros alunos e pelo professor, Charles Fox Parham”.¹⁷ Parham influenciou o movimento com o pensamento único do falar em línguas como evidência do batismo no Espírito Santo. “No entanto, o pentecostalismo tem uma grande dívida com o controverso evangelista. Parham impregnou o movimento com uma doutrina única – o batismo do Espírito Santo evidenciado pelo falar em línguas. Igualmente importante foi sua ênfase nas missões do fim dos tempos.”¹⁸

Em 1899, Parham fundou o jornal *Apostolic Faith* [Fé Apostólica], que serviu de modelo para todos os demais jornais de linha pentecostal, desde o periódico de William Seymour, na Rua Azusa, até o de Florence Crawford, em Portland, Oregon. A circulação total das edições de Seymour foi de 50 mil exemplares numa curta duração de 1906 a 1908, mas as edições originais de Parham duraram cerca de quatro décadas: “Quando da morte de seu fundador em 1929, contava com 1.400 assinantes e tinha uma quantidade regular de leitores entre 4.000 e 5.000”.¹⁹ Esse movimento de fé apostólica foi crescendo gradualmente em poder espiritual e em influência.

¹⁶ Ibidem, p. 66.

¹⁷ *História do avivamento pentecostal de Azusa Street – Centenário – Los Angeles, EUA - 1906-2006*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 11. Livreto traduzido do inglês, extraído do site Azusa Street Revival.

¹⁸ GOFF, JR. James R. “Línguas iniciais na teologia de Charles Fox Parham”. In: MCGEE, Gary (ed. geral). *Evidência inicial*. Natal, RN: Carisma, 2019, p. 102.

¹⁹ ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 25.

WILLIAM JOSEPH SEYMOUR

Um discípulo de Parham, William J. Seymour, foi quem liderou o movimento da Rua Azusa. Nascido em Centerville (St. Mary Parish), na Louisiana, filho de escravos libertos, “Seymour era um negro baixinho e robusto, cego de um olho e agraciado com um espírito manso e humilde”.²⁰ Segundo Synan, Seymour se transferiu no início de sua fase adulta para Indianápolis, onde se filiou a uma igreja metódista. Depois de sua conversão, ele se juntou ao Movimento Holiness. Em 1905, mudou-se para Houston, no Texas, à procura de parentes, quando se juntou a uma pequena igreja formada por negros do Movimento de Santidade, independente e pastoreada por uma mulher, Lucy Farrow, que o convidou a pastorear o rebanho em seu lugar, pois precisava se transferir para Kansas City, para trabalhar na casa de Parham. Seymour assumiu interinamente o pastorado da igreja em lugar de Farrow. Ele se saiu muito bem e conquistou boa reputação entre os cristãos da região.

Parham, porém, não foi bem-sucedido nos quatro anos que seguiram a experiência de 1º de janeiro de 1901. Em 1905, ele transferiu seu ministério para Houston, onde começou a dar aulas de treinamento bíblico. A escola contava com 34 alunos, e Seymour era um deles. “Seymour frequentou fielmente essas aulas apesar das leis de segregação da época, o que forçou a sentar no corredor próximo a entrada da sala enquanto escutava Parham e outros ensinarem. Seymour não tinha permissão nem mesmo para orar junto com os outros na busca pelo batismo no Espírito Santo”.²¹

Como Seymour chegou a Los Angeles, na Califórnia? Na primavera de 1906 (hemisfério norte), o pastor da Segunda Igreja Batista havia exigido que uma irmã, de nome Julia Hutchins, e os que

²⁰ SYNAN, Vinson. Op. cit. p. 69.

²¹ *História do avivamento pentecostal de Azusa Street*... p. 29.

acompanhavam seus ensinoss deixassem a igreja. A irmã Julia, após vivenciar sua experiência da “segunda bênção” do Movimento de Santidade, “começou a ensinar a doutrina *holiness* da santificação como obra separada da graça subsequente à salvação. Seus ensinoss foram avidamente recebidos por todos os que naquela igreja buscavam o toque de Deus”. Um número considerável de crentes do grupo *holiness* aceitava esse ensino, por isso, o pastor mandou que a irmã Julia e seus simpatizantes se retirassem da igreja. Era um grupo de nove famílias que se reuniu por algum tempo em tendas, mas via a necessidade de ter um pastor permanente. A senhorita Neely Terry, que havia conhecido William Seymour em Houston, fazia parte do grupo da pastora Julia, e, por sugestão dela, o convite foi feito a Seymour. “Seymour partiu, com a bênção e o apoio financeiro de Parham, disposto a espalhar a doutrina pentecostal, embora ele mesmo ainda não fosse batizado com o Espírito Santo.”²²

Seymour pregou num domingo de manhã seu primeiro sermão sobre o batismo no Espírito Santo, com base em Atos 2.4: “Seymour declarou que Deus tem uma terceira bênção, além da santificação, a saber, o Batismo do Espírito Santo, acompanhado do falar em línguas”.²³ Os ouvintes discordaram de sua mensagem pentecostal e, além disso, ele nem tinha sido batizado, razão pela qual foi proibido de pregar. A doutrina de Seymour se chocava com a crença *holiness*. Reily diz que Seymour foi expulso. Synan explica que, ao retornar para o culto à noite, Seymour “encontrou as portas da missão fechadas com cadeado”. Por essa razão, um pequeno grupo de famílias deixou a missão da pastora Julia e levou Seymour a um ministério independente. A princípio, ele pregava para as pessoas que aceitaram sua doutrina na casa onde havia se hospedado anteriormente, de um americano descendente de irlandês, Owen Lee, que frequentava uma das missões *holiness*. Logo a casa ficou

²² SYNAN, Vinson. Op. cit. p. 70.

²³ REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2003, p. 365.

pequena e, dessa forma, a família Richard e Ruth Asbery, parente da irmã Neely Terry, o convidou para dirigir encontros de oração e estudos bíblicos na casa deles, na 214 Bonnie Brae Street, em Los Angeles.

Logo, várias pessoas foram batizadas no Espírito Santo e começaram a falar em línguas; entre essas pessoas, estava Seymour. Era o dia 12 de abril de 1906, às 4 horas da madrugada, depois de ter ele orado a noite toda. Antes disso, em 9 de abril, teve início o derramamento do Espírito, e Jennie Moore, que veio a ser esposa de Seymour, foi a primeira pessoa a ser batizada no Espírito Santo em Los Angeles. “Ela começou a cantar em línguas e a tocar piano sob o poder de Deus, sem nunca antes ter aprendido tocar esse instrumento.”²⁴ O local ainda é ponto turístico em Los Angeles, e esse piano continua no mesmo local até hoje. Era o início do Pentecostes na Califórnia; “outro átomo espiritual foi explodido, o qual espalhou a mensagem pentecostal até os confins da Terra”, afirma Joseph R. Flower.²⁵

Com esse derramamento do Espírito, cresceu o interesse pelos cultos de oração, de modo que a casa não comportava as multidões. Isso levou o grupo de estudo bíblico de Bonnie Brae a alugar um prédio antigo na Rua Azusa, 312, o qual havia sido usado pela Igreja Episcopal Metodista Africana, mas, que no momento, funcionava como estábulo para animais. Aí se iniciou a Missão de Fé Apostólica sob a liderança de Seymour. Foi em 18 de abril de 1906 que um jornalista do jornal *Los Angeles Daily Times* escreveu uma matéria de primeira página: “Babel de Línguas Estranhas”. O repórter começa o artigo com as seguintes palavras: “Fazendo declarações estranhas e expressando um credo que nenhum mortal em sã consciência pode entender, a mais nova seita religiosa começou em Los Angeles”. Ele estava se referindo à Missão de Fé Apostólica, da Rua Azusa.

²⁴ *História do avivamento pentecostal de Azusa Street...*, p. 29. Ver relato completo sobre a vida de Seymour em ROBECK JR., Cecil. “William J. Seymour e ‘a evidência bíblica’”. In: McGEE, Gary (ed. geral). *Evidência inicial*. Natal, RN: Carisma, 2019, pp. 103-129.

²⁵ FLOWER, J. Roswell. Op. cit., p. 23.

As reuniões são realizadas num barracão caindo os pedaços, na Rua Azusa, perto da Rua San Pedro. Ali, devotos das mais estranhas doutrinas praticam rituais próprios de fanáticos, pregam teorias extravagantes e tentam atingir, com o fervor que lhes é peculiar, um estado de excitação que beira a insanidade. Negros e uma pequena quantidade de brancos compõem a congregação, e à noite os uivos dos adoradores promovem um espetáculo medonho para a vizinhança. Eles passam horas balançando para frente e para trás num enervante exercício de orações e súplicas. Eles alegam possuir o “dom de línguas” e se dizem capazes de entender aquela babel (*Los Angeles Daily Times*, 18 de abril de 1906, p. 1).²⁶

O texto original continua no site do *Los Angeles Times*. Esse artigo lembra bem os peregrinos de Jerusalém no dia de Pentecostes (At 2.1-13). Mal sabiam os editores desse jornal o alcance mundial desses chamados “fanáticos” e sua força no cristianismo ainda hoje.

Era uma matéria carregada de desprezo e de preconceito, cujo objetivo não era outro senão ridicularizar o grupo. Synan confirma o que outros historiadores e pesquisadores disseram: “Durante décadas, os pentecostais eram os párias da sociedade. Uma das razões para essa rejeição era que a maioria das igrejas pentecostais surgia entre as classes mais pobres e marginalizadas”. Em seguida, Synan cita David Barratt, que declarou: “Nenhum movimento do século XX foi mais ridicularizado, atormentado, atacado e exposto a maus-tratos” por sua fé que os pentecostais.²⁷ No Brasil foi também assim; os pioneiros iniciaram os trabalhos pelas camadas mais pobres e incultas da sociedade, e tivemos em nosso país os mesmos problemas de rejeição e perseguição que viveram os irmãos americanos no começo da obra pentecostal.²⁸

²⁶ SYNAN, Vinson. Op. cit. p. 76.

²⁷ Ibidem, p. 136.

²⁸ MENDONÇA, Op. cit., p. 135; MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 29.

O artigo citado, na verdade, contribuiu para a visibilidade nacional do movimento (Rm 8.28). O movimento da Rua Azusa se tornou assunto da mídia e atraiu curiosos de toda parte do país. As críticas e perseguições não vinham somente da mídia, mas também de muitas igrejas. O mesmo jornal voltou ao ataque posteriormente: “Mulheres abraçam-se com homens... Os brancos e os negros misturam-se num frenesi religioso. As esposas dizem que deixaram os maridos para seguirem o pregador” (*Los Angeles Daily Times*, 3 de setembro de 1906, p. 11).²⁹ Esse avivamento durou mil dias (1906-1910) e ainda hoje vivemos o reflexo dele.

Depois dessas críticas, Parham foi visitar Los Angeles, a Missão da Rua Azusa, como registrou Cecil M. Robeck Jr.: “É óbvio que pretendia afixar seu *imprimatur*³⁰ à obra ali”.³¹ Parham ficou angustiado ao ver a mescla de adoradores negros e brancos e não aceitou o estilo ruidoso de adoração, além de censurar a liderança da missão. Isso foi interpretado como uma intromissão audaciosa vinda do lado de fora, e Parham foi convidado a se retirar. Ele era agora *persona non grata* e, quando começou a fazer críticas públicas em seus escritos, jogou fora tudo o que tinha construído até então. William Menzies escreveu: “Isto efetivamente findou a influência de Parham no Movimento Pentecostal”.³² Em outra obra em coautoria com seu filho, Robert, Menzies complementa: “É importante dizer que Parham tentou liderar o reavivamento da rua Azusa. No entanto, foi repellido em Los Angeles e, em razão disso, seu papel na formação do movimento pentecostal foi claramente enfraquecido”.³³

A partir de 1907, Seymour começou a revisar sua doutrina das línguas evidenciais que ele aprendera de Parham. A conclusão de Sey-

²⁹ ROBECK JR., Cecil. “William J. Seymour e a evidência bíblica”. In: McGEE, Gary (ed. geral). *Evidência inicial*. Natal, RN: Carisma, 2019, p. 115.

³⁰ *Imprimatur* é uma palavra latina que significa “imprima-se”, usada por censores eclesiásticos para autorizar a impressão de qualquer obra. “Permissão concedida por autoridade religiosa para que seja impresso texto submetido à sua censura, e que passa a figurar no verso da página de rosto ou do anterosto” (*Oxford Languages*).

³¹ ROBECK JR., Cecil. Op. cit., p. 115.

³² MENZIES, William W. *Anointed to Serve*. Springfield, MO: Gospel Publishing House, 1986, p. 86.

³³ MENZIES, William & Robert. *No poder do Espírito - Fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo*. Natal, RN: Carisma, 2020, p. 21.

mour, na última etapa do seu ministério, era de que “as línguas poderiam demonstrar que uma pessoa havia recebido o batismo, mas dizer que as línguas são a *prova inevitável* do batismo do Espírito foi para além do texto”.³⁴ Em 1915, ele publicou o livro, *The Doctrines And Discipline of the Azusa Street Apostolic Faith Mission of Los Angeles, California* [As Doutrinas e Disciplina da Missão de Fé Apostólica da Rua Azusa de Los Angeles, Califórnia], uma resposta a Parham, obra em que questiona outros ensinos do seu antigo mestre.

Nos mil dias que se seguiram a 18 de abril de 1906, foram realizados três cultos por dia, sete dias por semanas. Milhares de pessoas receberam o batismo no Espírito Santo, tendo o falar em línguas como evidência física inicial. Por meio do periódico *Apostolic Faith* [Fé Apostólica], distribuído gratuitamente a cerca de 50 mil leitores, Seymour veiculava seus ensinos sobre a doutrina pentecostal. Dessa forma, o pentecostalismo se espalhou rapidamente pelo mundo. “É imperativo dizer que o papel da rua Azusa serviu muito mais como catalisador dos inúmeros derramamentos ocorridos em outros lugares.”³⁵ Os historiadores do movimento da Rua Azusa são unânimes em mencionar esse avivamento como o centro irradiador, do qual o avivamento se espalhou para outras cidades, estados e nações.³⁶ Daí também vieram indiretamente as Assembleias de Deus.

WILLIAM HOWARD DURHAM

Durham iniciou seu ministério como batista, mas depois foi para o Movimento de Santidade, onde se tornou líder. Em 1901, ele começou a pastorear a Missão da Avenida Norte em Chicago. Ao ter notícia do avivamento da Rua Azusa, viajou para Los Angeles em 1907 em busca

³⁴ ROBECK JR., Cecil. Op. cit., pp. 126, 127.

³⁵ Ibidem, p. 21.

³⁶ CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 24.

do batismo no Espírito Santo. Ele esteve por duas semanas nas reuniões da Rua Azusa e relata a experiência de como sentiu o poder de Deus nesses dias, mas queria falar em línguas:

Finalmente, à 1 hora da madrugada de sábado, dia 2 de março, depois de estar sob o poder por três horas, ele completou a obra em minha língua e falou por meio de mim em línguas estranhas. Eu me levantei perfeitamente consciente externa e internamente de que fora completamente batizado no Espírito Santo e que o Diabo jamais me poderia tentar a duvidar disso.³⁷

Numa dessas reuniões, “Seymour profetizou que, onde quer que Durham pregasse, o Espírito Santo seria derramado sobre as pessoas”.³⁸ Essa profecia se cumpriu. Não demorou muito para o movimento pentecostal surgir também em Chicago, não somente com o batismo no Espírito Santo e glossolalia, mas também com diversas manifestações do poder de Deus. O avivamento pentecostal se espalhou rapidamente por meio do seu ministério; os cultos superlotados se estendiam toda a noite e alguns iam até o amanhecer. A influência de Durham aumentava a cada dia entre os pentecostais, e ele veiculava seus ensinamentos no jornal mensal *The Pentecostal Testimony* [O Testemunho Pentecostal].

Não demorou para que a igreja liderada por Durham se tornasse um centro de liderança do movimento pentecostal internacional. Na verdade, em 1910, o centro de irradiação do pentecostalismo para o mundo havia se transferido de Los Angeles para Chicago. Synan aponta pelo menos três razões que levaram a essa mudança: a) a perda da lista de assinantes do *Fé Apostólica*, quando Florence Crawford se transferiu para Portland, Oregon, o que dificultou o contato de Seymour com seus apoiadores; b) a aparente rejeição e excomunhão da missão da Rua Azusa por Parham e seus seguidores; c) a perda de influência

³⁷ SYNAN, Vinson. *Vozes do Pentecostes: Relatos de vidas tocadas pelo Espírito Santo*. São Paulo: Vida, 2012, p. 53.

³⁸ ARAUJO, Israel. Op. cit., p. 278.

de Parham por causa das acusações sobre seu caráter. Esse vácuo de liderança foi preenchido por Durham.³⁹

Os que mais tarde se tornaram pioneiros no movimento pentecostal frequentavam os cultos de Durham, e entre os pioneiros do Brasil estão Luigi Francescon, fundador da Congregação Cristã no Brasil, e Daniel Berg⁴⁰ e Gunnar Vingren, fundadores das Assembleias de Deus em nosso país. Sobre Daniel Berg e Gunnar Vingren, Synan escreveu: “Após um culto de confirmação dirigido por William H. Durham de Chicago, os dois missionários começaram a trabalhar em Belém, capital do Pará, em 1910”.⁴¹

Paralelamente, a canadense Aimée Semple, antes de se casar com Harold McPherson, “teve uma experiência de cura divina com W. H. Durham, que havia influenciado Daniel Berg e Luigi Francescon”.⁴² Ela serviu como missionária na China e, ao retornar aos Estados Unidos, fundou em Los Angeles a Igreja Evangelho Quadrangular.

Em 1910, Durham começou a ensinar a doutrina da “obra consumada do Calvário”, que rejeitava a “segunda bênção”, ensino tradicional do Movimento de Santidade mantido por Parham e Seymour; era “uma visão de santificação à moda de Keswick, que conflitava com o ensino Holiness wesleyano de Parham e Seymour”.⁴³ Mas, “a partir de Chicago passou a se opor à solução teológica das três etapas (conversão, santificação e batismo com o Espírito Santo) de Seymour,⁴⁴ propondo apenas duas etapas resultantes da união das duas primeiras em uma só”.⁴⁵ Com a doutrina da “obra consumada”, Durham desafiou a teologia das três bênçãos ensinada por Parham e também por Seymour. O sacrifício de Jesus foi perfeito para salvar e para santificar. Para Durham, “a santificação era um processo que se iniciava na conversão

³⁹ SYNAN, Vinson. *A tradição de santidade*, pp. 115, 116.

⁴⁰ HOLLENWEGGER, Walter J. *The Pentecostals*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1988, p. 75.

⁴¹ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 418.

⁴² ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 278; CAMPOS, Leonildo Silveira. Op. cit., p. 108.

⁴³ MENZIES, William & Robert. “As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada”. *Revista USP* 67. São Paulo, 2005, p. 34.

⁴⁴ *O Avivamento da Rua Azusa – Devocional – Seymour*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 7, 8.

⁴⁵ CAMPOS, Leonildo Silveira. Op. cit., pp. 111, 112.

e continuava com um crescimento ininterrupto”.⁴⁶ Era um ensino revolucionário para o padrão da época e, como disse Synan, “abriu uma larga fissura teológica no movimento pentecostal”.

Durham retornou a Los Angeles em fevereiro de 1911, e a doutrina da “obra consumada” criou um clima de animosidade entre os próprios pentecostais. O problema estava também na forma como a doutrina era apresentada; não se tratava apenas de uma apologia à “obra consumada”, mas de um ataque à “segunda bênção”. Tanto Parham como Seymour reagiram à nova visão de Durham, que havia retornado à Rua Azusa, a qual a essa altura era uma pequena igreja negra, mas Seymour continuava como seu líder. Nessa ocasião, Seymour estava ausente, numa turnê de evangelização.

Muitos pentecostais adotaram o ensino de Durham e abandonaram o ensino da “segunda bênção” do Movimento de Santidade, principalmente as igrejas pentecostais independentes que deram origem ao Concílio Geral das Assembleias de Deus em 1914. “Para Durham, no entanto, a justificação já era o início da santificação, sendo, portanto, o batismo do Espírito Santo a ‘segunda bênção’. Esta é a concepção moderna do pentecostalismo.”⁴⁷ Desde então, a soteriologia dos pentecostais passou para duas interpretações básicas: as três obras da graça, justificação, santificação e batismo no Espírito Santo com a evidência inicial do falar em línguas; e, as duas obras da graça, sendo que a justificação e a santificação se tornam uma só obra pela interpretação da “obra consumada”, tendo o batismo no Espírito Santo com a glossolalia como evidência física inicial. Foi assim que aos poucos alguns pentecostais se uniram às Assembleias de Deus, em 1914, com a redução de três para duas bênções: salvação e batismo no Espírito Santo.

⁴⁶ SYNAN, *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p. 171.

⁴⁷ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 47.

Aimée Elizabeth Kennedy nasceu em Ontário, no Canadá, num lar cristão. Seu pai era "organista e regente do coro na igreja metodista, o qual ensinou sua jovem filha a tocar piano e órgão".⁴⁸ Mas sua mãe era do Exército da Salvação, instituição que Aimée deixou quando se tornou pentecostal ao ser batizada no Espírito Santo e falar em línguas. Ela se casou em agosto de 1908 com Robert James Semple, um pregador pentecostal. Em janeiro do ano seguinte, o casal se transferiu para Chicago, nos Estados Unidos, quando ambos foram ordenados por William H. Durham. O casal acompanhou Durham durante muitos meses em suas campanhas evangelísticas no nordeste dos Estados Unidos e no Canadá. Em 1910, o casal foi para China em missão, mas Robert faleceu de malária em agosto desse mesmo ano. A filha, Roberta Star, nasceu no mês seguinte, então Aimée retornou aos Estados Unidos e serviu por algum tempo no Exército da Salvação em Nova Iorque. Foi então que ela conheceu Harold Steward McPherson (1890-1968), com quem se casou em 1912. O casamento não deu certo, pois seu marido era homem de negócios e a vocação dela era outra, o reino de Deus. O casamento terminou em divórcio, mas dessa união nasceu o seu filho, Rolf Kennedy McPherson.⁴⁹

Depois do casamento com McPherson, Aimée continuou firme na sua vocação, anunciando a mensagem pentecostal por diversas regiões dos Estados Unidos e do Canadá. Foi nas campanhas evangelísticas no Canadá, em 1915, que ela comprou uma tenda de lona na qual as pessoas se aglomeravam para ouvir o evangelho que ela pregava. Nessa ocasião, ela iniciou seu ministério de cura divina. Aimée atravessou os Estados Unidos oito vezes em campanhas evangelísticas entre 1918-1923, lotando auditórios; milhares de pessoas foram salvas, receberam cura divina e o batismo no Espírito Santo.⁵⁰ Synan diz que ela "conquistou proeminência entre líderes religiosos do século XX,

⁴⁸ ARAUJO, Israel. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 451.

⁴⁹ COX, Raymond L. *O Evangelho Quadrangular – a visão de Aimée Semple McPherson*. São Paulo: Quadrangular, 2006.

⁵⁰ LIMA, Josadak; BEZERRA, Cícero Manoel. *História e teologia do Evangelho Quadrangular*. Curitiba, PR: Intersaberes, 2017, p. 25.

vencendo a barreira de gênero e vindo a ser a mais importante ministra ordenada na história do cristianismo. Uma mulher brilhante, talentosa e atraente, conseguiu atrair a atenção do mundo por mais de duas décadas”.⁵¹ Antes de fundar o movimento quadrangular, Aimée fez parte de três igrejas, a Metodista, a Batista e as Assembleias de Deus, sem contar o Exército da Salvação.⁵² Stanley Horton escreveu: “Aimée Semple McPherson trabalhou por um período com as Assembleias de Deus na Califórnia, mas tornou-se independente quando construiu o templo Angelus. Precocemente, ela foi uma das mais bem-sucedidas evangelistas pentecostais. Ninguém expôs melhor que ela a experiência pentecostal”.⁵³

A construção do Templo Angelus começou em 1921 e, segundo Synan, o Templo foi dedicado em 1923, mas Aimée só organizou a International Church of the Foursquare Gospel, em Oakland, na Califórnia, em 1927; e, “para ser coerente com a visão que tivera em 1922, ela a denominou Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, com sede no Templo Angelus”.⁵⁴ Stanley Horton conta que, na sua infância, ele participava de reunião de crianças nas igrejas pentecostais, e, em 1923, esteve numa reunião que se realizava aos sábados à tarde no Templo Angelus. Como sua família era conhecida, ele foi levado “à plataforma para dirigir a oração. Eu era pequeno para a minha idade, e Aimée Semple McPherson segurou-me no colo enquanto eu orava. Jamais esquecerei seu carinho, sua personalidade amigável”.⁵⁵ Aimée faleceu em 27 de setembro de 1944, e, seu filho, Rolf Kennedy McPherson (1913-2009), assumiu a presidência da entidade até 1988. “A nova igreja era idêntica às Assembleias de Deus na doutrina, embora diferisse na estrutura organizacional e política”.⁵⁶

⁵¹ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 183.

⁵² Ibidem, p. 184.

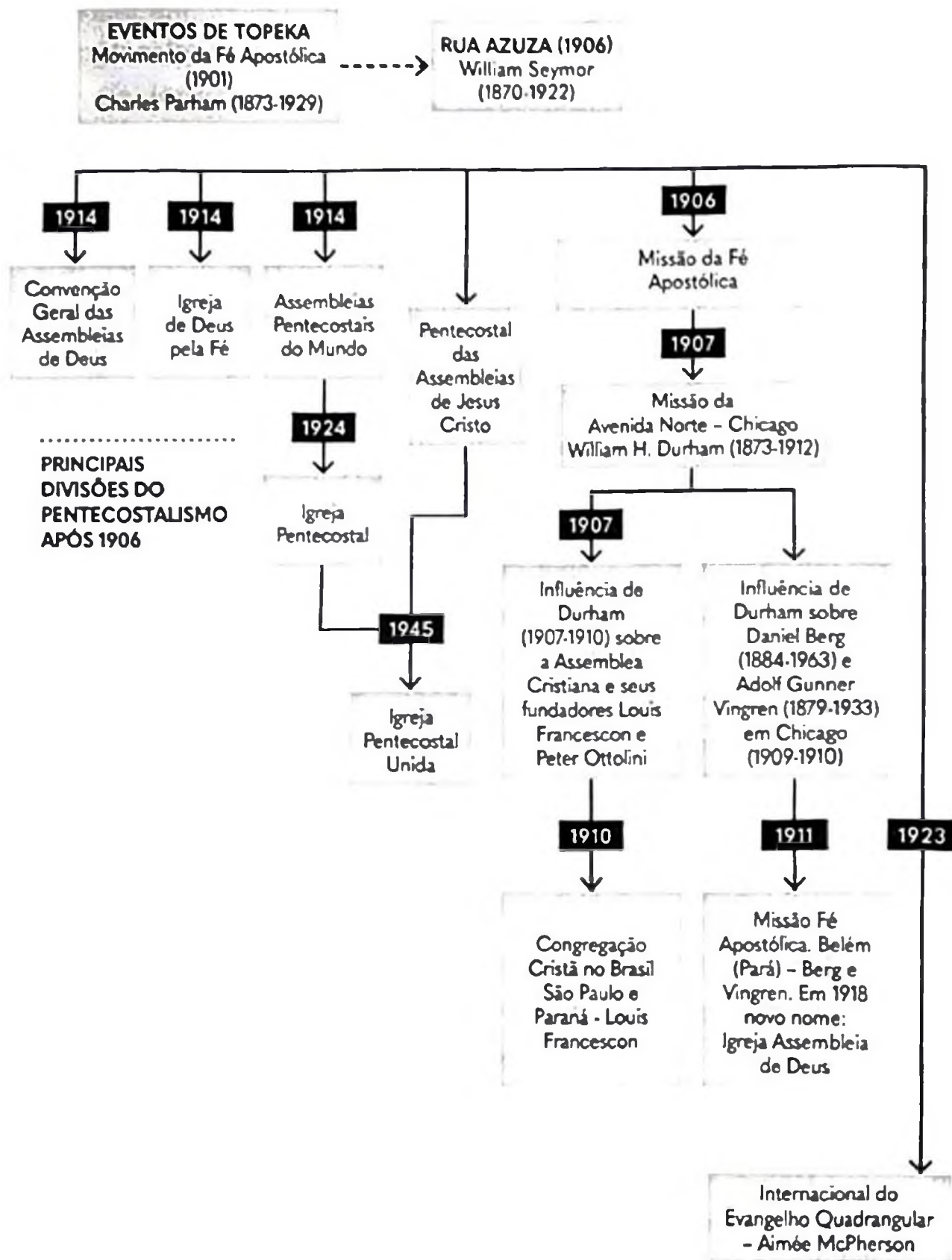
⁵³ HORTON, Stanley M. *O avivamento pentecostal – as origens e o futuro do maior movimento espiritual dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 48.

⁵⁴ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 188.

⁵⁵ HORTON, Stanley M. Op. cit., p. 25.

⁵⁶ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 188.

EXPLOSÃO PENTECOSTAL



Adaptação da Revista USP 67, São Paulo, 2005, p. 114.

capítulo 3

AS ASSEMBLEIAS DE DEUS AMERICANAS

A doutrina da “obra consumada” se espalhou rapidamente nos Estados Unidos. Isso contribuiu para a criação do Concílio Geral das Assembleias de Deus. “Como resultado da influência de Durham, muitos pentecostais abandonaram a doutrina wesleyana da segunda bênção e formaram centenas de igrejas pentecostais independentes por toda nação. Em 1914, a Assembleia de Deus era formada pelos seguidores de Durham.”¹ Já estava na hora de rever o sentimento antidenominacionista de Parham que havia entre os pentecostais da santidade, para evitar um crescimento desordenado. Mas alguns fatos interessantes contribuíram para a criação do Concílio Geral das Assembleias de Deus.

A NECESSIDADE DE SE ORGANIZAR

Em 1907, chegou a Memphis, Tennessee, a notícia do avivamento da Rua Azusa, quando o pastor e fundador da Igreja de Deus em Cristo, Charles Harrison Mason, resolveu visitar Los Angeles. Ele era negro, assim como a igreja sob seus cuidados pastorais era de maioria negra. Ele viajou para Los Angeles com mais dois companheiros; estiveram cinco semanas na Missão da Rua Azusa e, encantados com o que viram, os três receberam o batismo no Espírito Santo e falaram línguas.² A Igreja de Deus em Cristo, formada por afro-americanos, chegou a ter mais de 2 milhões de membros na década de 1890. Mason teve participação importante na criação do Concílio Geral das Assembleias de Deus.

Gaston Barnabas Cashwell, de Dunn, Carolina do Norte, havia abandonado o ministério metodista em 1903 para se unir à Igreja

¹ SYNAN, Vinson. *Vozes do Pentecostes: Relatos de vidas tocadas pelo Espírito Santo*. São Paulo: Vida, 2012, p. 52.

² SYNAN, Vinson. *A tradição de santidade e do pentecostalismo: movimentos carismáticos no século XX*. Maceió, AL: Sal Cultural, 2019, p. 110.

Pentecostal de Santidade. Ao ser informado do avivamento da Rua Azusa, viajou para Los Angeles e foi direto para a missão. O que ele viu de imediato o chocou e o fez pensar em sair sem participar do culto. Segundo Synan, ele era um homem de meia-idade, alto e loiro, que pesava 120 quilos. Agora estava diante de um pregador negro, num ambiente lotado de adoradores negros. Mas, já que vinha de tão longe, decidiu continuar no culto. Um jovem negro se aproximou de Cashwell e estendeu a mão sobre sua cabeça para que ele recebesse o batismo. Cashwell disse que sentiu naquele momento um arrepio até a espinha, tal era seu preconceito contra os negros. Depois de alguns cultos, liberto desse preconceito, Cashwell foi batizado por Jesus no Espírito Santo e falou em línguas, mais especificamente em alemão.³

Ao voltar a Dunn, Cashwell alugou um prédio de três andares para reuniões pentecostais e, em dezembro de 1906, convidou ministros de três igrejas, a Igreja de Santidade Batismo de Fogo, a Igreja Pentecostal de Santidade e a Igreja Batista Livre, para participar do evento. Muitos foram batizados no Espírito Santo e falaram línguas. De Dunn, Cashwell percorreu os estados do sul, promovendo avivamentos pentecostais. Ele influenciou muitos que vieram a se tornar líderes pentecostais importantes, como Mack M. Pinson e seu amigo H. G. Rodgers. Pinson foi um itinerante que levou a mensagem pentecostal aos estados do sul como Geórgia, Alabama, Mississippi e Tennessee. Ele aderiu o ensino da “obra consumada” de Durham em 1910 e, junto com Rodgers, organizou diversas igrejas no sul.

Segundo William Menzies, até 1909 havia quatro associações regionais independentes de igrejas e ministérios pentecostais. Além do grupo de Joseph R. Flower, em Indiana, três delas empregavam o nome “Fé Apostólica”: o grupo original de Parham, em Kansas; a Associação Crawford no noroeste; e o grupo Texas-Arkansas, liderados

³ Ibidem, p. 101.

por Eudoros N. Bell e Howard A. Goss. Essa última rompeu com Parham em 1909, ficando sob a liderança desses dois ministros, que depois teve o nome mudado para “Igreja de Deus em Cristo”. Suas credenciais de ministros eram emitidas por Mason.⁴ Essa mudança também ocorreu com as outras duas associações: em 1911 havia três grupos usando o nome “Igreja de Deus em Cristo, o do Texas, liderado por Bell, o do Alabama, liderado por Rodgers, e o do próprio grupo de Mason, em Memphis”.⁵

Eudorus N. Bell, um pastor de origem batista do Texas, graduado no Seminário Batista do Sul em Louisville, Kentucky, havia estudado na Universidade de Chicago e pastoreava uma igreja pentecostal em Malvern, no Arkansas. Ele se tornou pentecostal por meio da pregação de Durham em Chicago e adotou o ensino da “obra consumada”, representando “o grande contingente ‘batista’ da nova denominação”.⁶

O PRIMEIRO CONCÍLIO GERAL DAS ASSEMBELIAS DE DEUS

Bell publicava o jornal denominado *A Fé Apostólica*, mas este não tinha vínculo com Parham nem com as publicações de Seymour. Havia entre os pentecostais inúmeros periódicos que, além de veicular o pentecostalismo, traziam relatórios da obra pentecostal que acontecia por toda a parte. O outro periódico era o *Christian Evangel* [O Evangelho Cristão] editado por J. Roswell Flower, um estudante de direito que tinha se entusiasmado com o movimento pentecostal através de sua associação ao notável avivamento de Indianápolis e começara a publicar nessa cidade. O outro periódico era o *Word and Witness* [Palavra e

⁴ MENZIES, William W. *Anointed to Serve*. Springfield, MI: Gospel Publishing House, 1986, p. 91.

⁵ SYNAN, Vinson. *A tradição de santidade*, p. 133.

⁶ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p. 173.

Testemunho], de Mack M. Pinson, publicado em Arkansas. Esses três editores haviam publicado o ensino da “obra consumada” de Durham. Mas em 1913 Bell e Pinson se uniram de modo que Bell se tornou editor do jornal *Palavra e Testemunho*. Nesse mesmo ano, Bell publicou um convite para uma conferência de crentes pentecostais.

Mais de 300 ministros se reuniram em abril de 1914 no Grande Teatro da Ópera de Hot Springs, no Arkansas, com o propósito de criar uma organização que acolhesse as diversas comunidades ou assembleias independentes espalhadas pelo país. O que se pretendia nessa reunião era:

- atingir maior compreensão e unidade de doutrina;
- saber como conservar a obra de Deus na própria pátria e no estrangeiro;
- consultar os órgãos competentes quanto à proteção de fundos para os esforços missionários;
- explorar as possibilidades de unificar as igrejas sob um nome legal;
- considerar o estabelecimento de uma escola de treinamento bíblico com uma divisão literária.⁷

C. H. Mason participou como orador convidado, e Pinson pregou sobre a obra consumada do Calvário, tema que predominou naquele evento. A ideia não era criar uma denominação, mas foi exatamente isso que aconteceu. “O pensamento comum era que a nova denominação não deveria basear-se em credos nem ter uma organização formal muito rígida. Desse modo, decidiu-se que nenhuma declaração de fé seria adotada”.⁸ Os presentes adotaram um documento intitulado *Preâmbulo e Resolução sobre Constituição*. “A principal doutrina, que unia todos os grupos, era a do falar em línguas ‘como evidência inicial’ do

⁷ HORTON, Stanley M.; MENZIES, William W. *Doutrinas bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. p. 12; SYNAN, Vinson. Op. cit., pp. 171, 172.

⁸ Ibidem, p. 178.

batismo no Espírito Santo”.⁹ Depois da controvérsia com os unicistas, uma comissão apresentou na assembleia do Concílio Geral de 1916, em Saint Louis, Missouri, os pontos principais da *Declaração de Verdades Fundamentais*.¹⁰ Hollenweger transcreveu o conteúdo desse documento eclesiástico diretamente da ata (ver Anexo A).¹¹

O nome escolhido para a organização foi “Assembleias de Deus”, no plural, “assembleias”, por sugestão de T. K. Leonard, que havia adotado a expressão “Assembleia de Deus” para a congregação em Findlay, Ohio. O nome no plural “indicava a natureza congregacional do grupo, o qual consistia em centenas de assembleias independentes ali reunidas para desfrutar comunhão e unificar os ministérios”.¹² O Concílio elegeu Eudorus N. Bell como seu presidente, chamado depois de superintendente geral, e Joseph R. Flower como secretário.

CONTROVÉRSIAS

Quando esse Concílio Geral foi criado, as Assembleias de Deus no Brasil já estavam em andamento desde 1911, e até então se chamavam “Missão de Fé Apostólica”. Mas o Concílio se deparou com dois problemas: o surgimento e o avanço do unicismo e a questão da glossolalia como evidência física inicial do batismo no Espírito Santo. A questão unicista será retomada mais adiante.

A evidência física inicial foi o assunto principal da assembleia geral de 1918, pois Fred Francis Bosworth, um dos delegados no primeiro Concílio Geral e também um dos 16 membros do presbitério executivo do Concílio,¹³ “que havia falado em línguas com Charles

⁹ Ibidem, p. 178.

¹⁰ MENZIES, William W. Op. cit., pp. 117-120.

¹¹ HOLLENWEGER, Walter J. *The Pentecostals*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1988, pp. 514-517.

¹² SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 177.

¹³ MENZIES, William W. Op. cit., pp. 109, 127.

Parham em Zion City, Illinois, em 1906”,¹⁴ apresenta-se na assembleia argumentando que “o dom de línguas era uma das muitas indicações possíveis que o crente é batizado no Espírito Santo”. Bosworth era pastor e evangelista de cura divina e serviu na ACM de A. B. Simpson. O confronto no plenário foi com Daniel W. Kerr, outro pastor da ACM, que o refutou à luz da Bíblia. O plenário aprovou a doutrina pentecostal tradicional. Diante dessa derrota, Bosworth deixou o Concílio Geral, e a ACM perdeu muitos ministros para as Assembleias de Deus; mas depois ele voltou reafirmando a doutrina pentecostal da evidência física inicial.¹⁵

Cerca de 35 anos depois, o Concílio Geral teve de lidar com decisão pessoal tomada por David du Plessis de se filiar ao ecumenismo. O pastor David du Plessis (1905-1987), das Assembleias de Deus americanas, “tornou-se o primeiro pentecostal a dialogar com o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), criando, então, oposição pelas igrejas pentecostais dos Estados Unidos”.¹⁶ Ele nasceu na África do Sul e foi batizado no Espírito Santo em 1913, tendo sido ordenado na Igreja Missão Fé Apostólica, a maior igreja pentecostal do país. E, mesmo antes de emigrar para os Estados Unidos em 1947 já havia se tornado uma liderança pentecostal com reconhecimento mundial.

Du Plessis pastoreava uma das Assembleias de Deus em Stanford, Connecticut, em 1951 quando aceitou representar os pentecostais nos círculos ecumênicos, tornando-se o único pentecostal a dialogar abertamente com os Conselhos Nacional e Mundial de Igrejas. Ele foi convidado a representar os pentecostais na assembleia do CMI, em Evanston, em 1954, e depois foi convidado a participar como observador pentecostal nas reuniões do Vaticano II de 1963 a 1965. As Assembleias de Deus exigiram a devolução de suas credenciais de ministro. Stanley Horton disse que Du Plessis ficou desapontado com tudo isso:

¹⁴ SYNAN, Vinson. *A tradição de santidade...*, pp. 140, 141.

¹⁵ MENZIES, William W. *Op. cit.*, pp. 122-130, 319, 320.

¹⁶ SYNAN, Vinson. *Vozes do Pentecoste*, p. 48.

“Lembro-me de que o Dr. William Menzies destacou ser lamentável que as Assembleias de Deus não tivessem espaço para aquele gigante espiritual conhecido em todo o mundo como ‘Sr. Pentecoste’. No entanto, Du Pressis não deixou sua Assembleias de Deus local em Oakland, onde também sua esposa e família serviam fielmente”.¹⁷ Mas seu ministério voltou a ser reconhecido em 1980.

¹⁷ HORTON, Stanley M. *O avivamento pentecostal – as origens e o futuro do maior movimento espiritual dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 63.

capítulo 4

O PENTECOSTALISMO NO BRASIL

As principais igrejas pentecostais do Brasil são, pela ordem cronológica de sua fundação, a Congregação Cristã no Brasil, as Assembleias de Deus, o Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e Deus é Amor; e as duas principais igrejas neopentecostais são a Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça. Há inúmeras igrejas pentecostais independentes e isoladas, cuja maioria dos fundadores e líderes é dissidente dessas igrejas históricas, principalmente das Assembleias de Deus. Cada uma delas tem sua marca distintiva, como os movimentos precursores da Rua Azusa e os que surgiram depois. E vale lembrar que, antes da chegada dos pioneiros, o derramamento do Espírito Santo já havia começado no Brasil.

OS PRINCIPAIS PROTOPENTECOSTAIS NO BRASIL

Há alguns registros de batismos no Espírito Santo e glossolalia antes da chegada dos primeiros missionários pentecostais ao Brasil, como Paulo Malaquias, Pedro Graudin e Miguel Vieira Ferreira, entre outros.

Paulo Malaquias é uma das referências mais antigas do batismo no Espírito Santo no Brasil. Ele era pastor batista em Ijuí, no Rio Grande do Sul, e sua experiência pentecostal aconteceu em 1908. Até então, escreve Emílio Conde, as pessoas não sabiam explicar o fenômeno:

Essa revelação fora feita pelo pastor Paulo Malaquias, talvez o primeiro crente a ser batizado com o Espírito Santo no Brasil. O pastor Paulo Malaquias teve a experiência pentecostal em 1908, quando ainda era pastor batista. Na época ele mesmo não sabia que aquela extraordinária experiência se tratava do batismo com o Espírito Santo. Somente mais tarde, quando entrou em contato com a Assembleia de Deus e se uniu a ela, foi que compreendeu que suas experiências eram genuinamente pentecostais.¹

¹ CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, pp. 285, 286.

Paulo Malaquias não era o único com essa experiência na época; ele mesmo descobriu indícios de que havia crentes pentecostais, por crença e convicção, mesmo que os tais não recebessem tal designação.

O outro testemunho é do pastor batista Pedro Graudin, que chegou da Letônia a São Francisco, Santa Catarina, em 1900, com uma comunidade formada por crentes batistas. Em 1909, “25 crentes receberam o batismo no Espírito Santo, entre eles o próprio pastor Graudin, que, além da evidência de falar em línguas estanhas, também recebeu o dom de profecia”.²

Miguel Vieira Ferreira é um terceiro testemunho. Presbítero da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, além da experiência extática, “afirmava que Deus continuava se revelando aos homens”, segundo relatório do missionário presbiteriano A. B. Blackford, em 24 de abril de 1874. O Conselho da Igreja consultou a Missão nos Estados Unidos, e a resposta foi: “Deus continua a falar aos homens, mas não acrescenta nada à sua revelação, já encerrada em seus livros santos”.³ Mas Miguel foi suspenso do seu cargo de ancião em 6 de fevereiro de 1879 e, depois de vários meses, saiu com várias pessoas e fundou a Igreja Evangélica Brasileira.⁴ Émile-G Léonard considera a fundação dessa igreja o início do pentecostalismo no Brasil.⁵

CLASSIFICAÇÃO DAS IGREJAS PENTECOSTAIS

O fenômeno pentecostal é complexo e dificulta a classificação de cada grupo no campo religioso. Exige conhecimento his-

² ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 339.

³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos – o campo religioso e seus personagens*. São Paulo: Metodista, 2008, p. 131.

⁴ LÉONARD, Émile-G. *O iluminismo num protestantismo de constituição Recente*. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1988, pp. 32, 33.

⁵ *Ibidem*, p. 66.

tórico e teológico do pentecostalismo e também das principais denominações para ajudar na compreensão de suas práticas litúrgicas e do estilo de vida dos crentes. As principais igrejas pentecostais são classificadas conforme a visão de cada pesquisador, os quais costumam identificar essas comunidades por diversos critérios, como onda, aspecto, característica, fase etc. A maioria deles interpreta haver três movimentos ou níveis de pentecostalismo brasileiro: os pentecostais clássicos,⁶ os movimentos carismáticos e os neopentecostais.

Paul Freston classifica esses aspectos ou características em três ondas; trata-se da “teoria das ondas”. Ele situa a primeira onda entre 1910 e 1950, período da predominância da Congregação Cristã no Brasil, 1910, e das Assembleias de Deus, 1911, cuja característica básica é a glossolalia, o falar em línguas. A segunda onda se situa entre 1950 e o início de 1960, quando o pentecostalismo se fragmenta e se desdobra em outros grupos, com o surgimento da Igreja do Evangelho Quadrangular, 1951; do movimento O Brasil Para Cristo, 1956; e da Igreja Deus é Amor, 1962. A terceira onde começa no final da década de 1970, com a Igreja Universal do Reino de Deus, 1977 e a Igreja Internacional da Graça de Deus, 1980.⁷

Segundo Ricardo Mariano, o padre Jesus Hortal, professor da PUC-RJ, adota o termo “gerações”, “mas faz corte institucional idêntico ao proposto por Freston”. Ele identifica a primeira geração como “histórica”, formada pela Congregação Cristã no Brasil e pelas Assembleias de Deus; a segunda como “movimento de cura divina”, e nessa geração estão incluídas as Igrejas do Evangelho Quadrangular, O Brasil Para Cristo e Deus é Amor; e a terceira geração é classificada como “pentecostalismo autônomo”, que “começa a Igreja Nova Vida, que faz ‘tran-

⁶ O termo “pentecostalismo clássico” ou “pentecostal clássico” surgiu na década de 1960 usado pelos carismáticos, que não queriam se identificar com os pentecostais tradicionais da Rua Azusa.

⁷ FRESTON, Paul. “Breve história do pentecostalismo brasileiro” In: FRESTON, Paul; ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios – interpretações sociológicas do pentecostalismo*, 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, pp. 70,71.

sição' para a nova geração.⁸ Dela surgiram a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus.

Antonio Gouvêa Mendonça apresenta em seus livros e artigos as igrejas das primeira e segunda ondas, conforme Freston ou, gerações, segundo Hortal, como "clássicas", e as classifica com o mesmo corte institucional. Mas considera a Igreja Deus é Amor uma agência de cura divina, um movimento, e não uma igreja.⁹

Na visão de Ricardo Mariano, a segunda onda é "um desdobramento institucional tardio, em solo brasileiro, do pentecostalismo clássico norte-americano",¹⁰ que depois de quatro décadas apresenta características distintas provenientes das inovações evangelísticas, como rádio, televisão, tendas, cinemas, teatros, estádios. Mariano chama a segunda onda de "deuteropentecostalismo" como uma "segunda vertente pentecostal".¹¹ E a terceira onde é a dos neopentecostais.

Como se vê, há diversas maneiras de classificar os pentecostais no Brasil,¹² mas o nosso propósito é mostrar o pentecostalismo no seu aspecto histórico-teológico.

⁸ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 29 (nota de rodapé).

⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 49-55.

¹⁰ Ibidem, p. 32.

¹¹ Parece que Mariano se inspirou no quinto livro da Bíblia, chamado Deuteronomio. O nome desse livro na Bíblia Hebraica é *hadevarim*, "as palavras". Os tradutores da Septuaginta deram o título de Deuteronomio. Esse termo significa literalmente "segunda lei", de *deuteros*, "segundo", e *nomos*, "lei". Assim, a Versão dos Setenta emprega as palavras gregas *deuteronomion touto*, "desta segunda lei" para traduzir a expressão hebraica *mishneh ha-torah hazot*, que aparece em Deuteronomio 17.18. A palavra *mishneh* significa "segundo, segunda vez, duplo, repetição, cópia". Visto que existe uma só lei, a ideia é de repetição de diversos preceitos da lei. E isso está de acordo com o pensamento do livro. Na Vulgata Latina, permaneceu o nome *Deuteronomium* e daí passou para outras culturas. A ideia de Ricardo Mariano é excelente, ao estabelecer o pentecostalismo clássico como protopentecostalismo e a segunda vertente como deuteropentecostalismo.

¹² MARIANO, Ricardo. Op. cit., pp. 23-49.

capítulo 5

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

A Congregação Cristã no Brasil foi fundada por Luigi Francescon, ajudado por seu amigo Giacomino Lombardi. Ambos vieram de Chicago, passando por Buenos Aires. Eles chegaram a São Paulo em março de 1910, mas os resultados não foram os esperados. Logo depois, Lombardi voltou para Argentina, e Francescon foi para Santo Antônio da Platina, no estado do Paraná, a convite de um italiano que conhecera em São Paulo. Em abril desse mesmo ano, ele formou um grupo de 11 pessoas que aceitaram sua mensagem. Em junho, Francescon voltou a São Paulo e pregou em italiano na Igreja Presbiteriana do Brás, o que resultou numa divisão. Logo ele formou a Congregação Cristã com 20 membros.¹ No Brás está ainda hoje a sede nacional da Congregação. Ela é a primeira igreja pentecostal do Brasil.

LUIGI FRANCESCON

Luigi Francescon (1866-1964) nasceu em Navasso Nuovo, na província de Udine, na Itália. Ele emigrou para os Estados Unidos e radicou-se em Chicago em 1890, onde se filiou à Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, mas em setembro de 1903 foi batizado por imersão, ano em que se juntou ao Movimento de Santidade.

Em 25 de agosto de 1907, Francescon estava numa reunião liderada por Durham na Missão da Avenida Norte, quando recebeu o batismo no Espírito Santo e a manifestação da glossolalia. Depois, Durham profetizou que Francescon havia sido chamado para pregar a mensagem pentecostal aos italianos, o que realmente aconteceu quando ele ajudou a fundar a primeira igreja pentecostal ítalo-americana, a Assembleia Cristiana.

¹ FRESTON, Paul. "Breve história do pentecostalismo brasileiro" In: FRESTON, Paul, ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios – interpretações sociológicas do pentecostalismo*, 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 101.

No ano seguinte, 1908, Francescon viajou por diversas partes dos Estados Unidos - Los Angeles, Filadélfia e Saint Louis - e ajudou a implantar igrejas pentecostais nas comunidades italianas.² Segundo Synan, ele “criou uma versão latino-americana de seu movimento norte-americano, que chamou de Congregação Cristã”.³ Os três fundadores do pentecostalismo brasileiro - Luigi Francescon, Daniel Berg e Gunnar Vingren - já se conheciam desde Chicago, nos Estados Unidos, na Igreja da Avenida Norte pastoreada por Willian Durham.

Antonio Gouvêa Mendonça observa que a Congregação Cristã no Brasil foi fundada “por um estrangeiro que não era missionário nem era sustentado por instituição no exterior”.⁴ A história de Luigi Francescon é contada por ele próprio num livreto intitulado *Histórico da obra de Deus, revelada pelo Espírito Santo, no século atual*, escrito em 1942, e recontada por uma comissão da própria Congregação sob o título *Um relato histórico de como a CCB, uma ramificação da obra de Deus, foi iniciada no Brasil*, ambos publicados pela instituição. Essa é a única fonte escrita, pois se trata de uma instituição de tradição oral, cujas crenças e práticas são conhecidas basicamente pelos seus estatutos sociais.

O CRESCIMENTO DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

O movimento cresceu mais no interior de São Paulo e no Paraná, principalmente entre as comunidades italianas. Cerca de um ano depois nasceram as Assembleias de Deus em Belém do Pará. Nessa região, a presença da Congregação nunca foi expressiva. “No norte,

² ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 321.

³ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, pp. 417, 418.

⁴ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 49.

elas encontraram o lugar já ocupado por outro ramo pentecostal, as Assembleias de Deus, ao mesmo tempo em que aí não tinham as bases italianas habituais”.⁵

Segundo Freston, a Congregação Cristã era a maior igreja em número de membros até a década de 1940, quando as Assembleias de Deus a ultrapassam, e nunca mais ela conseguiu alcançar o topo novamente.⁶ Segundo dados do IBGE em 2010, eles somam 2.289.634 seguidores, enquanto as Assembleias Deus, segundo o mesmo Instituto, totalizam 12.314.410 membros (ver Anexo G).

Francescon “nunca residiu no Brasil, mas fez onze visitas entre 1910 e 1948, totalizando uma estada de quase 10 anos”.⁷ Não é difícil estabelecer o *ethos* de Francescon; ele não era jovem quando chegou ao Brasil, como Daniel Berg e Gunnar Vingren, que na verdade, eram ainda solteiros, mas estava com 44 anos de idade. Como observa Paul Freston: “Sua idade inicial já madura, e sua sobrevivência por mais 54 anos, foram fundamentais para sedimentar uma igreja de tradição oral e familista e evitar o fracionamento”. Na verdade, Francescon unia “o prestígio do pioneiro, o mistério do visitante passageiro de outro mundo e o respeito devido a um ancião”.⁸

A Congregação Cristã não tem pastores, mas anciãos não remunerados. Também não se fala em dízimos. Não há realização de campanhas evangelísticas, e os métodos da atualidade, rádio e televisão, distribuição de literatura e redes sociais são rejeitados. Também não se faz apelo para a conversão. Os convites são feitos pelos fiéis, individualmente, em especial para os dias de batismos em águas. Como afirma Mendonça, “o batismo é um apelo mudo”. Não existe discipulado para preparar o candidato ao batismo, e os que permanecem firmes após esse rito, segundo os crentes da Congregação, são os eleitos, os

⁵ LÉONARD, Émile-G. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1988, p. 79.

⁶ FRESTON, Paul. Op. cit., p.103.

⁷ Ibidem, p. 100.

⁸ Ibidem, p. 102.

verdadeiramente chamados. Mendonça reitera: “Neste sentido eles são mais presbiterianos que os presbiterianos brasileiros”.⁹

A vida diária de seus membros é norteadada num iluminismo religioso. Eles estão no integrismo¹⁰ que os faz afirmar que em tudo se submetem ao Espírito Santo. Eles se consideram inspirados pelo Espírito como foi o modo de vida de Francescon descrito no seu relato biográfico. “Pretendem ser essencialmente diferentes das Assembleias de Deus”.¹¹ Um dos principais dirigentes da Congregação Cristã no Brasil disse a Émile-G. Léonard, na década de 1950, em referência às Assembleias de Deus: “Elas têm pastores, missionários, jornais. Fazem propaganda e não confiam somente em Deus, como nós fazemos. É inegável o fato delas receberem também os dons do Espírito. Nós não somos os únicos cristãos a recebê-los. Mas eles não descansam unicamente nos dons do Espírito”.¹² A Congregação tem origem pentecostal, “mas é significativo seu distanciamento da glossolalia por causa da disciplina rigorosa exercida pela liderança”.¹³

DOUTRINA

Não há ensino bíblico nos cultos da Congregação Cristã. O papel da Bíblia é secundário; é mais um livro de oráculos do que a revelação de Deus como regra de fé e prática para a vida cristã. Os crentes vão aos cultos “buscar a Palavra”, cuja ênfase está nos testemunhos e nas profecias proferidas nos discursos do púlpito. Diferentemente dos demais cultos pentecostais, o ambiente é de compenetração, sem muito destaque para línguas e curas.

⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. Op. cit., p. 49.

¹⁰ Segundo o *Oxford Languages*, o integrismo é a atitude de fiéis que refutam toda e qualquer evolução ou mudança na religião, especialmente nos dogmas e nas formas externas do culto.

¹¹ LÉONARD, Émile-G. Op. cit., p. 84.

¹² LÉONARD, Émile-G. Op. cit., p. 84.

¹³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. “Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica”. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novo movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 73.

Suas doutrinas oficiais são os “Doze Pontos de Doutrina” publicados no apêndice do hinário da instituição, *Hinos de Louvores e Súplicas a Deus*.¹⁴ Como aconteceu com os pioneiros das Assembleias de Deus no Brasil, a Congregação Cristã fez também uso dos *Salmos e Hinos* no início e, a partir de 1914, foi adotado um hinário da Assembleia Cristiana Italiana de Chicago, com outras edições que se seguiram em 1919 e 1924. Depois disso, Francescon pediu que os anciãos brasileiros traduzissem alguns hinos para o português. Em 1932, foi publicada uma edição com os primeiros 329 hinos em português e os hinos 330 a 518 em italiano.¹⁵ O hinário hoje consta de 480 hinos e inclui sua confissão pública de fé (ver Anexo D).¹⁶

A teologia da Congregação Cristã, assim como a dos assembleianos, também vem das Escrituras, apesar do seu forte predestinalismo. Segundo Mendonça, existem três vertentes do pentecostalismo brasileiro a partir do núcleo comum de Chicago: batista, presbiteriana e metodista. “Embora as Igrejas resultantes dessas três vertentes sejam pentecostais pelo núcleo comum de suas crenças e práticas, elas conservam resíduos teológicos das origens históricas de seus fundadores.”¹⁷ Tudo indica que esse pensamento predestinalista da Congregação Cristã pode ser, então, um resquício da origem presbiteriana de Francescon.

¹⁴ *Hinos de louvores e súplicas a Deus*. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil, 2018.

¹⁵ YUASA, Key. *Louis Francescon – A Theological Biography 1866-1964* (pesquisa). Genève: Université de Genève, 2001, pp. 153, 154.

¹⁶ *Hinos de Louvores e Súplicas a Deus*, p. 490.

¹⁷ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. Op. cit., p. 48.

capítulo 6

A ORIGEM DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Segundo Synan, “as Assembleias de Deus são, de longe, a maior e a mais conhecida comunidade pentecostal do mundo. São também o mais visível e influente ramo pentecostal, impondo respeito no vasto mundo do cristianismo evangelical e carismático”.¹ As Assembleias de Deus brasileiras não ficam devendo nada a essa declaração. Synan acrescenta que a história das Assembleias de Deus, “é em grande parte, a história do próprio movimento pentecostal, e não somente nos Estados Unidos, mas também no mundo inteiro”. A maioria das comunidades pentecostais tinha suas raízes no Movimento de Santidade, mas os primeiros líderes das Assembleias de Deus, como Eudorus N. Bell e Joseph Flower, foram influenciados por William H. Durham, e este veio da Rua Azusa.

OS FUNDADORES

Os pioneiros do pentecostalismo no Brasil vieram dos Estados Unidos, mas não eram americanos. Luigi Francescon, fundador da Congregação Cristã no Brasil, era imigrante italiano; Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores das Assembleias de Deus em nosso país, eram suecos. Todos eles chegaram ao Brasil em 1910, sendo que Luigi Francescon chegou primeiro, em 8 de março em São Paulo, e os dois suecos chegaram em Belém do Pará em 19 de novembro. Adolph Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Gustav Högberg (1884-1963), mais conhecidos como Gunnar Vingren e Daniel Berg vieram de Chicago e foram influenciados pela escola de William H. Durham.

Gunnar Vingren

De origem batista, Gunnar Vingren esteve afastado da igreja na adolescência até os 18 anos de idade, quando foi batizado em águas em 1897 em Wraka, Smaland, Suécia. Ele conta no seu diário que chegou

¹ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p. 171.

aos Estados Unidos em 19 de novembro de 1903 em busca de trabalho, como os demais imigrantes europeus.² Em suas palavras, foi para Chicago em 1904 “a fim de começar um curso de teologia de quatro anos no seminário teológico sueco dos batistas”.³ O curso foi concluído em 1909.

Vingren pregou em diversas igrejas batistas no estado de Illinois, conforme relatou em seu diário: “Assumi o pastorado da Primeira Igreja Batista em Menominee, Michigan, de junho de 1909 a fevereiro de 1910”. Mas ele foi batizado no Espírito Santo no verão de 1909 numa conferência batista realizada na primeira Igreja Batista Sueca em Chicago: “Fui à Conferência com o firme propósito de buscar o batismo com o Espírito Santo. E, louvado seja Deus, depois de cinco dias de busca, o Senhor Jesus me batizou com o Espírito Santo e com fogo! Quando recebi o batismo, falei novas línguas, justamente como está escrito em Atos 2”.⁴

Daniel Berg

Daniel Berg nasceu na cidade de Vergön, na Suécia. De origem batista, foi batizado em águas, na Igreja Batista de Ranum, também na Suécia, aos 15 anos de idade em 1899. Ele relata em seu diário⁵ que chegou aos Estados Unidos aos 17 anos de idade, no dia 5 de março de 1902.⁶ Como aconteceu com Gunnar Vingren, a depressão econômica que a Suécia enfrentava na época resultou na migração de muitos suecos aos Estados Unidos.

Depois de certo tempo, Berg retornou a seu país para rever os familiares, ocasião em que ouviu de um amigo uma exposição bíblica sobre o batismo no Espírito Santo.⁷ Ele descobriu ainda nessa ocasião

² VINGREN, Ivar. *Diário do Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 23.

³ Ibidem, p. 24.

⁴ Ibidem, p. 25.

⁵ COSTA, Jefferson Magno. *Enviado por Deus – memórias de Daniel Berg, fundador das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 17.

⁶ Ibidem, p. 17.

⁷ Ibidem, p. 29.

que um amigo de infância, Lewi Pethrus (1884-1974), havia se tornado pentecostal. Aconteceu que, na segunda viagem aos Estados Unidos, Berg recebeu o batismo que tanto buscava: “Ao aproximar da América do Norte, Jesus respondeu às minhas orações. As bênçãos divinas vieram sobre mim, e tudo se modificou”.⁸ Era o ano de 1909.

Segundo Reily, Berg “logo a seguir, passou para a Igreja Batista de W. H. Durham, em Chicago”.⁹ Foi nessa ocasião que ele conheceu o então jovem Gunnar Vingren, em Chicago, que já havia sido batizado no Espírito Santo e tinha concluído os estudos em um instituto bíblico batista. Segundo McGee, Daniel Berg e Gunnar Vingren “começaram a frequentar as reuniões na Missão da Avenida Norte. Vingren, tempos depois, pastoreou uma igreja batista sueca em South Bend”.¹⁰ Ambos manifestaram o sentimento missionário, e a partir de então, eles se encontravam diariamente para entender melhor a Bíblia e o que Deus tinha para eles no futuro.¹¹

Daniel Berg relata: “Certo dia, o dono da casa onde Gunnar Vingren se hospedava recebeu de Deus uma revelação e profetizou para nós que iríamos para o Pará. Esse nome era uma orientação para nós, apesar de nunca o termos ouvido antes”.¹² Eles procuraram uma biblioteca e descobriram que o Pará ficava no Brasil. Ao comunicar essa revelação ao pastor da igreja e a alguns irmãos, estes não se entusiasmarão; antes, apresentaram muitas dificuldades, principalmente com o clima do Pará, e afirmaram que, ao chegarem ao Brasil, eles desanimariam e logo retornariam, “por isso, não nos prometeram qualquer garantia de sustento. Nem ao menos se prontificaram a nos ajudar a comprar Bíblias e Novos Testamentos”.¹³

⁸ Ibidem, p. 33.

⁹ REILY, Duncan Alexander. Op. cit., p. 369. Ver também MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 47.

¹⁰ MCGEE, Gary. In: “Além das vossas fronteiras: A expansão global do pentecostalismo”. In: SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 130.

¹¹ COSTA, Jefferson Magno. Op. cit., p. 34.

¹² Ibidem, p. 34.

¹³ Ibidem p. 35.

Eles tinham pouco mais de 90 dólares, exatamente o preço da passagem de Nova Iorque para o Pará, no Brasil. “A única coisa que os irmãos se prontificaram a fazer foi nos separar como missionários para a nossa missão no Brasil.”¹⁴

Os dois jovens partiram pela fé e na direção de Deus. Embarcaram em Nova Iorque em 5 de novembro de 1910. Guiados pelo Espírito Santo, desembarcaram em 19 de novembro de 1910 do navio *Clement* no porto de Belém do Pará, sem ninguém para recepcioná-los. Eles acompanharam as pessoas que iam para a cidade, confiando na direção divina. Depois de saborearem pela primeira vez a comida brasileira, chegaram a um parque e se sentaram num banco. Oraram a Deus pedindo ajuda e direção. Aí encontraram uma família que viajara no mesmo navio e falava inglês. Ainda não tinham reservado um hotel, então acompanharam a família até o hotel onde esta se hospedaria e encontraram outras pessoas que falavam inglês.

No dia seguinte, eles descobriram um pastor metodista americano, Justus Nelson, que os acompanhou até a Igreja Batista de Belém, pastoreada pelo pastor Jerônimo Teixeira de Souza, que também falava inglês. Os jovens missionários foram morar num desconfortável porão da Igreja Batista de Belém. Daniel Berg foi trabalhar numa fundição, com um salário suficiente para o sustento de ambos e para o pagamento de um curso de português de Gunnar Vingren. À noite, Vingren ensinava a Daniel Berg o que aprendera durante o dia.

Lewi Pethrus

De origem batista, Pethrus foi batizado aos 15 anos de idade, em 1899 em Vänesborg, Suécia. Em 1902, ele foi batizado no Espírito Santo e falou línguas sem nada saber de assuntos pentecostais. Em 1904, começou seus estudos de teologia no Seminário Batista Betel, em Estocolmo, e, depois da formatura, foi ordenado pastor batista.

¹⁴ Ibidem p. 35.

Em 1907, Pethrus se tornou pentecostal em Oslo, e a igreja sob os seus cuidados pastorais em Estocolmo aceitou também a mensagem pentecostal.¹⁵ Mas a Convenção Batista Sueca o expulsou ostensivamente com todo o rebanho, sob a alegação de que “eles praticavam a ceia aberta”, ou seja, de permitir que irmãos de outras denominações evangélicas participassem da celebração da Ceia do Senhor.¹⁶ Segundo o *Dicionário do movimento pentecostal*, “as reais causas de sua expulsão, porém, foram a teologia e a liturgia pentecostal”.¹⁷ Diante disso, Pethrus fundou a Igreja Filadélfia em Estocolmo. A herança e a influência eclesiológica batista continuaram no ministério de Lewi Pethrus, que “ensinava que cada igreja era totalmente independente e não deveria existir uma organização central. As igrejas trabalhariam em cooperação, por meio de convenções estaduais e nacionais informais de pastores e presbíteros”.¹⁸

Lewi Pethrus tomou conhecimento do derramamento do Espírito Santo em Kristiania, atualmente Oslo, Noruega, na igreja pastoreada por Thomas B. Barratt. Barratt era um pastor metodista inglês que em 1907 realizou nos Estados Unidos uma campanha para levantar fundos para a obra missionária na Noruega. Foi em Nova Iorque que Barratt soube do avivamento da Rua Azusa e começou a buscar o batismo no Espírito Santo: “Às vezes orava mais de doze horas seguidas”.¹⁹ Ele foi tomado pelo poder de Deus ao receber o batismo e não via a hora de voltar para a Noruega a fim de compartilhar a obra na sua congregação.

Depois disso, Lewi Pethrus esteve em Oslo, na igreja pastoreada por Barratt, e conta como foi essa experiência: “Um pouco mais tarde no culto, Barratt desceu e veio até mim; ajoelhou-se ao meu lado e me

¹⁵ SYNAN, Vinson. *Vozes do Pentecostes*. São Paulo: Vida, 2012, p. 139.

¹⁶ PETHRUS, Lewi. *Lewi Pethrus – A vida e obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, pp. 126, 127.

¹⁷ ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 656.

¹⁸ *Ibidem*, p. 656.

¹⁹ McGEE, Gary. In: “‘Além das vossas fronteiras’: A expansão global do pentecostalismo”. In: SYNAN, Vinson. *Op. cit.*, p. 101.

fez três perguntas”.²⁰ Mas a experiência glossolálica aconteceu em outra ocasião.²¹ O pentecostalismo de Pethrus veio de Barratt. Os dois se tornaram líderes pentecostais importantes na Europa. Por influência de Barratt, a obra pentecostal se espalhou pela Europa, mais precisamente na Finlândia, Inglaterra, Alemanha, Suíça e Holanda, e Lewi Pethrus tornou-se o pai do pentecostalismo sueco.

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO

Daniel Berg e Gunnar Vingren vieram dos Estados Unidos sem qualquer sustento financeiro de sua igreja, mas, em 1914, Lewi Pethrus os adotou como missionários da Igreja Filadélfia de Estocolmo, assumindo o sustento financeiro deles.²² Depois de adotar os pioneiros, Lewi Pethrus começou a enviar outros missionários ao Brasil.

A pregação e o ensino de Daniel Berg e Gunnar Vingren chamavam a atenção de muitos crentes: “Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará”. Por causa da mensagem pentecostal, alguns crentes haviam experimentado o poder de Deus com o batismo no Espírito Santo, a manifestação das línguas e as curas divinas. Isso trouxe um clima de debate entre os irmãos, que resultou na expulsão de 18 crentes batistas que apoiaram a mensagem pentecostal desses suecos. Os missionários foram ainda expulsos do porão da Igreja, onde moravam. Dessa forma, o irmão Henrique e sua esposa Celina Albuquerque ofereceram o lar para cultos e também como moradia aos missionários. Era o dia 13 de junho de 1911. Daniel Berg e Gunnar Vingren registraram o ocorrido, cada um em seu diário, em relatos independentes.²³

²⁰ PETHRUS, Lewi. Op. cit., p. 74.

²¹ Ibidem, p. 80.

²² ARAUJO, Israel. *História do movimento pentecostal no Brasil – o caminho do pentecostalismo brasileiro até os dias de hoje*, p. 46.

²³ COSTA, Jefferson Magno. Ibidem, pp. 56-60; VINGREN, Ivar. Ibidem., pp. 40, 42.

Celina Albuquerque Martins (1876-1966) foi “a primeira crente batista de Belém a receber o batismo no Espírito Santo, em 1911, ao crer na doutrina pentecostal pregada por Gunnar Vingren e Daniel Berg”.²⁴ No domingo seguinte, 18 de junho de 1911, na casa da irmã Celina de Albuquerque, eles realizaram o primeiro culto depois da expulsão; participaram uns 20 irmãos provenientes da Igreja Batista, incluindo os missionários.

Por causa do batismo no Espírito Santo, os missionários começaram as Assembleias de Deus, então chamada “Missão de Fé Apostólica”. A Igreja foi registrada oficialmente em 4 de janeiro de 1918 com o nome “Assembleia de Deus”, adotado no Concílio Geral, em 1914, em Hot Springs, EUA. Não se sabe o que levou Gunnar Vingren a decidir pela mudança para esse nome, visto que a obra no Brasil não tinha vínculo administrativo nem eclesiástico com as igrejas americanas.²⁵

Os missionários continuaram a sua jornada. Daniel Berg evangelizava enquanto fazia o trabalho de colportagem de Bíblias e Novos Testamentos. Ele foi o colportor pioneiro das Assembleias de Deus em Belém e no interior do estado. Logo as igrejas se expandiram por todo o país, tanto pelos próprios pioneiros como pela leva de outros missionários enviados pela missão sueca, como Samuel Nyström, “pioneiro do ensino pentecostal em escolas bíblicas” (1891-1960) e Frida Vingren, missionária e esposa de Gunnar Vingren (1891-1940). Samuel Nyström chegou com sua esposa em Belém em 18 de agosto de 1916.

Frida Vingren, “poetisa, compositora, musicista, redatora, pesquisadora e ensinadora”,²⁶ foi a mulher que mais se destacou entre as missionárias. Seu nome de solteira é Frida Maria Strandberg. Ela desembarcou em Belém do Pará em 14 de julho de 1917 e foi hóspede do missionário Samuel Nyström até o dia do seu casamento com Gunnar

²⁴ ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 7.

²⁵ Ibidem, pp. 45-50.

²⁶ ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 903.

Vingren, que aconteceu em 16 de outubro do mesmo ano numa cerimônia celebrada pelo próprio Nyström.²⁷

Joel Carlson (1889-1942), com sua esposa, Signe Carlson, chegaram em Belém do Pará em 12 de janeiro de 1918, depois de um curto período de adaptação se transferiram para Pernambuco, chegaram em Recife em 14 de outubro desse mesmo ano. Nels Julius Nelson (1894-1963), “o apóstolo pentecostal brasileiro”, chegou em Belém no dia 21 de março de 1921, não foi enviado por uma igreja, veio sem vínculo missionário-financeiro, mas com promessa de ofertas dos irmãos norte-americanos. Só em 1947 ele foi reconhecido pela missão sueca. Nils Katsberg (1896-1978) desembarcou com sua esposa, Eufrosyne, em 1928 em Recife, e foi recepcionado pelo missionário Joel Carlson. Anna Carlsson (1887-1942) “veio ao Brasil no grupo que chegou em 21 de março de 1921, junto com o missionário Daniel Berg”.²⁸

Outros missionários chegaram da Suécia a partir da década de 1930, entre eles, Nils Taranger (1916-2003), Eurico Bergstén (1913-1999) e muitos outros que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil. Além disso, a divulgação da mensagem pentecostal se deu também pelos próprios brasileiros, frutos da obra dos missionários, ao transferirem suas residências para outras regiões do país - nordeste, sudeste, sul e centro-oeste. E hoje “as Assembleias constituem a Igreja mais popular do Brasil, bem como a mais numerosa”.²⁹

A partir da década de 1930, a missão americana enviou muitos missionários ao Brasil, entre eles Theodore Richard Sthor, Orlando Spencer Boyer, Lawrence Olson, Bernhard Johnson, o pai do missionário Bernhard Johnson Jr., e o canadense Thomas Reginald Hoover, entre outros. A maior parte deles atuou na área do ensino bíblico e teológico. Israel de Araujo, no *Dicionário do movimento pentecostal*, apresenta a lista

²⁷ ARAUJO, Israel. *Frida Vingren – uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 42.

²⁸ ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 157.

²⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 50.

dos missionários e suas respectivas esposas, das missionárias solteiras da Suécia³⁰ e também dos missionários americanos com suas respectivas esposas e também dos solteiros que o pastor Mark Jonathan Lemos, diretor do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus de Pindamonhangaba relacionou,³¹ e de outros países.³²

E, assim, as Assembleias de Deus no Brasil seguiram na sua jornada. Nos primeiros dez anos, construiu o primeiro templo em Belém, criou seu primeiro periódico, a *Voz da Verdade*, depois, os jornais *Boa Semente* e *Som Alegre*. Desde cedo na história das Assembleias de Deus os primeiros missionários reconheceram a importância da literatura impressa. A partir de então, a obra se espalhou pelo país.

Na obra *História das Assembleias de Deus no Brasil*, Emílio Conde narra com detalhes as primeiras cidades de cada estado aonde a mensagem pentecostal chegou.³³ É possível ver a expansão das Assembleias de Deus por estado, e as pessoas que levaram a mensagem pentecostal, mas nem sempre significa que essa pessoa foi a fundadora da igreja, nem que a obra foi fundada naquele ano. A lista de locais, datas e nomes por estados foi elaborada por Isael de Araujo (ver Anexo E).

³⁰ ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 472.

³¹ *Ibidem*, p. 467.

³² *Ibidem*, pp. 470, 473.

³³ *Ibidem*, p. 56.

capítulo 7

CONTEXTO HISTÓRICO-TEOLÓGICO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Diante do avanço da obra no Brasil, era necessário estruturar o movimento pentecostal e criar um órgão máximo para manter a identidade e a unidade doutrinária das Assembleias de Deus no país, e dessa, forma trazer solução para as questões de ordem doméstica, interna e externa. Foi com base nesses ideais que os pioneiros brasileiros e suecos criaram a Convenção Geral das Assembleias de Deus, em setembro de 1930.

A CRIAÇÃO DA CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL (CGADB)

Depois de 18 anos de fundação das Assembleias de Deus, havia chegado a hora de criar um órgão máximo na denominação. O pastor Cícero Canuto de Lima foi um dos idealizadores da Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB). Os obreiros das regiões Norte e Nordeste se reuniram nos dias 17 e 18 de fevereiro de 1929 em Natal, Rio Grande do Norte, com o propósito de marcar um encontro de caráter nacional com os missionários suecos. Até então, nenhum trabalho aberto pelos missionários havia recebido autonomia, e os pastores nacionais dirigiam grande número de igrejas.

A necessidade de organização

A obra pentecostal havia prosperado e, quase 20 anos depois, os líderes nacionais desejavam mais autonomia. Não se tratava de plano de divisão da obra pentecostal, mas os missionários temeram uma cisão. Gunnar Vingren revelou essa preocupação pessoalmente ao pastor Lewi Pethrus, em Estocolmo. Foi assim que Vingren o convidou para visitar o Brasil.¹ “Após o encontro entre o representante da Missão sueca (Pethrus), os missionários e os pastores brasileiros, o que se per-

¹ PETHRUS, Lewi. *Lewi Pethrus – A vida e obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, pp. 221, 222.

cebeu, na verdade, era que havia a necessidade de uma nova fase de expansão da mensagem pentecostal no país, que o Sul e o Sudeste ainda estavam carentes da atuação missionária.”²

Esse encontro foi marcado para os dias 5 a 10 de setembro de 1930, em caráter de urgência, no templo central da Assembleia de Deus de Natal. O encontro reuniu a maioria dos pastores nacionais e todos os missionários suecos, além do pastor Lewi Pethrus, com o objetivo de “resolverem certas questões que se prendem ao progresso e harmonia da causa do Senhor”.³ O pastor Francisco Gonzaga da Silva, anfitrião do encontro e um dos idealizadores da primeira convenção, abriu os trabalhos. O pastor Cícero Canuto de Lima foi eleito primeiro presidente e presidiu a primeira assembleia geral. Na época, ele estava com 36 anos e pastoreava as Assembleias de Deus de João Pessoa, na Paraíba. A ata do evento se perdeu, mas o registro desses acontecimentos foi preservado no *Mensageiro da Paz* e na revista da Igreja Filadélfia de Estocolmo, *Evangelii Haröld*; e boa parte foi publicada em português no *Dicionário do movimento pentecostal* e nas autobiografias de Lewi Pethrus e Gunnar Vingren. Os temas principais foram a autonomia dos líderes nacionais nas igrejas do Norte e Nordeste, a fusão dos periódicos *Boa Semente* e *Som Alegre* em um só jornal, o *Mensageiro da Paz*, e o ministério da mulher.

Foi concedida autonomia às igrejas das regiões Norte e Nordeste, nos estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Eram 160 igrejas que deveriam ser entregues inteiramente aos obreiros nacionais. O pastor Lewi Pethrus conta também que “foi apresentado pelos missionários que todos os templos e locais de reuniões que pertenciam à Missão deveriam ser entregues, sem nenhum custo, às respectivas igrejas

² ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 209.

³ DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 23.

locais brasileiras. Se isso não fora feito, teria de fazer-se e estar terminado até 1º de julho de 1931”.⁴

Em 1919, os missionários Gunnar Vingren, Otto Nelson e outros, em Belém, fundaram o jornal *Boa Semente*, que veio a ser o órgão oficial das Assembleias de Deus. O jornal *Voz da Verdade* circulava desde 1917, mas não era órgão oficial e deixou de existir a partir de então. Havia ainda outro jornal, o *Som Alegre*, cuja fusão com o *Boa Semente* num só periódico foi aprovada pelos convencionais, recebendo o nome de *Mensageiro da Paz* e funcionando desde então como órgão oficial das Assembleias de Deus publicado, ininterruptamente.

Gunnar Vingren e Samuel Nyström tinham opiniões diferentes sobre o ministério feminino. “Gunnar Vingren defendeu o ministério da mulher na Convenção de 1930, enquanto Samuel Nyström, por sua vez, se opôs à proposta.”⁵ Os dois discutiram por cartas e também em alguns encontros pessoais, envolvendo outros missionários como Daniel Berg e Bruno Skolimowski em 1929 e em 1930, nos meses que antecederam a Convenção.⁶ Lewi Pethrus relata que havia divergência de opiniões entre os convencionais e os principais líderes nacionais. Mas a Convenção aprovou a seguinte declaração:

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e da sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12.3-8. Isso deve acontecer somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar.⁷

⁴ ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 210; VINGREN, Ivar. Op. cit. p. 176.

⁵ DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 34.

⁶ DANIEL, Silas. Op. cit., p. 39.

⁷ VINGREN, Ivar. Op. cit., p. 180.

Curiosamente, a primeira pessoa batizada no Espírito Santo e a falar em línguas no pentecostalismo moderno foi uma mulher, Agnes Nevada Ozman. Ela também foi a primeira pessoa receber o batismo no Espírito Santo no século 20, em 1º de janeiro de 1901, em Topeka, Kansas, Estados Unidos. Muitas outras mulheres se destacaram como pregadoras de curas divinas e avivalistas que levaram multidões aos pés de Jesus; é o caso de Maria B. Woodworth-Etter e Aimée Semple McPherson, entre outras.

No Brasil, a primeira pessoa a ser batizada no Espírito Santo também foi uma mulher, a irmã Celina Albuquerque; e a segunda foi Maria de Jesus Nazaré. A missionária Frida Vingren atuou como pregadora e ensinadora, escreveu para os jornais *Boa Semente*, *Som Alegre* e *Mensageiro da Paz*, lecionou em escolas bíblicas de obreiros, escreveu *Lições de Escola Dominical* trabalhou com Samuel Nyström na redação do *Mensageiro da Paz*. Ela dirigia cultos nas ausências do marido.

A missionária Lina Nyström, esposa de Samuel Nyström, “ficou responsável durante quatro meses, em 1919, pela igreja de Manaus, na ausência de seu esposo”.⁸ As irmãs Nair Barata Soares e Cacilda Brito, juntamente com o missionário Samuel Nyström, redigiram o comentário das *Lições Bíblicas* do terceiro trimestre, de julho a setembro de 1940⁹ e comentaram as lições do segundo semestre de 1943 (ver anexo B). Florência Silva Pereira dirigiu um campo com seis igrejas em Aracaju, Sergipe, na década de 1950.

Apesar das divergências entre Gunnar Vingren e Samuel Nyström, eles se respeitavam. Vingren, ao retornar definitivamente à Suécia, em 1932, por causa do seu estado de saúde, passou a direção da igreja de São Cristóvão a Nyström: “No culto de despedida, impôs as mãos sobre Samuel, que, de joelhos, recebeu a oração de Gunnar Vingren, pedindo que Deus o usasse poderosamente à frente da AD do Rio de Janeiro”.¹⁰ O assunto “ministério da mulher” só voltou ao temário da CGADB em 1983, que

⁸ ARAUJO, Israel. Op. cit., p. 492.

⁹ Coleção *Lições Bíblicas*, volume 1, 1934-1940. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 1069.

¹⁰ Ibidem, p. 494.

rejeitou a expedição de credencial de pastor ou evangelista para missionárias, permitindo apenas o “documento comprobatório de missionária”; e depois, em 2001, em Brasília, a proposta foi novamente rejeitada.¹¹

As assembleias gerais CGADB

As assembleias gerais eram anuais até 1949, com exceção de 1941 a 1945. Depois de 1949, elas se tornaram bienais, exceto em três gestões, que foram trienais, 1959-1962; 1968-1971; 1990-1993.¹² A assembleia geral de 1938, realizada em Recife, decidiu que a partir daquela data as assembleias convencionais passariam a se chamar “Semana Bíblica”. O objetivo era o maior aproveitamento do tempo para estudos bíblicos, deixando os assuntos administrativos para as convenções regionais. Foram realizadas quatro semanas bíblicas, em 1939, 1940, 1941 e 1943. A de 1942 foi cancelada por causa da Segunda Guerra Mundial, e a quinta semana, que chegou a ser anunciada no *Mensageiro da Paz*, teve de ser cancelada pelo mesmo motivo.¹³ Em 1945 não houve assembleia geral, mas foram realizadas sessões convencionais na Escola Bíblica de Obreiros nos dias 17 e 18 de maio de 1945. Em 1946, foi retomado o nome original da instituição, Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, ano que a CGADB se tornou pessoa jurídica.

Os membros da CGADB são os pastores e os evangelistas, e não as igrejas. O papel da Convenção, entre outros, é promover a moderação, a paz, a harmonia, a união e o intercâmbio entre as igrejas, bem como zelar pela observância da doutrina bíblica e incentivar a pregação do evangelho. Para a 45ª Assembleia Geral Ordinária em 2021, em Cuiabá, Mato Grosso, o cadastro da CGADB conta com mais de 80 mil ministros, isto é, pastores e evangelistas. As convenções regionais são órgãos ou associações de pastores e evangelistas em âmbito estadual, interestadual ou regional cadas-

¹¹ DANIEL, Silas. Op. cit., pp. 491, 633.

¹² Ibidem, pp. 208-213.

¹³ DANIEL, Silas. Op. cit., pp. 149-200.

trados e registrados na CGADB; foram oficializadas em 1935 na assembleia geral realizada em João Pessoa.¹⁴

LISTA DOS PRESIDENTES DA CGADB PELA ORDEM CRONOLÓGICA

Gícero Canuto de Lima	1930, 1945, 1947, 1957
Gunnar Vingren	1931
Joel Carlson	1932
Samuel Nyström	1933-1934, 1936, 1938, 1939, 1941-1943, 1946, 1948
Otto Nelson	1935
Paulo Leivas Macalão	1937
José Bezerra da Silva	1940
Nels Julius Nelson	1949
Herbert Gustav Nordlund	1951
Francisco Pereira do Nascimento	1953, 1955, 1959
Antônio Petronilo dos Santos	1962
José Pimentel de Carvalho	1964, 1977, 1981, 1985
Túlio Barros Ferreira	1966, 1975
João Alves Correia	1968
Alípio da Silva	1971
João Batista da Silva	1973
Luiz Bezerra da Costa	1979
Manoel Ferreira	1983
Alcebíades Pereira Vasconcelos	1987
José Wellington Bezerra da Costa	1988, 1990, 1995-2017
Avelino Maicá da Silveira	1989
Sebastião Rodrigues de Souza	1993
José Wellington Costa Junior	a partir de 2017

¹⁴ ARAUJO, Isael. Op. cit., p. 206.

As diversas práticas assembleianas são resultados de estudos, pesquisas, reflexão e debates, depois colocados em votação em assembleias gerais na CGADB, longe da imposição de um líder ou mesmo do presidente. Qualquer convencional tem direito a palavra e voto, e isso desde o princípio; depois de aprovada a matéria, a resolução é comunicada as igrejas por meio do *Mensageiro da Paz*. Seguem alguns exemplos: o não uso da cruz vazia nos templos, o nome nas fachadas como “Assembleia de Deus” e não a forma completa, “Igreja Evangélica Assembleia de Deus”, a saudação tradicional com “a paz do Senhor”, a criação das *Lições Bíblicas*, revista da Escola Bíblica Dominical, a criação da CPAD, o uso das emissoras de rádio para evangelização, os critérios para a ordenação de obreiros, a ministração da Ceia do Senhor e muitas outras crenças e práticas.

Assembleias de Deus Ministério de Madureira

Essa igreja nasceu em Madureira, Rio de Janeiro, no mesmo ano da conversão de Paulo Leivas Macalão, um de seus fundadores. Ele foi batizado pelo missionário Gunnar Vingren em 22 de junho de 1924, uma semana após a inauguração da Igreja.¹⁵ E recebeu o batismo no Espírito Santo em 3 de novembro do mesmo ano. Foi por ocasião da visita do pastor Lewi Pethrus ao Rio de Janeiro, em agosto de 1930, que o missionário Gunnar Vingren ordenou-o ainda solteiro pastor Paulo Macalão, que, em janeiro de 1934, veio a se casar com a jovem Zélia Brito Macalão.¹⁶ O pastor Paulo Macalão serviu como “evangelista, músico, compositor, fundador do Ministério de Madureira e antigo líder nacional da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil”.¹⁷ Em 2 de maio de 1958, ele foi eleito pastor geral do Ministério da Assembleia de Deus de Madureira e igrejas afiliadas. A criação da Convenção Nacional dos Ministros das Assembleias de

¹⁵ Ibidem, p. 41.

¹⁶ Ibidem, pp. 438, 439.

¹⁷ Ibidem, p. 437.

Deus em Madureira e Igrejas afiliadas (Conamad) veio a ser a causa principal do seu desligamento da Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB) em 1989.¹⁸

DOCTRINA

A *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil* é o documento que expressa as doutrinas oficiais das Assembleias de Deus. Esse documento eclesiástico foi promulgado na 43ª Assembleia Geral Ordinária da CGADB, realizada na cidade de São Paulo, no templo sede da Assembleia de Deus Ministério Belém, em abril de 2017, sob a presidência do pastor José Wellington Bezerra da Costa.

Cremos

O *Cremos* é o extrato da *Declaração de Fé* que serve como verdades centrais da denominação; contém 16 artigos de fé, publicados em cada edição do *Mensageiro da Paz* (ver Anexo F). O texto tinha originalmente 14 artigos de fé preparado pelo pastor Alcebiades Pereira Vasconcelos e passou a ser publicado no *Mensageiro da Paz* desde julho de 1969. Uma revisão rigorosa foi realizada em 2015 pela mesma Comissão Especial que elaborou a *Declaração de Fé*. A *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil* explica cada um dos 16 artigos de fé do *Cremos* na mesma sequência de assuntos, às vezes intercalados com alguns capítulos que tratam de temas ensinados pela Igreja, porém, ausentes no *Cremos*.

O pensamento teológico

O fato de Daniel Berg, Gunnar Vingren e os demais missionários que vieram da Suécia serem de origem batista leva alguns a pensar

¹⁸ Ibidem, pp. 32, 33. DANIEL, Silas. Op. cit., pp. 526-528.

equivocadamente que as Assembleias de Deus são arminianas. Mas o fato é que a sua teologia vem diretamente das Escrituras Sagradas, sem intermediação dos teólogos da Reforma Protestante. A teologia pentecostal que nossos pais nos legaram não teve nenhum teólogo ou reformador como intermediário. Os pentecostais queriam distância das organizações religiosas institucionalizadas.

O missionário Nils Kastberg foi redator do jornal *Mensageiro da Paz* entre 1932 e 1939, comentou 16 trimestres da revista *Lições Bíblicas* da Escola Dominical e atuou como principal apologista das doutrinas pentecostais na década de 1930.¹⁹ Ele refutou o quinto ponto da TULIP, “a perseverança dos santos”.²⁰ Sem mencionar esse termo teológico, escreveu: “Essa doutrina errônea leva os ouvintes a crerem que, uma vez salvos, eles podem viver como quiserem, praticando toda sorte de pecados, porquanto já ganharam a salvação e jamais a perderão – são predestinados”.²¹ A resposta do pastor Kastberg foi baseada diretamente nas Escrituras, sem intermediação de Armínio: “A nossa posição, aqui no mundo, como crentes, pela fé, em Jesus, e quem não permanecer em Jesus está perdido, está cortado da Videira”. Em seguida, ele apresenta argumentos semelhantes aos da atual *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* (capítulo X.6).²² Se as Assembleias de Deus fossem arminianas, o missionário teria usado os escritos ou argumentos teológicos de Armínio para confirmar a nossa teologia. O pentecostalismo foi uma reação ao formalismo teológico e formalístico no início do século passado.

¹⁹ ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*, pp. 408, 409.

²⁰ “TULIP” é a sigla inglesa, *Total depravation, Unconditional election, Limited atonement, Irresistible grace, Perseverance of the saints*, [depravação total, eleição incondicional, expiação limitada, graça irresistível, perseverança dos santos], tema dos debates soteriológicos que aconteceram na Holanda nas primeiras décadas de 1600. Trata-se de uma resposta aos cinco pontos da chamada Remonstrância ou: “Opiniões dos Remonstrantes” dos calvinistas radicais: a) livre-arbítrio ou capacidade humana, b) eleição condicional, c) redenção universal ou expiação geral, d) pode-se efetivamente resistir ao Espírito Santo, e) decair da graça.

²¹ *Mensageiro da Paz*, maio de 1935, 2ª Quinzena. Rio de Janeiro: CPAD, p. 4.

²² SOARES, Esquias. *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 114.

A CPAD vem publicando em vários volumes a coleção de todas nossas revistas *Lições Bíblicas* da Escola Dominical lançadas desde a década de 1930. Em nenhuma delas há citação de teólogo ou reformador algum para ensinar, esclarecer, ilustrar ou embasar uma interpretação bíblica. Os diversos artigos e estudos bíblicos publicados no *Mensageiro da Paz* durante todas essas décadas nem sequer mencionam Armínio ou qualquer outro reformador. A CPAD publicou também, em 2015, *As obras de Armínio*, em três volumes; eu mesmo escrevi o *endorsement*, inserido na “orelha” da quarta capa. É uma obra excelente, mas isso não faz das Assembleias de Deus uma instituição arminiana. Nenhum representante legal da CGADB declarou as Assembleias de Deus como arminianistas. O que existe de fato é um resíduo teológico e eclesiológico das origens históricas de seus fundadores, nada mais. “As três vertentes do pentecostalismo brasileiro, partindo do núcleo comum de Chicago, são a batista, a presbiteriana e a metodista”.²³ O que torna uma instituição religiosa arminiana é ser ela doutrinada por Jacó Armínio, ser partidária ou seguidora dos ensinamentos de Armínio, e isso nunca aconteceu nas Assembleias de Deus.

Há arminianos convictos nas Assembleias de Deus e talvez alguns pensem que a sua denominação seja arminiana; quanto a isso, não há proibição alguma, mas isso tudo se deve à sua convicção individual. Nada há em nossas publicações antigas e atuais que lembre as obras ou a influência de Armínio, a não ser a semelhança soteriológica, e crenças e práticas que conservam resíduos da teologia arminiano-wesleyana. Isso mostra simplesmente que pensamos de forma semelhante. A nossa teologia é original e bíblica e não um apêndice pneumatológico da teologia reformada. Não estamos falando de um “gueto” teológico visto que os pontos essenciais do pensamento cristão são os mesmos, mas nem sempre são apresentados da mesma maneira. A doutrina bíblica é um dos legados deixados por nossos pioneiros (2Tm 3.14-17).

²³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. Op. cit., p. 46.

EVANGELISMO E DISCIPULADO

As Assembleias de Deus se diferenciam da Congregação Cristã no Brasil em vários aspectos na forma de anunciar o evangelho. Sua forma de anunciar o evangelho com o passar do tempo, as Assembleias de Deus foram mais abertas às transformações sociais do que a Congregação Cristã no Brasil. Mas a Congregação Cristã não se desenvolveu mesmo diante das transformações sociais e, com o passar do tempo, ela mantém o mesmo padrão.

Os métodos

Nas primeiras décadas, o contato evangelístico era pessoal, e a evangelização era feita nas casas, nas praças públicas e em outros locais, com a distribuição de folhetos evangelísticos ou panfletos convidando as pessoas para o culto. Também havia a colportagem de Bíblias, método usado pelo próprio missionário Daniel Berg. A televisão só chegou ao Brasil em 1950, vinte anos depois de sua invenção, e mesmo assim as Assembleias de Deus levaram muito tempo para aceitá-la.

Nas Assembleias de Deus, o uso do rádio para a evangelização só foi liberado em 1937 na assembleia geral ordinária realizada nos dias 3 a 17 de outubro, em São Paulo: “Apesar de não ter sido ainda nessa época a liberalização para o crente poder ter um aparelho de rádio em casa, o que viria a acontecer tempos depois, a Convenção decidiu por unanimidade aprovar o uso do rádio para a evangelização”.²⁴ Embora, dez anos depois, o missionário Lawrence Olson tenha fundado o primeiro programa radiofônico, na Rádio Cultura de Lavas, MG, foi só em 1955 que ele lançou o programa radiofônico, *A Voz das Assembleias de Deus*, na Rádio Tamoio, no Rio de Janeiro, depois trans-

²⁴ DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 128.

mitido por outras emissoras, como as rádios Mayrink Veiga, Tupi, Relógio, Copacabana, Boas Novas e Universo de Curitiba.²⁵ Era, de fato, um grande avanço para a evangelização e ainda hoje é um importante meio de comunicação usado por nossas igrejas para a evangelização, enquanto para a Congregação Cristã no Brasil isso era e ainda é algo impensável.

Acompanhando as transformações sociais ao longo do tempo, as Assembleias de Deus foram se adaptando à nova realidade. Depois dos programas radiofônicos, vieram os programas de televisão, que já estão em todo o país. Hoje, as Assembleias de Deus fazem uso das redes sociais, e a CPAD coopera com as igrejas tanto na produção de literatura como na criação de programas de treinamento para a obra da evangelização e do discipulado. Atualmente, a mensagem pentecostal, os ensinamentos bíblicos e as doutrinas são comunicadas nos diversos meios disponíveis.

As campanhas evangelísticas

As campanhas evangelísticas realizadas por evangelistas carismáticos e cheios da graça de Deus em ginásios de esportes, estádios de futebol e terrenos baldios é uma das características assembleianas. Por exemplo, o missionário Bernhard Johnson Jr. (1931-1995), além de pastorear Assembleias de Deus em Minas Gerais, era também pregador de cruzadas evangelísticas de cura divina e de milagres por toda parte do país. Ele tinha uma equipe de músicos e cantores, assistentes e conselheiros para encaminhar os novos convertidos ao discipulado nas igrejas locais, e ainda produzia literatura apropriada para o discipulado. Centenas de milhares de pessoas já se converteram a Jesus por meio desses trabalhos; muitas receberam o batismo no Espírito Santo e foram curadas milagrosamente. Outros pregadores avivalistas continuam realizando campanhas evangelísticas até hoje.

²⁵ Ibidem, p. 128

Muitas curas acontecem por toda parte em nossas igrejas, de modo que os crentes aprenderam a conviver com os milagres, embora sejam eles sinais poderosos. As Assembleias de Deus não têm o costume de usar os milagres como peça publicitária. As igrejas estão cheias de crentes com testemunhos de curas e milagres.

A obra missionária

Um grande número de Assembleias de Deus se envolve com a obra missionária. Na verdade, a denominação nasceu com a visão de evangelizar o mundo. Já nos primeiros anos, a Igreja de Belém enviou o primeiro missionário a Portugal. Mais precisamente em 1913, José Plácido da Costa foi enviado para comunicar a mensagem pentecostal aos portugueses. “Era a primeira demonstração viva e prática do espírito missionário das Assembleias de Deus”.²⁶ No ano seguinte, um dos fundadores da igreja de Belém, o português Manoel Maria Rodrigues, regressou a Portugal para levar o pentecostalismo a seus patrícios, mas de lá resolveu evangelizar seus parentes na Argentina, e em sua residência nasceu a Assembleia de Deus em Buenos Aires. Os pioneiros Daniel Berg e Samuel Nyström serviram como missionários também em Portugal na década de 1930, e Nils Kastberg foi para a Argentina em 1940, onde serviu até sua morte em 1978.

Hoje, as Assembleias de Deus brasileiras mantêm muitos missionários; pode-se falar de milhares, pois nem todos são cadastrados na Secretaria Nacional de Missões (Senami). Em 2007 “estavam cadastrados 2.150 missionários, distribuídos em 36 países, incluindo o Brasil.”²⁷ Inspirada na Grande Comissão (Mt 28.19, 20), a CGADB criou a Senami na sua 22ª assembleia geral ordinária, em 1975, na cidade de Santo André, São Paulo. Um dos objetivos é promover e incentivar a obra missionária, assistir às igrejas no envio de missionário e fornecer credenciais, ou seja, documentos que facilitem a entrada dos missionários no exterior atendendo às igrejas. Foi criada a oferta anual para

²⁶ ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 475.

²⁷ *Ibidem*, p. 477.

missões, levantada em todas as igrejas, para que todos os crentes participem dos projetos missionários.

A CGADB criou também a Escola de Missões das Assembleias de Deus (Emad) na 32ª assembleia geral ordinária, em 1989, na cidade de Salvador, Bahia, a fim de preparar e treinar os futuros missionários. A Senami funciona nas dependências da sede da CGADB, no Rio de Janeiro, e a Emad funciona em Campo Limpo Paulista, nas proximidades da cidade de São Paulo.

Os congressos nas igrejas

As Assembleias de Deus realizam em todo o país diversos congressos. Eles têm como foco as mulheres, os jovens, os adolescentes, e acontecem nos templos e em ginásios de esportes, visando tanto a confraternização quanto a evangelização e a busca do batismo no Espírito Santo. Nesses encontros, muitos jovens ficam se conhecendo e, por vezes, tais amizades resultam até em casamentos.

Aos poucos, os trabalhos com as crianças foram evoluindo, de modo que, hoje em dia, há congressos de crianças e de adolescentes em muitas igrejas. O trabalho com adolescentes, inclusive, já ganhou espaço em âmbito nacional, com reconhecimento da CGADB e apoio da CPAD. As esposas de ministros já vinham se reunindo em reuniões paralelas às sessões convencionais desde 1985, na assembleia geral da CGADB realizada em Anápolis, no estado de Goiás. A União Nacional de Esposas de Ministros das Assembleias de Deus (Unemad) foi reconhecida pela Assembleia Geral da CGADB realizada em Cuiabá, Mato Grosso em 1993.²⁸ A irmã Wanda Freire Costa (1934-2019), esposa do pastor José Wellington Bezerra da Costa, foi escolhida presidente e, desde então, dirigiu o movimento até a eleição do pastor Wellington Costa Júnior para presidir a CGADB em abril de 2017. Sua esposa, a irmã Lídia Dantas Costa, assumiu a liderança da Unemad a partir de então.

²⁸ Ibidem, p. 877.

O ensino bíblico

Desde 1940, as Assembleias têm a sua própria editora, a CPAD, e um periódico oficial, o jornal *Mensageiro da Paz*, além de outras publicações, como livros e revistas *Lições Bíblicas* da Escola Dominical. Não é à toa que o historiador francês, pesquisador e professor de História da Universidade de São Paulo (USP), Émile-G. Léonard (1891-1961), em 1952, chamou as Assembleias de Deus de “pentecostalismo bíblico organizado”.²⁹

Os assembleianos, juntamente com as outras igrejas, pentecostais e não pentecostais, somam esforços com a Sociedade Bíblica do Brasil na publicação e divulgação da Bíblia. Emílio Conde representou as Assembleias de Deus na cerimônia de fundação da Sociedade Bíblica do Brasil em junho de 1948. Ele disse em seu discurso: “As Assembleias de Deus consideram a criação da Sociedade Bíblica do Brasil uma demonstração da providência de Deus.... As Assembleias de Deus existem pela mesma razão e pelos mesmos motivos que determinam a criação da Sociedade Bíblica do Brasil, isto é, existem porque há um livro, a Bíblia”.³⁰ A assembleia geral ordinária da CGADB de 1949 recebeu o secretário da Sociedade Bíblica do Brasil e levantou uma oferta especial.³¹ Desde então, As Assembleias de Deus se tornaram parceiras da Sociedade Bíblica do Brasil.

As Assembleias de Deus promovem treinamento bíblico para seus obreiros nas igrejas e oferecem cursos teológicos. Apesar do longo hiato sem um instituto bíblico, que durou cerca de 40 anos, nosso apego à Palavra de Deus e ao estudo bíblico sistematizado vem desde os pioneiros. Essa é uma das nossas características distintivas em relação às demais denominações pentecostais e aos movimentos neopentecostais.

²⁹ LÉONARD, Émile-G. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1988, p. 78. Essa obra foi publicada originalmente em francês, em Paris, em 1952. Ela é citada por Walter Hollenweger, uma das maiores autoridades em pentecostalismo no mundo. HOLLENWEGER, Walter J. *The Pentecostals*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1988, pp. 94-110.

³⁰ GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia na Brasil*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016, p. 106.

³¹ DANIEL, Silas. Op. cit., p. 267.

O missionário de origem alemã, enviado ao Brasil pelas Assembleias de Deus americanas, J. P. Kolenda, inaugurou em outubro de 1958 o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD) na cidade de Pindamonhangaba, interior de São Paulo. Em 1962, o missionário N. Lawrence Olson fundou o Instituto Bíblico Pentecostal (IBP) na cidade do Rio de Janeiro. Na década de 1970, o missionário Bernhard Johnson Jr. criou a Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus (EETAD) e depois a Faculdade Teológica das Assembleias de Deus (FAETAD) em Campinas, SP. Em 18 de janeiro de 2001, a 35ª Assembleia Geral da CGADB, reunida em Brasília, DF, e presidida pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa, fundou as Faculdades Evangélicas de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia (FAECAD).

Outras instituições de ensinos bíblicos e teológicos foram criadas e estão hoje em pleno funcionamento. Segundo o site do Conselho de Educação e Cultura Religiosa da CGADB, são mais de 50 instituições de ensinos teológicos cadastrados. Para a liderança, e em muitos casos, para todos os interessados, foi criada desde os primeiros anos a Escola Bíblica de Obreiros, que hoje ainda funciona como importante recurso de treinamento ministerial nas principais igrejas do país. Essas escolas “desempenharam papel decisivo na estruturação teológica do movimento pentecostal no Brasil”.³² Sua duração é, geralmente, de 10 ou 15 dias, havendo igrejas em que a duração é de uma semana, e outras em que o treinamento acontece em determinado período do ano. São convidados pastores e educadores de outras localidades do país, ou do exterior, para ministrar matérias bíblicas, teologia, eclesiologia e ética ministerial, adaptando-se o currículo à necessidade local.

A Escola Bíblica Dominical nasceu praticamente junto com as Assembleias de Deus e se mantém ativa ainda hoje. A princípio, as lições eram veiculadas nos periódicos, até que foram criadas as revistas *Lições*

³² HORTON, Stanley M. (ed. geral). *Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 38.

Bíblicas da Escola Dominical, em 1930. O Diretor Executivo da Casa Publicadora, Ronaldo Rodrigues de Souza, dinamizou tanto a evangelização como também a Escola Bíblica Dominical, tornando a CPAD “a Editora da Escola Dominical”. Os ensinamentos teológicos aconteciam por meio dos periódicos oficiais como o jornal *Boa Semente*, fundado em 1919, em Belém, e o *Som Alegre*. Em 1930, esses periódicos se fundiram dando origem ao jornal mensal *Mensageiro da Paz*, o qual, durante anos, trazia numa coluna especial um curso teológico à distância. Não era muito, mas fazia a vez de um instituto bíblico.

Além dos missionários suecos e americanos, os brasileiros João de Oliveira, Alcebíades Pereira de Vasconcelos, Estêvam Ângelo de Souza, Osmar Cabral, Emílio Conde, Armando Chaves Cohen e Antonio Gilberto, entre outros, figuram como mestres respeitáveis e de reputação nacional. O educador e pastor Antonio Gilberto criou em 1974 o Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical (Caped), com cinco disciplinas: Teologia Sistemática, Bibliologia, Escola Dominical, Pedagogia e Psicologia Educacional. “Até 2006, haviam sido realizados 87 Capeds e treinamentos para cerca de 40.000 alunos. Estudam no Caped pastores, superintendentes e professores da escola dominical.”³³ Sob a coordenação do pastor Antonio Gilberto, diversos irmãos e irmãs lecionaram no Caped em suas respectivas áreas. Foram dezenas de mestres e mestras responsáveis pela construção do pensamento teológico das Assembleias de Deus.

A HARPA CRISTÃ

A *Harpa Cristã*, o hinário oficial das Assembleias de Deus, tem por objetivo “enlevar o cântico congregacional e proporcionar o louvor a Deus nas diversas liturgias da Igreja”.³⁴ A literatura hinódica é um

³³ ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 255.

³⁴ ANDRADE, Claudionor de. *Manual da Harpa Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 12.

importante instrumento de ensino teológico, ainda que seu objetivo principal não seja esse.

As Assembleias de Deus revelaram desde muito cedo o seu interesse pelo louvor de qualidade e pelo campo musical. Nos primeiros anos, as Assembleias de Deus usavam o hinário *Salmos e Hinos*,³⁵ mas em virtude das peculiaridades da doutrina pentecostal, em 1921, foi publicado em Belém o *Cantor Pentecostal*, com 44 hinos e 10 corinhos, o primeiro hinário assembleiano antes da *Harpa Cristã*.

No ano seguinte, foi lançada em Recife a primeira edição da *Harpa Cristã*, sob a orientação editorial de Adriano Nobre, que viria a tornar-se o hinário oficial das Assembleias de Deus. O missionário Samuel Nyström traduziu as letras da hinódia escandinava, e Paulo Leivas Macalão fez as devidas adaptações.

A segunda edição, em 1923, contava com 300 hinos, e a de 1932, com 400. Uma edição publicada em 1929 trazia somente os títulos e a música, sem a letra dos hinos.³⁶ A assembleia geral da CGADB reunida em São Paulo nos dias 3 a 17 de outubro de 1937 designou uma comissão especial para revisar a *Harpa Cristã* e preparar uma edição do salterio com música, a qual foi lançada em 1941 reunindo 524 hinos.³⁷ A atual edição é de 1996 e contém 640 hinos.

O missionário Jahn I. Sørheim, cujas datas de nascimento e morte são desconhecidas, tornou-se missionário da missão norueguesa no Brasil em 1926. Ele teve participação e influência no campo da música, além de atuar no ministério pastoral. “Sørheim cooperava escrevendo para o *Mensageiro da Paz*, formando músicos e compondo hinos para a *Harpa Cristã*... Também publicou partituras de músicas no *Mensageiro da Paz*.”³⁸ Ele chegou ao Rio de Janeiro em

³⁵ O hinário *Salmos e Hinos* foi lançado em 1861, organizado pelo casal Dr. Robert Reid Kalley (1809-1888) e Sarah Pouton Kalley (1827-1907). Diversas edições revisadas foram publicadas ao longo do tempo (SCHLEISINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*, vol. II. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 1268).

³⁶ ARAUJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*, p. 342.

³⁷ DANIEL, Silas. Op. cit., pp. 131, 134.

³⁸ ARAUJO, Isael. Op. cit., p. 820.

1924, mas só foi batizado pelo missionário Gunnar Vingren no ano seguinte, quando se tornou membro das Assembleias de Deus; até então, embora tivesse sido batizado no Espírito Santo na Noruega, era apenas um oficial do Exército da Salvação.

Sörheim se transferiu para Santos, São Paulo, a fim de dirigir a nascente Assembleia de Deus nessa cidade; nessa ocasião morou na residência de Daniel Berg³⁹ por ser solteiro. Ele se casou em 1932 com a missionária sueca Anna Lovisa Johansson. “Durante seu período pastoral em Santos, deu grande contribuição para a música na igreja, e desenvolveu também esse ministério na Assembleia de Deus na capital, São Paulo... Em homenagem a esse pioneirismo na música sacra instrumental e coral, a AD de Belenzinho deu à sua orquestra filarmônica o nome Jahn Sörheim.”⁴⁰ Hoje, as Assembleias de Deus possuem orquestras e corais de alto nível por toda parte do país, como Recife, São Paulo e Curitiba, entre outras cidades, além de escolas de música.

OS DONS ESPIRITUAIS DE MAIOR VISIBILIDADE NOS CULTOS

Falar em línguas, profecia e cura são os dons mais distintivos na Assembleias de Deus. O pentecostalismo assembleiano se distingue dos demais em alguns pontos. “Línguas, mais interpretação, é igual à profecia”, de acordo com Brandt; e “provavelmente este é o ponto de vista mais aceito entre os pentecostais”.⁴¹ Segundo Carl Brumback, “falar em línguas é o mais espetacular desses sinais e dons que se ma-

³⁹ Daniel Berg fundou a Assembleia de Deus em Santos em 1924, a de Belenzinho, em São Paulo, em 1927 e a de Jundiá, no interior do estado, em 1928 (ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 124; COSTA, Jefferson Magno. Op. cit., p. 214; BRITO, Rodrigues. *Assembleia de Deus Jundiá: Uma história de perseverança e frutos*. Jundiá, SP: Assembleia de Deus, 2008, pp. 17, 20).

⁴⁰ ARAUJO, Isael. Op. cit., p. 820.

⁴¹ BRANDT, R. L. *Falar em línguas, o maior dom?* Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 51.

nifestam no Movimento Pentecostal, e aquele que distingue seus aderentes de todos os outros crentes”.⁴²

A glossolalia é a manifestação das línguas estranhas no batismo no Espírito Santo. São línguas celestes e ininteligíveis, mas, por meio do dom de interpretação, a mensagem pode ser compreensível. É comum o uso do termo “glossolalia” nos temas pentecostais para designar o “falar em línguas”. A xenolalia é outra coisa; é a habilidade de falar uma língua que o indivíduo não aprendeu. O falar em línguas revela as grandezas de Deus: “Como os ouvimos falar sobre as grandezas de Deus em nossas próprias línguas?” (At 2.11).

Temos um exemplo de xenolalia missionária. O pastor Virgínio de Carvalho Neto, pastor da Assembleia de Deus de Aracaju e presidente da Convenção das Assembleias de Deus do estado de Sergipe, havia se casado e logo foi enviado para o campo missionário com a sua esposa, a irmã Rosa. O destino era a ilha de Madagáscar, no continente africano, em 1974, mas o casal fez uma parada na França, no centro de treinamento missionário. Inconformado com a situação, pois não entendia nem falava francês, certa tarde ele foi a um pequeno bosque chorar aos pés de Jesus. Em oração intensa, de repente, sentiu uma alegria e um gozo inefável, seguido de um consolo da parte do Espírito. À noite, ele foi ao culto com sua jovem esposa e, quando o pastor começou a falar na abertura do culto, começou a entender tudo o que era dito. Ele disse para a esposa: “Estou entendendo o que o pastor está falando”, e começou a traduzir o culto para a irmã Rosa. E o pastor observava tudo do púlpito. Após o culto, o pastor perguntou ao missionário: “O que tanto você conversava durante o culto?”, ao que o pastor Virgínio respondeu: “Eu estava interpretando o culto”. “Como se você não fala francês?”, foi a indagação. Aí ele se deu conta de que o diálogo se transcorria num perfeito francês.

Essa xenolalia foi confirmada por Deus quando o pastor Virgínio foi ao centro da cidade, depois de receber o milagre do domínio da língua

⁴² BRUMBACK, Carl. *“Que quer isto dizer?” – uma resposta pentecostal a uma pergunta pentecostal*. Tradução de Orlando Boyer e Joaquim Luiz dos Santos. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1960, p. 91.

francesa sem ter estudado nem feito algum curso. Ele orou por um cego e Jesus o curou imediatamente, recuperando-lhe as vistas. A pessoa curada se queixou, alegando que não havia pedido para ser curada e que agora perderia o sustento fornecido pelo social do governo francês.

O pastor Virgínio serviu por 20 anos como missionário em Madagascar, de língua francesa. Quando os comunistas invadiram o país, os soldados interrogaram os crentes locais, perguntando se eles alguma vez tinham ouvido o pastor falar em língua estrangeira. Os locais disseram ser apenas o francês a língua falada com os membros da comunidade. Deus usa o pastor Virgínio ainda hoje no campo missionário, nessa língua que ele recebeu do céu. Deus tem levado o nosso missionário a muitos países da África e da Ásia, atendendo missionários que necessitam de assistência psicológica e espiritual, e muitas vezes, essas pessoas vem ao Brasil para tratamento em sua clínica em Aracaju.

Sei que as igrejas jamais questionarão esse testemunho xenolático, mas não é de duvidar que muitos receberão tal testemunho com certa reserva. Certa vez, tentei relatar esse testemunho a um amigo francês, membro de uma comunidade pentecostal, mas que parece ser independente, e nem tive oportunidade de concluir o assunto. Gostaria que esse amigo francês tivesse a oportunidade de um dia conversar com o pastor Virgínio para observar a diferença entre o sotaque do francês do céu e o das regiões da terra.

Trata-se de um testemunho incomum, mas é um fato real. Estamos falando de alguém conhecido em nossas igrejas em todo o país e cuja idoneidade é inquestionável. Assim, fica claro que Deus age como, onde e quando quer, desde que não seja contrariamente às Escrituras. Convém salientar que o propósito das línguas não é missiológico, como Parham equivocadamente pensava, mas isso pode acontecer. São milagres extraordinários, pois não vamos colocar Deus num microscópio. Seu poder e seu entendimento são infinitos! Ele age como quer, de acordo com sua vontade, e quando deseja. Só não faz nada que contrarie sua Palavra, mas nem sempre entendemos as suas obras (Jó 26.14; Is 55.8, 9).

O dom de profecia é uma das manifestações do Espírito mais disputadas tanto por leigos como por teólogos pentecostais. Os termos “profecia” e “profeta” são muito amplos nas Escrituras. O ministério profético no Novo Testamento é mais amplo porque, embora o Cânon Sagrado já tenha se encerrado, as Escrituras neotestamentárias, com base na revelação dos profetas do Antigo Testamento, deixam fortes indícios de que a comunicação divina continua, mas de forma diferente. Os escritos divinamente inspirados se encerram na Bíblia, porém o Senhor continua a se comunicar com seus servos e servas de forma individual e também coletiva; essa profecia, contudo, não se reveste de autoridade canônica, não se iguala à dos profetas e apóstolos, ou seja, dos escritores humanos da Bíblia. A comunicação divina com seu povo não se encerrou. Deus proveu outros recursos pelos quais se comunica com os seres humanos; entre eles o dom de profecia como manifestação momentânea do Espírito Santo na vida de qualquer crente em Jesus.

Línguas e profecias são familiares a qualquer pessoa que frequenta as Assembleias de Deus. As manifestações de línguas, as profecias e as curas divinas não estão restritas aos templos; são comuns nas campanhas evangelísticas e nas grandes concentrações como congressos de jovens, dia da Bíblia etc. Os assembleianos testemunham com frequência milagres de diversas naturezas, como reconciliações familiares e com vizinhos, superação de dificuldades no trabalho e demandas na justiça, solução de problemas de desemprego, e curas de enfermidades tanto incuráveis como menos graves.

São incontáveis os milagres que acontecem entre os crentes em todas as igrejas espalhadas pelo país e pelo mundo inteiro. É Jesus quem cura como quer, quando quer e onde quer. A Bíblia chama essas coisas de milagres, sinais, maravilhas, obras, feitos: “Porque a promessa é para vocês e para os seus filhos...” (At 2.39).

Um milagre extraordinário que está documentado numa ata da CGADB foi o que aconteceu com o pastor João Joaquim de Oliveira

(1911-1980), evangelista, pastor, escritor e comentarista de *Lições Bíblicas* nas décadas de 1950 a 1970. Foi professor durante 20 anos no Instituto Bíblico das Assembleias de Deus de Pindamonhangaba, o IBAD.⁴³ Ele se sentiu mal numa reunião matutina com os seus alunos no IBAD em 7 de julho de 1966, e o médico que o examinou no hospital disse: “Se ele passar da meia-noite, ficará numa cadeira de rodas”. Ele permaneceu 20 dias inconsciente antes de morrer. Ao saber de sua morte, o pastor J. P. Kolenda orou a Deus: “Eu sei que João de Oliveira está na tua glória. Mas a sua família precisa do pai; a igreja, do seu pastor... Faz voltar o irmão João de Oliveira’. Na mesma hora, o pastor João voltou à vida, e sem sequelas”.⁴⁴

Outro milagre que chamou a atenção das igrejas no Brasil aconteceu em 26 de novembro de 2003 com Carlos Padilha de Siqueira, então pastor das Assembleias de Deus em Presidente Prudente, interior de São Paulo, onde tudo aconteceu. Ele estava em sua própria residência, quando dois assaltantes dispararam um tiro na testa do pastor. Ensanguentado, ele foi socorrido e, no dia seguinte, a perícia encontrou a bala encravada no teto da casa; não sendo possível entrar na testa, o projétil se desviou para o teto. O jornal *Mensageiro da Paz* publicou o seguinte texto:

Na avaliação técnica do delegado Cacildo Staggemeier Galindo, só um milagre explica o fato. “Não seria possível a bala de calibre 38 pegar na testa, subir, perfurar o gesso e se alojar na laje. O projétil apresenta dois amassados: Um deles, que consideramos o primeiro, indica que a bala bateu em algo duro, deixando-a achatada, como se tivesse passado em uma chapa de aço pela lateral; e o segundo impacto sofrido foi o da laje, já que é menor e nele há vestígios da cor branca do gesso e de cimento da laje”, explica o delegado.⁴⁵

⁴³ ARAUJO, Israel. Op. cit., p. 528.

⁴⁴ DANIEL, Silas. Op. cit., pp. 375-377.

⁴⁵ *Mensageiro da Paz*, janeiro de 2004, Rio de Janeiro: CPAD, p. 14.

O fato teve repercussão na cidade e foi publicado pelos meios de comunicação locais. O delegado esteve no culto (ver anexo C).

O CÍRCULO DE ORAÇÃO

O Círculo de Oração é o nome que se dá a um grupo predominantemente de senhoras que se reúne semanalmente nos templos para oração. São reuniões de oração sob a direção de mulheres nas Assembleias de Deus. É uma peculiaridade pentecostal assembleiana.

Sua origem antecede até mesmo a fundação das Assembleias de Deus, na casa da irmã Celina de Albuquerque, quando ela, juntamente com sua companheira de oração, Maria Nazaré, convictas da promessa bíblica do batismo no Espírito Santo, pregada por Daniel Berge e Gunnar Vingren, decidiram se reunir para “buscar o revestimento de poder para suas próprias vidas. Desde então, as reuniões de oração com mulheres não cessaram”.⁴⁶

O nome “Círculo de Oração” surgiu em 1942, no bairro de Casa Amarela, em Recife. Isso aconteceu quando uma irmã, de nome Albertina Bezerra Barreto, se reuniu com mais sete crentes “para orarem em favor da cura de Zuleide (Leidinha), filha de Albertina, a qual se encontrava enferma. Leidinha não andava nem falava e, para piorar a situação, os médicos diziam que ela não viveria mais que oito anos”.⁴⁷ Segundo a irmã Albertina, o nome foi inspirado em um folheto que explicava que a oração era como “um círculo nos céus”. Enquanto orava com as irmãs, ela se lembrou do folheto e disse: “Vamos circular os céus com nossas orações”.

Em um desses dias de oração, veio uma profecia: “Essa enfermidade não é para morte, mas para a glória do meu nome. Fui Eu quem

⁴⁶ ARAUJO, Israel. Op. cit., p. 189.

⁴⁷ SOUZA, Joarib; SANTOS, Josafá. *Assembleia de Deus em Pernambuco: Um século de Pentecostes*. Recife, PE: Bereia, 2018, p. 121.

gerou essa criança, para que, por meio dela, fosse aberto esse trabalho”.⁴⁸ A cura não foi imediata, mas a menina foi curada e a profecia se cumpriu. A menina Ledinha viveu 49 anos. Não apenas o pastor da Igreja, José Bezerra, deu apoio àquela irmã, mas essas reuniões fossem estendidas para as outras congregações. Hoje, Sob a liderança do pastor Ailton José Alves, todas as igrejas Assembleias de Deus do estado de Pernambuco realizam essa reunião uma vez por semana, das 9 horas da manhã às 4 horas da tarde. Ainda durante o pastorado do pastor José Bezerra, o Círculo de Oração tornou-se prática em todo o estado e depois em todo o país. É uma prática típica das Assembleias de Deus Brasil com a participação até de irmãos. Eu vejo sempre alguns irmãos orando com as irmãs. Uma vez por semana elas se reúnem para orar pelo seu pastor, pelo ministério, pelos missionários, pela salvação dos pecadores, pela cura dos enfermos, pela solução de problemas e pelo derramamento do Espírito Santo nos cultos e na vida dos crentes.

O que aconteceu com o irmão Manoel Gomes, um diácono da Igreja de Jundiaí, chamou atenção de muitos irmãos. Ele sofreu um acidente de trabalho e teve a coluna vertebral literalmente quebrada; os médicos disseram que nunca mais ia poder andar. Muitas vezes eu conversava com ele e observava sua situação com o tórax engessado. Certa vez, um grupo de irmãs do Círculo de Oração foi visitá-lo e, enquanto oravam, uma delas profetizou para ele com essas simples palavras: “Meu servo, eu vou te curar”. Essa palavra profética se cumpriu pouco tempo depois. Quando meu tio retornou ao médico, todos ficaram assustados. Ele entrou no consultório andando, e seu médico, espantado, somente dizia: “Não se mexa, Sr. Manoel, não se mexa!” Aí era que ele se mexia ainda mais e fazia flexão física, para provar que de fato estava curado, enquanto dizia reiteradas vezes: “Doutor, Jesus me curou, Jesus me curou”. Isso aconteceu na segunda metade da década de 1970.

⁴⁸ Ibidem, p. 121.

capítulo 8

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR

A Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada em Los Angeles, na Califórnia, por Aimée Semple McPherson (1890-1944), em 1922, data em que ela recebeu a visão quadrangular de Ezequiel 1.4-10, e, que em 1927, recebeu o nome International Church of the Foursquare Gospel. “Assim nasceram a teologia e o nome de uma das mais importantes denominações pentecostais, hoje presente em 55 nações do mundo sob a bandeira da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular.”¹

ORIGEM NOS ESTADOS UNIDOS

O nome da Igreja Quadrangular se baseia nos quatro rostos dos querubins da visão do profeta Ezequiel 1.4-10: “Quanto à forma de seus rostos, cada um tinha um rosto de ser humano. Do lado direito, os quatro tinham rosto de leão; do lado esquerdo, rosto de boi; e os quatro também tinham rosto de águia” (Ez 1.10). Aimée interpretou que o rosto de ser humano, o rosto de leão, o rosto de boi e o rosto de águia simbolizavam “os quatro ângulos do ministério de Cristo: o salvador, o batizador com o Espírito Santo, o grande médico e o rei que há de voltar”.² A. B. Simpson havia apresentado antes essas quatro afirmações básicas; ele anunciava Jesus como *Salvador, Santificador, Médico e Rei que há de vir*. A diferença em relação ao manifesto quadrangular de Aimée era a substituição de “santificador” por “aquele que batiza no Espírito Santo”.³

Há certa similaridade entre o slogan de Daniel Berg, “Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará” e o fundamento da Igreja Quadrangular, desde Aimée: “Jesus Cristo, o Salvador; Jesus Cristo, o Batizado; Jesus Cristo, o Médico; e Jesus Cristo, o Rei que voltará”,

¹ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p. 182.

² ROSA, Júlio O. *O Evangelho Quadrangular no Brasil*. Venda Nova, MG: Betânia, 1977, p. 281.

³ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 188.

representados pelas figuras da cruz, da pomba, do cálice e da coroa no logotipo da igreja.

De fato, há um paralelismo teológico significativo entre os querubins da visão de Ezequiel 1.10 e a apresentação peculiar que cada evangelho faz do Senhor Jesus Cristo: Mateus apresenta Jesus como o Rei, representado pelo leão; Marcos, como o Servo, representado na figura do boi; Lucas, como o Filho do Homem, a figura do rosto humano, o querubim com cara de gente; João, como o Filho de Deus, é a águia. Visão similar aparece no Novo Testamento, em Apocalipse 4.7. O leão é símbolo de força suprema e fala sobre realeza; o boi, de serviço inferior, fala sobre servo; e a águia, que domina a esfera celeste, fala sobre divindade. O paralelismo dessas passagens bíblicas com os quatro evangelhos vem desde a patrística; Irineu de Lião, falecido em 202, parece ter sido o primeiro a apresentar essa associação.⁴ Aimée associou as quatro facetas ao evangelho de Jesus Cristo. Sua teologia, segundo Mendonça, é armênio-wesleyana e eclesiologia residualmente metodista.⁵

ORIGEM NO BRASIL

A Igreja do Evangelho Quadrangular é a primeira comunidade pentecostal no Brasil fundada por um americano, Harold Edwin Williams. A Igreja chegou ao Brasil cerca de 40 anos depois da Congregação Cristã no Brasil e das Assembleias de Deus. Apesar de seu aspecto teológico-pentecostal ser muito próximo da doutrina das Assembleias de Deus, ela começou dando mais ênfase à cura divina nas campanhas evangelísticas na Cruzada Nacional de Evangelização realizadas em tendas de lona por todo o Brasil.

⁴ IRINEU DE LIÃO. *Contras as Heresias*. São Paulo: Paulus, 1995, (Livro III.11.8), p. 283.

⁵ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 48.

Os fundadores

O registro da origem e das primeiras décadas da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil foi feito pelo Rev. Júlio de Oliveira Rosa, por ocasião do jubileu de prata da Igreja em 1978. Essa obra, *O Evangelho Quadrangular no Brasil*, é a fonte de pesquisa para os estudiosos e pesquisadores do movimento. Ele foi testemunha ocular da maioria dos fatos e parte da história que narra. Paul Freston observa que, “das seis grandes Igrejas pentecostais brasileiras, é a única de origem realmente norte-americana”.⁶ Foi o missionário Harold Edwin Williams (1913-2002), um ex-ator de filmes de faroeste em Hollywood, acompanhado de um pastor peruano, Jesus Hermirio Vasquez Ramos, que iniciou o trabalho no Brasil. Harold Williams chegou ao Brasil em 1946 depois de uma breve passagem pela Bolívia.

Williams começou sua obra em São João da Boa Vista, interior de São Paulo, em 1951. “Ali fora o berço da Cruzada no Brasil”, afirma Júlio Rosa.⁷ O nome inicial era “Igreja Evangélica do Brasil”. Mas o título, “Igreja do Evangelho Quadrangular passou a ser usado em janeiro de 1958, após decisão tomada na Convenção Nacional realizada pouco antes”.⁸

Em 1953, o missionário Williams foi para São Paulo a fim de “realizar campanhas evangelísticas e o pastor Hermirio ficou responsável pela igreja em São João da Boa Vista”.⁹ O movimento começou nesse mesmo ano com uma campanha de cura divina em São Paulo, na Igreja Presbiteriana Independente do bairro Cambuci, que abriu as portas para o movimento. Williams convidou o amigo Raymond Boatright, pregador de tendas de lona, para ajudá-lo nessas campanhas.

⁶ FRESTON, Paul. “Breve história do pentecostalismo brasileiro”. In: FRESTON, Paul; ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios – interpretações sociológicas do pentecostalismo*, 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 110.

⁷ ROSA, O. Júlio. Op. cit., p. 66.

⁸ SCOTTI, Ignez Terezinha. *Evangelho Quadrangular – Teologia confessional*. Curitiba, PR: Secretaria Geral de Educação Cultural, 2013, p. 46.

⁹ Ibidem, p. 46.

“O evangelista era outro *ex-cowboy* de cinema que vestia camisa xadrez e tocava guitarra elétrica.”¹⁰ Esses missionários realizaram um movimento de cura divina nos templos da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, no Brás e no Cambuci, e também em Assis e Botucatu, no interior de São Paulo. Segundo Mendonça, “o movimento se espalhou através de tendas de lona armadas em terrenos baldios como se fossem circos”;¹¹ ficou conhecido como “Cruzada Nacional de Evangelização”, braço evangelístico da Igreja do Evangelho Quadrangular.

A Igreja

Uma característica peculiar da Igreja do Evangelho Quadrangular que a diferencia das Assembleias de Deus e da Congregação Cristã no Brasil é que ela foi fundada no Brasil pelo missionário integrante da Foursquare Gospel Church, Harold Edwin Williams. Não foi assim que Luigi Francescon, Daniel Berg e Gunnar Vingren chegaram ao Brasil. Eles não foram enviados por uma igreja ou agência missionária nem tinham apoio financeiro de suas igrejas de origem.

Segundo Júlio Rosa, as Igrejas do Evangelho Quadrangular são administradas pelo Conselho Nacional de Diretores (CND) e agrupadas em regiões eclesiais e campos missionários.¹² O missionário Williams pediu demissão do cargo de presidente do CND em 1962 e retornou aos Estados Unidos; em 10 de abril do mesmo ano, o Rev. George Russell Faulkner assumiu a presidência em seu lugar.

A Igreja é pentecostal, mas apresenta desde as origens características peculiares que a distingue das duas primeiras, Congregação Cristã no Brasil e Assembleias de Deus, como a ênfase na cura divina. Seu método no Brasil foi inovador não somente pelo uso de tendas de lona, mas também pelo uso do rádio, algo inaceitável nessa primeira fase pelos assembleianos e até hoje pela Congregação Cristã.

¹⁰ FRESTON, Paul. Op. cit., p. 112.

¹¹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. Op. cit., p. 52.

¹² ROSA, Júlio O. Op. cit., p. 285.

O movimento foi fundado por uma mulher, e o ministério feminino ocupa espaço relevante ainda hoje no Evangelho Quadrangular. Na última década do século passado, as mulheres representavam 35% dos pastores, sendo 22% titulares.¹³

Diferentemente da Congregação Cristã, eles usavam meios de divulgação em massa, como revistas, jornais e folhetos, e realizavam o trabalho evangelístico “itinerante em tendas de lona, concentrações em praças públicas, ginásios de esporte, estádios de futebol, teatros e cinemas”.¹⁴ Mesmo sob a acusação de charlatanismo e curandeirismo, que chamou a atenção da imprensa, pela primeira vez os pentecostais no Brasil, segundo Ricardo Mariano, conseguiram visibilidade. Dessa forma, a mídia da época procurava ridicularizar o trabalho desses missionários. Foi com o evangelista Boatright “que se introduziu, nos cultos, o uso de instrumentos antes só usados em *shows*, como guitarras elétricas e instrumentos de sopro e o cântico de corinhos ao estilo *country*.”¹⁵

Júlio Rosa atribui o grande sucesso da Cruzada Nacional de Evangelização a essas inovações e considera falho o método dos demais evangélicos, pentecostais e não pentecostais. Ele relata que a reação das pessoas ao evangelho se devia ao

estilo de evangelização, tanto dos pentecostais como dos demais evangélicos, estilo muito igregístico e muito limitado, que não chegava a atingir as massas. Mas a grande massa de povo recebia efeitos negativos desse tipo de evangelização; isto é, a evangelização que acusa o próximo de pecador, que o ameaça sistematicamente com o fogo do inferno, e que já no primeiro encontro, critica os costumes, critica o vestuário e utiliza uma porção de impertinências, etc. A maioria das almas não são ganhas para Cristo dessa maneira.¹⁶

¹³ FRESTON, Paul. Op. cit. p. 114.

¹⁴ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 30.

¹⁵ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Op. cit., p. 136.

¹⁶ ROSA, Júlio O. Op. cit., pp. 112, 113.

O que Júlio Rosa afirma é que o pecado e o inferno perdem a centralidade da mensagem; foca-se na necessidade básica do povo, a cura física e psicológica, quebrando dessa forma os tabus. Com essa nova estratégia, a Igreja do Evangelho Quadrangular teve um crescimento significativo nas duas primeiras décadas de sua história no país, mas esse ritmo não se manteve. Os números do censo demográfico divulgados pelo IBGE em 2010 mostram que as Assembleias de Deus são mais de seis vezes maiores: Assembleias de Deus, 12.314.410; Igreja do Evangelho Quadrangular, 1.808.389 (ver Anexo G).

Em 2010, de acordo com o censo divulgado pelo IBGE, a Igreja contava com 1.808.389 membros, um pouco mais que a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada 25 anos depois, 1.873.243 (ver Anexo E). Mariano acrescenta ainda: “Com o êxito de sua missão, provocaram a fragmentação denominacional do pentecostalismo brasileiro”.¹⁷ Esses pesquisadores estão se referindo ao surgimento dessas novas igrejas de alcance nacional, e não às igrejas de pequeno porte. Israel de Araujo menciona cerca de dez igrejas e movimentos pentecostais que surgiram entre 1920 e 1949.¹⁸

Júlio Rosa queixa-se também dos abusos dos pregadores de sua própria denominação, que em suas pregações focavam a cura divina e a expulsão de demônios, esquecendo os demais aspectos da doutrina. Ele registra na introdução do seu livro:

Digo com pesar que nem de longe se parecem, pelo menos alguns deles, com os fundamentos da IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, ou sejam: SALVAÇÃO DA ALMA, BATISMO NO ESPÍRITO SANTO, CURA DIVINA, SEGUNDA VINDA DE CRISTO. Tanto as conferências públicas, as reuniões, como os próprios programas de rádio estão cheios de absurdos e distorções do que era, originalmente, o idealismo de Aimée Semple McPherson.¹⁹

¹⁷ MARIANO, Ricardo. Op. cit., p. 30.

¹⁸ ARAUJO, Israel. *História do movimento pentecostal no Brasil – o caminho do pentecostalismo brasileiro até os dias de hoje*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 62-77.

¹⁹ Ibidem (grifos do autor).

A prática em foco acompanha ainda hoje os movimentos que surgiram depois da Cruzada Nacional de Evangelização, principalmente os movimentos neopentecostais.

Os pioneiros do Evangelho Quadrangular encorajavam o preparo bíblico e teológico de seus obreiros. O instituto bíblico deles foi criado um pouco antes do IBAD em Pindamonhangaba. Em 1956, foi formada a Comissão de Educação para a criação do Instituto Bíblico.²⁰ Em 1957, chegou ao Brasil a missionária Dorothy Marguerite Hawley com essa responsabilidade. Ela fundou em São Paulo o Instituto Bíblico Quadrangular e atualmente eles possuem institutos teológicos em vários lugares. A Igreja do Evangelho Quadrangular investe na educação cristã desde o princípio, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Hoje, a Igreja mantém um curso de capacitação ministerial, a Faculdade McPherson. A Secretaria Geral de Educação e Cultura (SGEC) é o órgão da CND que se encarrega da educação bíblica e teológica.

Doutrina

A *Declaração de Fé* da Igreja do Evangelho Quadrangular contém 25 artigos de fé resumidos. Mas o livro *Fundamentos da teologia pentecostal*, dois volumes, da autoria de Guy P. Duffield e Nathaniel M. Van Cleave, apresenta a teologia completa. A obra lembra bem o livro da autoria de Myer Pearlman, *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*.

Sua doutrina se baseia no pensamento teológico defendido pela fundadora, Aimée Semple McPherson. Ela pertenceu à Igreja metodista, à Igreja Batista e às Assembleias de Deus, isso depois de ter deixado o Exército da Salvação ao se tornar pentecostal. Daí veio sua herança teológica, de modo que suas crenças e práticas apresentam certas semelhanças com as dos pentecostais clássicos.

Segundo Mendonça, essa “Cruzada abalou o Brasil protestante envolvendo numerosos pastores e líderes leigos de várias denomina-

²⁰ Ibidem, p. 130.

ções. Como resultado surgiram outras Igrejas pentecostais”. Entre elas, mencionam-se O Brasil para Cristo e o Avivamento Bíblico.²¹ Em outra obra, Mendonça afirma: “Pode-se dizer que a Igreja do Evangelho Quadrangular, embora tipicamente pentecostal, inseriu em seus fundamentos teológicos a chave do neopentecostalismo”.²² Segundo Ricardo Mariano, “com mensagem sedutora e métodos inovadores eficientes, atraíram, além de fiéis e pastores de outras confissões evangélicas, milhares de indivíduos dos estratos mais pobres da população, muitos dos quais migrantes nordestinos”.

²¹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. Op. cit., p. 52.

²² MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Op. cit., p. 136.

capítulo 9

IGREJA O BRASIL PARA CRISTO

A Igreja O Brasil para Cristo é o primeiro movimento pentecostal essencialmente brasileiro, visto que a Congregação Cristã no Brasil foi fundada por um italiano, as Assembleias de Deus por dois suecos, e a Igreja do Evangelho Quadrangular por um americano.

O MISSIONÁRIO MANOEL DE MELLO

O missionário Manoel de Mello e Silva (1929-1990) foi criativo e original em alguns aspectos em relação às outras denominações. Segundo sua biografia, escrita por sua nora,¹ a Igreja O Brasil para Cristo é resultado da obediência a uma visão de Deus. O controvertido pregador de multidões, conhecido simplesmente como Missionário Manoel de Mello, chamava a atenção das autoridades civis e religiosas, lotava grandes estádios de futebol com suas campanhas evangelísticas e de curas divinas. O diretor da Editora Ultimato, Elben M. Lenz César, escreveu: “O que causa mais admiração é o número de países visitados (133) e as oportunidades que esse homem de condição humilde teve de testemunhar perante a rainha da Inglaterra, o presidente dos Estados Unidos, o primeiro-ministro da Alemanha e outros governantes”.²

Nas Assembleias de Deus

Manoel de Mello nasceu em 1929, em Amoroso, município de Água Preta, no interior de Pernambuco. Seu pai era católico, mas sua mãe era evangélica das Assembleias de Deus, onde ele foi criado. Batizado no Espírito Santo aos 9 anos de idade,³ aos 11 anos já pregava nos templos das Assembleias de Deus, antes mesmo do seu batismo em águas, que ocorreu em 1945. Segundo o *Dicionário do movimento pentecostal*, sua men-

¹ MELLO, Valéria E. *Missionário Manoel de Mello – vida e obra*. São Paulo: OBPC, 2018.

² CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da evangelização do Brasil – dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa, MG: Ultimato, 2000, p. 136.

³ MELLO, Valéria. *Missionário Manoel de Mello – vida e obra*. São Paulo: OBPC, 2018.

sagem era sempre voltada “de forma especial, para o poder da fé e os milagres operados por Jesus e pelos apóstolos”.⁴ Ele chegou a São Paulo na década de 1940, trabalhou na construção civil e alcançou a função de mestre-de-obras. Mas nunca deixou de fazer a obra de Deus: pregava nas congregações das Assembleias de Deus, Ministério Belém, presidida à época pelo pastor Cícero Canuto de Lima. Manoel de Mello “se tornava um diácono cada dia mais ativo em todo o Ministério do Belém das Assembleias de Deus. Participava das reuniões de obreiros, servia na congregação de Vila Carrão e colaborava com o Pastor Cícero Canuto de Lima”.⁵ Ele foi designado para dirigir a congregação de Itaquera, na capital.

Segundo o relato de sua biografia, o então diácono Manoel de Mello estava pregando na congregação da qual era dirigente quando apareceu uma mulher aos prantos com uma criança nos braços, gritando que sua filha estava morta. Ele interrompeu a pregação, tomou a criança nos braços e orou por ela, então a menina voltou à vida. Diante disso houve grande alvoroço e uma explosão de “glória a Deus e aleluia”. Com isso as pessoas se aglomeravam dentro da congregação, de modo que ele achou por bem colocar o serviço de som do lado de fora do templo e convidou as pessoas que o acompanhassem. Mas o relatório que chegou ao pastor Cícero era de que se tratava de “um agitador que não respeitava nem seguia a visão ministerial, o que podia ser confirmado pelos fatos daquele dia”.⁶ Esse episódio, segundo sua biografia, resultou em seu afastamento da direção da congregação e em sua exclusão do rol de membros da igreja.

No Evangelho Quadrangular

O carisma de Manoel de Mello chamou a atenção dos dirigentes da Cruzada Nacional de Evangelização. Como estavam no início de suas campanhas em tendas de lona, em 1953, passaram a observá-lo,

⁴ ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 805.

⁵ MELLO, Valéria. *Op. cit.*, p. 29.

⁶ *Ibidem*, pp. 30, 31.

pois, apesar do acontecido, ele continuava ganhando almas para Jesus. O missionário americano Harold Williams enviou um relatório para a Igreja do Evangelho Quadrangular nos Estados Unidos; dessa forma, Manoel de Mello recebeu o convite para fazer parte da equipe e foi ordenado “pastor pelos Missionários da Igreja do Evangelho Quadrangular dos Estados Unidos”.⁷ Sua mensagem prendia a atenção das pessoas porque era simples e sem complicações, acompanhadas do poder do Espírito Santo e de curas divinas. Suas campanhas evangelísticas atraíam grande número de pessoas, e ele se tornava cada vez mais conhecido. Seu nome aparece na lista “dos primeiros obreiros ou evangelistas consagrados ministros” da Cruzada Nacional de Evangelização apresentada pelo historiador da Igreja do Evangelho Quadrangular, Júlio de Oliveira Rosa.⁸

Em 1955, o pastor Manoel de Mello desligou-se do grupo do missionário Harold Williams, afirma Júlio Rosa: “O pastor Manoel de Melo (sic) e mais um grupo de pastores são excluídos da Cruzada a pedido, organizando o movimento ‘O Brasil Para Cristo’, em São Paulo.”⁹ Segundo o relato da autobiografia do missionário Manoel de Mello: “Harold Williams não se importava que os frequentadores tomassem a Ceia sem serem batizados, nem com alguns hábitos que destoavam de uma conversão genuína”.¹⁰ A Ceia do Senhor nas Assembleias de Deus é ministrada aos crentes em comunhão ainda hoje; essa era a linha de pensamento de Manoel de Mello. A questão da Ceia do Senhor e também algumas práticas contrariavam seus princípios. “Manoel de Mello não queria compactuar com isso, pois ia contra o que acreditava”.¹¹ Parece que ele precisava de mais liberdade para cumprir seu ministério.

Ele pertenceu às Assembleias de Deus e à Igreja do Evangelho Quadrangular antes de fundar o movimento que deu origem à Igreja

⁷ Ibidem, p. 32.

⁸ ROSA, Júlio O. *O Evangelho Quadrangular no Brasil*. Venda Nova, MG: Betânia, 1977, p. 128.

⁹ Ibidem, p. 129.

¹⁰ MELLO, Valéria. Op. cit., p. 33.

¹¹ MELLO, Valéria. Op. cit., p. 33.

Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo. Esse é o nome oficial que consta no parágrafo 1º do artigo 1º dos estatutos sociais do Conselho Nacional O Brasil para Cristo.¹²

ORIGEM DA IGREJA O BRASIL PARA CRISTO

Segundo Mendonça, a origem da Igreja O Brasil para Cristo se deu a partir do movimento de cura divina promovido pela Cruzada Nacional de Evangelização. “Mais popular por causa de sua origem nas Assembleias de Deus e de sua liderança carismática, Manoel de Mello fez sua Igreja crescer bastante nas primeiras décadas.”¹³ É verdade que essas coisas podem ter contribuído para o sucesso dele.

Nas primeiras décadas

Segundo Manoel de Mello, ele teve uma visão de Deus em 1955 com ordem para iniciar o ministério de cura, e até o nome do ministério veio por revelação. Como era evangelista da Cruzada Nacional de Evangelização, parece que ele trouxe alguma ideia dali para seu novo ministério quando saiu Igreja do Evangelho Quadrangular para fundar a Igreja O Brasil para Cristo. Inicialmente, os trabalhos eram realizados “em uma Tenda na Vila Carrão e em outros locais com o nome de Igreja de Jesus Betel O Movimento do Caminho”.¹⁴ Mas o slogan dele era ganhar o Brasil para Cristo, e o nome anterior deu lugar ao Movimento de Evangelização O Brasil para Cristo, denominação oficializada em 24 de agosto de 1974.

Como dito anteriormente, Manoel de Mello cooperou em duas denominações pentecostais, Assembleias de Deus e o Evangelho

¹² SINDAZ, Miguel Garcia (ed.). *Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo – Estatutos, Regimento Interno, Manual de Ética*. São Paulo: OBPC, 2020.

¹³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 53.

¹⁴ MELLO, Valéria. Op. cit., p. 35.

Quadrangular. A Igreja O Brasil para Cristo, cujo início oficial aconteceu em 3 de março de 1956, no bairro de Pirituba, em São Paulo, fundada por brasileiro, é a mais brasileira e sem vínculo com denominação no exterior.

“Obreiros de outros estados, líderes de denominações independentes uniram-se ao trabalho de Manoel de Mello, formando uma nova denominação.”¹⁵ O movimento foi muito além com a comunicação em massa por meio de rádio e televisão. Ele conseguia lotar o Estádio do Pacaembu em suas campanhas de curas: “Por ter pregado nos maiores auditórios e estádios de futebol do país, Manoel de Mello é chamado de ‘o pregador das multidões’”.¹⁶ Ele saía das quatro paredes e era ousado nos seus discursos. Foi o primeiro pentecostal do Brasil a se filiar ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e o primeiro a se envolver na política, a lançar candidatos próprios, o que as outras igrejas pentecostais só fizeram a partir de 1980. No entanto, Manoel de Mello também experimentou muitas perseguições, tendo sido “preso 27 vezes, acusado ora de curandeirismo ora de desrespeito às autoridades”.¹⁷

O missionário Manoel de Mello presidiu a Igreja O Brasil para Cristo por 20 anos, de 1956 a 1976. Depois ele passou a presidência para o reverendo Olavo Nunes a fim de se dedicar às cruzadas evangelísticas.¹⁸ O Rev. Luiz Bergamin preside o Conselho Nacional das Igrejas O Brasil para Cristo desde 2014 e é o presidente da igreja de Jundiaí.

Em 1969, Manoel de Mello filiou-se ao Conselho Mundial de Igrejas. Na América Latina, apenas duas pequenas igrejas pentecostais chilenas haviam se filiado ao CMI em 1961: a Igreja Pentecostal do Chile e a Igreja Metodista Pentecostal, desse mesmo país.¹⁹ Algo pare-

¹⁵ ARAUJO, Israel. Op. Cit. p. 365.

¹⁶ CÉSAR, Elben M. Lenz. Op. cit., p. 136.

¹⁷ Ibidem, p. 136; ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*, p. 806; MELLO, Valéria. Op. cit., pp. 83-86.

¹⁸ SUANA, Samuel. *Uma história da Igreja O Brasil para Cristo*. São Paulo: OBPC, 2015, p. 112.

¹⁹ REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2003, 375.

cido aconteceu com um pastor assembleiano nos Estados Unidos, mas foi uma decisão pessoal e unilateral contra os princípios das Assembleias de Deus. Isso é diferente do que ocorreu na Igreja O Brasil para Cristo, constituindo-se em uma decisão oficial. Mas, em 1986, quando o missionário já estava aposentado, a Igreja O Brasil para Cristo se desligou do Conselho Mundial de Igrejas, “o desgaste, especialmente as igrejas do Nordeste, não compensava o vínculo”.²⁰

Quando Manoel de Mello construiu o templo da Pompeia, em São Paulo, onde é hoje a sede da Nacional das Igrejas Evangélicas O Brasil para Cristo, o missionário se sentia incomodado em consagrar essa Casa a Deus, após romper a comunhão com o pastor Cícero Canuto de Lima. Sua saída das Assembleias de Deus pela exclusão tinha sido traumática. Embora o missionário nunca falasse contra o pastor Cícero nem ele contra o Manoel de Mello, a comunhão entre eles estava rompida.

O reverendo Ivan Espíndola de Ávila, muito conhecido das igrejas em todo o país, pois serviu como Secretário Executivo da Sociedade Bíblica do Brasil e também como deputado estadual pelo Estado de São Paulo, foi o intermediário do encontro dos dois grandes líderes pentecostais do Brasil. “Comovidos, Cícero Canuto de Lima e Manoel de Mello se abraçaram demoradamente, chorando e glorificando a Deus”.²¹ O templo da Assembleia de Deus, no Belenzinho, em São Paulo, estava lotado: “Irrompiam os brados de aleluias e glórias a Deus por todo o auditório e os obreiros também se abraçavam em meio a lágrimas”. Diante disso, “estava liberada a porta da bênção para os ministérios das Assembleias de Deus e de O Brasil para Cristo”.²² O missionário Manoel de Mello foi um dos oradores no sepultamento do pastor Cícero Canuto de Lima. O grande templo da Pompeia foi inaugurado em 1º de julho de 1979.

²⁰ FRESTON, Paul. In: “Breve história do pentecostalismo brasileiro” – FRESTON, Paul, ANTONIAZZI, Alberto (et al). *Nem Anjos nem Demônios – Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*, 2ª. edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996, p. 125.

²¹ MELLO, Valéria. Op. cit., p. 170.

²² Ibidem, p. 171.

Estrutura organizacional

O método de evangelização da Igreja O Brasil para Cristo se aproxima bastante do empregado pela Igreja do Evangelho Quadrangular, e sua estrutura organizacional lembra bem a das Assembleias de Deus, com diáconos, presbíteros, evangelistas e pastores e o destaque ao ensino da Palavra. Seu corpo doutrinário está resumido no *Credo das Doutrinas Básicas*, do capítulo I do Regimento Interno do Conselho Nacional O Brasil para Cristo²³ (ver Anexo H).

As crenças e práticas são praticamente as mesmas das Assembleias de Deus. A Igreja mantém a Escola Bíblica Dominical e o treinamento bíblico para obreiros, além de manter seu próprio instituto bíblico e sua própria editora. O seu estilo pentecostal também se aproxima muito ao das Assembleias de Deus. No início, as campanhas do missionário Manoel de Mello eram focadas na cura divina, mas o batismo no Espírito Santo e os demais dons espirituais são cultivados pelos crentes. A manifestação dos dons nos cultos destoa em parte das Assembleias de Deus e da Congregação Cristã no Brasil, os dois primeiros grupos pentecostais, uma vez que o foco é a salvação e o ministério da cura divina. Algumas adaptações vieram com o tempo.

²³ SINDAZ, Miguel Garcia (ed.). Op. cit. pp. 17, 18.

capítulo 10

IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR

A Igreja Pentecostal Deus é Amor é a segunda igreja essencialmente brasileira sem vínculo com instituições pentecostais estrangeiras, depois da Igreja O Brasil para Cristo. O movimento foi fundado pelo brasileiro pregador de campanhas de curas e milagres, David Martins Miranda (1936-2015). Surgiu no contexto paulista, cerca de seis anos depois de o missionário Manoel de Mello ter iniciado a sua denominação.

DAVID MIRANDA

Diferentemente do missionário Manoel de Mello, que desde a infância já manifestava sua vocação, David Miranda, segundo relato em sua autobiografia, era católico, devoto de São Gonçalo do Amarante,¹ e converteu-se ao Senhor Jesus aos 22 anos de idade, em julho de 1958.²

Conversão ao evangelho

David Miranda nasceu no município de Reserva no estado do Paraná, na fazenda chamada Santa Helena, que pertencia à própria família. Ele relata que se transferiu para São Paulo em 1957 e se converteu ao evangelho no ano seguinte. Curiosamente, não cita o nome da igreja de sua conversão, mas declara que foi batizado no Espírito Santo na semana seguinte e seis meses depois foi batizado em águas em nome Pai, do Filho e do Espírito Santo.³ O missionário dizia abertamente nos seus programas radiofônicos que sua conversão se dera na Igreja Maravilhas de Jesus, e costumava ressaltar que, embora muita gente falasse que ele tinha pertencido às Assembleias de Deus, isso de fato nunca aconteceu.

¹ MIRANDA, David. *David Miranda – autobiografia*. São Paulo: Sete Selos, 2017, p. 9.

² Ibidem, p. 25.

³ Ibidem, p. 31

Antes de fundar a Igreja Deus é Amor

Pouco tempo depois de seu batismo, David Miranda afirma que assumiu a direção de uma congregação e recebeu uma revelação para ir a outra igreja. Ele conta ainda que logo descobriu ser a Igreja Pentecostal Jerusalém de Cura Divina, onde cooperou; desde lá, Deus o havia mandado fundar uma nova igreja com o nome “Igreja Pentecostal Deus é Amor”.⁴ Diante disso, o missionário alugou um salão e convocou uma assembleia para início dos trabalhos. Na ocasião, ele foi escolhido pelo grupo como pastor, com 39 votos a favor e 21 contra. Diferentemente do missionário Manoel de Mello, que foi ordenado pela Igreja do Evangelho Quadrangular, igreja já constituída, foi a própria comunidade que elegeu David Miranda. Como nunca houve ordenação anterior, ele precisava de uma cerimônia em que fosse ordenado por um pastor pentecostal, o que aconteceu em 15 de abril de 1962. Dos oito pastores pentecostais convidados para essa cerimônia, somente um compareceu.⁵ Em 3 de junho de 1962, foi registrado em cartório o estatuto da Igreja Pentecostal Deus é Amor.



A IGREJA

A igreja começou num salão no bairro de Vista Alegre, na zona norte de São Paulo. Em seguida, David Miranda conseguiu espaço em programas de rádio, que é ainda hoje o principal meio que a Igreja usa para comunicar suas pregações e ensinios. Em 1970, foi inaugurada a sede na Rua Conde de Sarzedas e, em 7 de setembro de 1979, o templo da sede nacional na Baixada do Glicério, a “Sede Mundial”.

Trata-se da mais rigorosa de todas as igrejas pentecostais do país no que diz respeito aos costumes e ao estilo de vida dos seus membros.

⁴ *Ibidem*, pp. 42, 60, 64.

⁵ *Ibidem*, pp. 78, 79.

A comunidade não dispõe de institutos bíblicos, mas criou em 2016, o Curso Teológico, e o que eles chamam de Escola Dominical é um curso de treinamento para obreiros, intitulado *Fundamentos da Fé Cristã*. Em 3 de agosto de 2016 a Igreja publicou no Facebook oficial a sua *Regra de Fé* (ver Anexo I). Não houve publicação em outros meios, a divulgação se limita a um post do Face. Funcionam nas igrejas estudos bíblicos semanais, que, na verdade, são estudos do Regulamento Interno. Os cultos são pentecostais, com batismos no Espírito Santo, glossolalia, revelações, profecias, curas divinas, visões e arrebatamento dos sentidos. O quinto artigo de fé se aproxima muito da transubstanciação dos católicos romanos.⁶ Os demais pontos doutrinários são basicamente os mesmos dos pentecostais.

Segundo Paul Freston e Ricardo Mariano, o apelo da Igreja Deus é Amor é sobretudo aos mais pobres: “A miséria é mais visível nos seus cultos do que nos de qualquer das outras grandes igrejas pentecostais”.⁷ Mendonça segue nesse mesmo pensamento: “O movimento atrai as massas trabalhadoras periféricas e pobres por causa da ênfase na cura no seu sentido mais amplo, isto é, saúde, emprego e problema existenciais”.⁸ Na opinião desse autor, Deus é Amor não é uma igreja, apesar do nome: “Ainda é apenas um movimento”, e justifica esse argumento dizendo que a sua “população é flutuante, a relação fiel/liderança/sagrado ainda é contratual e descompromissada”.⁹

⁶ “Os católicos romanos ensinam que no ato da consagração o pão e o vinho são literalmente transformados no verdadeiro corpo e sangue de Cristo, uma mudança metafísica; afirmam que essa mudança é na essência ou substância, não nos acidentes, como eles chamam, mantendo o pão a forma, a textura e o sabor do pão. Essa doutrina é chamada de transubstanciação, aprovada no Concílio de Latrão IV em 1215 e reafirmada no Concílio de Trento no século 16” (SOARES, Esequias. *A razão da nossa fé: assim cremos, assim vivemos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 109).

⁷ FRESTON, Paul. “Breve história do pentecostalismo brasileiro”. In: FRESTON, Paul; ANTONIAZZI, Alberto (et al). *Nem anjos nem demônios – interpretações sociológicas do pentecostalismo*, 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 128; MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 196.

⁸ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 55.

⁹ *Ibidem*, p. 55.

capítulo 11

O PENTECOSTALISMO UNICISTA

O unicismo é um desvio doutrinário e um retorno ao antigo movimento monarquianista modal, que ressurgiu um pouco antes da criação do Concílio Geral das Assembleias de Deus nos Estados Unidos. O movimento unicista é visto como uma divisão das Assembleias de Deus americanas. O movimento é considerado um erro teológico no que diz respeito à santíssima Trindade e à soteriologia.¹ Trata-se de uma adaptação da antiga doutrina conhecida como modalismo e sabelianismo. Nos tempos modernos, os unicistas foram chamados de “movimento do nome Jesus”, mas seus opositores os chamavam de “Só Jesus”.

O termo “modalismo” vem de “modo”, pois o movimento ensinava na antiguidade que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três modos de uma mesma Pessoa, e não três Pessoas distintas em um só e mesmo Deus. O termo “sabelianismo” vem do bispo Sabélio, um dos principais expoentes dessa doutrina. Noeto, Práxeas e Sabélio (todos do terceiro século) foram os principais expositores, para não dizer, os pais dessa doutrina. O sabelianismo ganhou espaço por mais ou menos cem anos em Roma, Ásia Menor, Síria e Egito. Em 263, Dionísio de Alexandria, enfrentou o próprio Sabélio derrotando o sabelianismo. Depois disso, o cristianismo passou a repudiar o modalismo, e o combate a essa heresia continuou até que ela desaparecesse completamente da História.

RENASCIMENTO

O unicismo moderno se originou de um desvio ocorrido após o movimento da Rua Azusa, em 13 de abril de 1913, num encontro pentecostal internacional em Arroyo Seco, Pasadena, Califórnia. A irmã Mary B. Woodworth-Etter, pioneira do Movimento da Azusa, era uma conferencista nesse encontro, quando o evangelista canadense Robert

¹ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, pp. 178, 198

Edward McAlister afirmou naquele evento que os apóstolos batizavam em nome de Jesus. Esse ensino era um problema sério visto que o ensino bíblico de Mateus 28.19 é mantido ao longo da história eclesial, o batismo cristão se realiza “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Essa nova “revelação” causou impacto entre os presentes, que McAlister procurou reverter posteriormente, porém já era tarde. John G. Schaepe, um imigrante alemão de Danzig, disse ter orado aquela noite inteira; na manhã do dia seguinte, pregou que o Senhor havia revelado a verdade sobre o batismo em nome de Jesus, conforme Atos 2.38.² Muitos creram na sua mensagem.

Os principais expoentes

Schaepe fundou o movimento chamado “Só Jesus”, usando como ponta de lança o unicismo, o modalismo com roupagem nova, e o batismo em nome de Jesus. Isso provocou muitas divisões nas igrejas, que logo foram se subdividindo em outros grupos. Há muita coisa em comum entre os unicistas modernos e os antigos modalistas, mas eles não são *exatamente* iguais. Ambos os grupos negam a doutrina bíblica da Trindade sem, contudo, negarem a deidade absoluta de Jesus. Seus principais proponentes foram Frank J. Ewart (1876-1947) e Glenn A. Cook (1867-1948).

Ewart foi um australiano que se transferiu para o Canadá e depois para o Estados Unidos. Ele havia conquistado boa reputação como pregador batista em Portland, Oregon, mas foi expulso da Igreja Batista em 1908 por ter aceitado o pentecostalismo. Ele se juntou a William H. Durham em Los Angeles, tornando-se seu assistente, e substituiu-o quando ele faleceu em 1912.³ Mas, Ewart aderiu ao unicismo no encontro de Arroyo Seco. Em 15 de abril de 1915, ele “levantou uma tenda em Belvedere, nos arredores de Los Angeles, e pregou sobre a

² TUCKER, Ruth A. *Another Gospel – Cults, Alternative Religions and the New Age Movement*. Grand Rapids, MI., USA: Zondervan Publishing House, 1984, p. 385; HORTON, Stanley M. *O avivamento pentecostal – as origens e o futuro do maior movimento espiritual dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 21.

³ MENZIES, William W. *Anointed to Serve*. Springfield, MI: Gospel Publishing House, 1986, p. 112.

fórmula batismal de Atos 2.38, quando comparou com Mateus 28.19”.⁴ Nessa mesma data, Ewart e Glenn A. Cook, um de seus primeiros convertidos, batizaram-se um ao outro, na nova fórmula.⁵ Ewart escreveu: “Eu batizei o irmão Cook e ele me batizou”.⁶ Ewart logo se tornou num dos principais expoentes do unicismo.⁷

Stanley M. Horton conta em seu testemunho no livreto *O avivamento pentecostal* que sua mãe, na época com 18 anos de idade, foi ameaçada de perder a salvação se não fosse rebatizada, pois diziam ser impossível honrar a Jesus sem um novo batismo só em seu nome.⁸ Ela seguiu com os unicistas, mas depois de examinar as Escrituras ela voltou a ser trinitariana.

O confronto com as Assembleias de Deus

Os anos de 1914 e 1915 foram cruciais para as Assembleias de Deus americanas. Muitos que se tornaram unicistas, nessa época, faziam parte das Assembleias de Deus, isso por causa da elasticidade doutrinária acordada no Concílio de 1914. O pensamento comum era que a nova denominação não basearia sua doutrina em credos “nem ter[ia] uma organização formal rígida. Desse modo, decidiu-se que nenhuma declaração de fé seria adotada... a principal doutrina, que unia todos os grupos, era a do falar em línguas ‘como evidência inicial’ do batismo no Espírito Santo”.⁹ Essa elasticidade permitia a aceitação dos unicistas no Concílio Geral das Assembleias de Deus.

O número dos unicistas se multiplicou de maneira muito rápida. J. Roswell Flower escreveu para Garfield Thomas Haywood, pastor negro das Assembleias de Deus de Indianápolis, um dos mais conhecidos na

⁴ MATHER, A. George; NICHOLS, Larry. *Dicionário de religiões, crenças e ocultismo*. São Paulo: Vida, 2000, p. 357.

⁵ MENZIES, William W. Op. cit. p. 113.

⁶ EWART, Frank J. *The Phenomenon of Pentecost*. Hazelwood, MO: Word Aflame Press, 2001, p. 97.

⁷ ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 300.

⁸ HORTON, Stanley M. *O Avivamento Pentecostal – As origens e o futuro do maior movimento espiritual dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 21, 22.

⁹ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 178.

cidade, alertando sobre o perigo da visita de Cook. “Haywood respondeu que o aviso havia chegado tarde; ele já havia sido batizado! Cook havia batizado cerca de 500 seguidores de Haywood”.¹⁰ Eudorus Bell foi um dos líderes que havia se tornado unicista. Bell aderiu o unicismo e foi rebatizado em “nome de Jesus”, juntamente com Rodgers.¹¹

O assunto foi debatido no terceiro Concílio Geral em 1915, em Saint Louis, no Missouri; o plenário estava dividido e não se chegou a um consenso. A nova posição de Bell deixou os demais pais das Assembleias de Deus em aflição, mas logo ele se arrependeu e retornou ao trinitarianismo. “Por influência de J. Roswell Flower e John Welch, Bell retornou à crença trinitariana. As Assembleias de Deus e a Igreja em geral rejeitaram de vez a proposta unicista em 1916.”¹² A vitória assembleiana sobre os unicistas aconteceu no ano seguinte, no quarto Concílio Geral, quando M. M. Pinson, J. Flower e J. W. Welch uniram forças para conter os unicistas. Nessa assembleia, vários líderes unicistas deixaram o plenário e se desligaram do Concílio Geral: “As Assembleias de Deus penderam para o lado trinitariano; 156 pastores se desligaram da organização e se viram forçados a buscar outra estrutura”.¹³ Com esses pastores foram muitos membros, os quais abandonaram as Assembleias de Deus.¹⁴

Mas, diante de tudo o que aconteceu, a essa altura, o prejuízo espiritual se tornara praticamente irreparável; as Assembleias de Deus perderam muitos pastores para o unicismo. Foi grande o prejuízo. Em 1916, o Concílio Geral aprovou a *Declaração da Verdade*, que não era um credo nem uma confissão de fé, mas um documento para servir de “alicerce da unidade para o ministério”.¹⁵

¹⁰ MENZIES, William W. Op. cit. p. 113.

¹¹ Ibidem, p. 114; EWART, Frank J. Op. cit., pp. 103, 104.

¹² SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 196; MENZIES, William W. Op. cit. p. 118.

¹³ Ibidem, p. 198.

¹⁴ MATHER, A. George; NICHOLS, Larry. Op. cit., 357.

¹⁵ MENZIES, William W.; HORTON, Stanley M. *Doutrinas bíblicas – os fundamentos da nossa fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 11.

O distrito inteiro da Louisiana aderiu à causa unicista e também centenas de pastores e igreja de todo o país. Uma das maiores igrejas afiliadas às Assembleias de Deus era a congregação de Indianápolis, liderada pelo pastor negro Garfield Thomas Haywood. Depois que ele se uniu ao movimento unicista, grande número de pastores juntou-se a ele para formar centenas de igrejas "apostólicas" e do "nome de Jesus" por toda a nação.¹⁶

Esses unicistas foram acolhidos pelas Assembleias Pentecostais do Mundo, constituídas em 1906 na Califórnia; estas eram inicialmente trinitarianas, mas, com a chegada dos dissidentes das Assembleias de Deus, adotaram o unicismo. A sede do novo movimento foi transferida para Indianápolis, onde já existia uma grande comunidade unicista pastoreada por Garfield Thomas Haywood, que recebeu um grupo de dissidentes unicistas brancos das Assembleias de Deus, tornando aquela a principal congregação unicista dos Estados Unidos. Era formada por maioria negra. Ele era inicialmente trinitariano, mas Glenn A. Cook levou a mensagem unicista para ele em Indianápolis.¹⁷

Houve uma cisão das Assembleias Pentecostais do Mundo, que formavam uma igreja racialmente integrada, assim como a de Haywood havia se tornado também integrada; no entanto, em 1924, os brancos sulistas se separaram, formando a Aliança Ministerial Pentecostal, e não demorou muito para mudarem o nome para Igreja Pentecostal Incorporada. Os unicistas se fragmentaram rapidamente e muitos grupos regionais se formaram, mas a "teologia de cada um desses movimentos variava de maneira significativa".¹⁸ Em 1936, surge outro grupo unicista, as Assembleias Pentecostais de Jesus Cristo, como reunificação dos grupos unicistas regionais; este grupo se fundiu em

¹⁶ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 196.

¹⁷ ARAUJO, Israel. Op. cit., p. 344.

¹⁸ MATHER, A. George; NICHOLS, Larry. Op. cit., 358.

1945 com a Igreja Pentecostal Incorporada, dando origem à Igreja Pentecostal Unida nos Estados Unidos.¹⁹ É a maior comunidade unicista dos Estados Unidos e do mundo.

DOUTRINA

A teologia dos movimentos unicistas apresenta problemas sérios sobre as doutrinas de Deus e soteriológica, e seu pentecostalismo destoa dos pentecostais clássicos e dos carismáticos. Synan escreveu:

Enquanto os pentecostais *holiness* ensinavam a teologia da “terceira bênção”, e os pentecostais da “obra consumada” pregavam a doutrina da “segunda bênção”, os pentecostais unicistas insistiam na “bênção única”, que concentrava todas aquelas bênçãos (salvação, santificação e batismo no Espírito Santo com o falar em línguas), recebidas no momento do batismo em água por imersão em “nome de Jesus”.²⁰

A mentira mais perigosa é aquela que mais se parece com a verdade. É possível um cristianismo que não reconheça a Trindade? Para alguns grupos unicistas, a Trindade é uma doutrina diabólica, para outros nasceu no inferno.

Sobre a Trindade

Os unicistas afirmam que “Deus é Jesus”, o que é diferente de declarar que “Jesus é Deus”. Não se trata de mero jogo de palavras. Embora eles defendam a deidade absoluta do Filho e do Espírito Santo, negam a Trindade. Eles ensinam que o Pai encarnou e que o Espírito

¹⁹ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 202.

²⁰ Ibidem, p. 195.

Santo é o mesmo Pai e Filho. Como disse Tertuliano de Cartago, que polemizou com modalistas em 213, “Práxeas fez duas obras do diabo em Roma: expulsou a profecia e introduziu a heresia; afugentou o Paracleto e crucificou o Pai” (*Contra Práxeas*, I). Isso é assunto sério. Jesus disse: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). O apóstolo Paulo alerta as igrejas contra o “outro Jesus”, diferente daquele pregado pelos apóstolos (2Co 11.4).

A mesma Bíblia que ensina haver um só Deus, e que Deus é um só, ensina também que o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus. Isso não é triteísmo nem unicismo, mas a Santíssima Trindade. A Trindade, portanto, é a união de três Pessoas - o Pai, o Filho e o Espírito Santo - em uma só Divindade, sendo os três iguais, eternos, da mesma substância, embora distintos, sendo Deus cada uma dessas Pessoas. Há perfeita harmonia bíblica entre o monoteísmo e o trinitarianismo.

Jesus é o Filho do Pai (2Jo 3), e não o próprio Pai. Basta uma leitura da Palavra de Deus, principalmente dos quatro evangelhos, para descobrir o absurdo dessa doutrina sabelianista. No batismo de Jesus, são manifestas as três Pessoas distintas da Trindade — o Pai falando do céu, o Filho saindo das águas do Jordão, e o Espírito Santo repousando sobre ele. Como os três podem ser uma só Pessoa? Nos evangelhos encontramos com frequência Jesus fazendo menção do seu Pai como outra Pessoa. Jesus disse: “Também na Lei de vocês está escrito que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro. Eu dou testemunho de mim mesmo, e o Pai, que me enviou, também dá testemunho de mim” (Jo 8.17, 18). Jesus está falando sobre duas Pessoas, e não sobre uma. Ele afirmou que veio do Pai e em breve voltaria para o Pai. Mais de 80 vezes Jesus afirmou que não era o Pai. Muitas vezes, ele se dirigia ao Pai em oração (João 17). Afirmar que Pai e Filho são uma mesma Pessoa é um disparate teológico.

O melhor e o mais completo texto sobre os aspectos bíblico e histórico-teológico unicista é o capítulo 5, intitulado “A Santíssima

Trindade”, da obra *Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal*, editada por Stanley M. Horton.²¹ O capítulo é um ensaio da autoria de Kerry D. McRoberts que mostra a incoerência existente entre o unicismo e a soteriologia cristã. A Trindade é essencial no plano divino da salvação. Se o Pai é o mesmo Filho, como pregam os unicistas, a quem Jesus ofereceu o sacrifício pelos nossos pecados?, argumenta McRoberts.

Sobre a salvação

A soteriologia unicista se distingue da de todos os evangélicos pentecostais e não pentecostais. De acordo com os unicistas, para alguém ser salvo, é necessário arrependimento, fé em Jesus, batismo em águas em nome de Jesus Cristo e batismo no Espírito Santo. Um eminente líder unicista declara: “O Novo Testamento não apresenta cristãos que não são cheios do Espírito Santo, mas sim que, para se tornar cristão, uma pessoa é aquela que crê em Jesus Cristo, se arrepende de seus pecados, é batizada em nome de Jesus Cristo e é cheia do Espírito Santo”.²² Trata-se de uma teologia inadequada. “De acordo com a doutrina unicista, o único batismo válido é o realizado em ‘nome de Jesus’, e não em ‘nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’”.²³ Na visão desses grupos, não são considerados cristãos no sentido pleno da palavra quem for batizado na fórmula trinitariana. Nesse caso, o batismo em águas seria um complemento à obra expiatória do Calvário. Frank Ewart “declarou não ser possível honrar Jesus sem um novo batismo em nome dEle somente”.²⁴ Ewart e Cook entendiam “que o falar em línguas era necessário para a salvação”.²⁵ Segundo a teologia evangélica, acrescentar algo à fé em Jesus para a salvação é heresia.

²¹ McROBERTS, Kerry D. “A Santíssima Trindade”. In: HORTON, Stanley M. (ed. geral). *Teologia sistemática – uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, pp. 167-187.

²² HALL, Jimmy. “Um olhar pentecostal unicista sobre a evidência inicial”. In: MCGEE, Gary (ed. geral). *Evidência inicial*. Natal, RN: Carisma, 2019, p. 221.

²³ SYNAN, Vinson. Op. cit., pp. 195, 196.

²⁴ HORTON, Stanley M. *O avivamento pentecostal*..., p. 21.

²⁵ SYNAN, Vinson. Op. cit., pp. 177, 178.

Sobre o batismo no Espírito Santo

O pensamento unicista sobre o batismo no Espírito destoa da doutrina dos pentecostais e dos carismáticos. “Os unicistas eram também os únicos pentecostais a ensinar que o falar em línguas era necessário à salvação. Sem o dom de línguas, diziam, a regeneração batismal era impossível.”²⁶ Essa doutrina é mantida ainda hoje pela maioria dos unicistas.²⁷ Eles não consideram o batismo no Espírito Santo uma experiência distinta da conversão. Segundo Jimmy Hall, respeitado expoente unicista, o ensino dos pentecostais e carismáticos a respeito da experiência subsequente à salvação é “questionável na Bíblia”.²⁸

NO BRASIL

Os unicistas são uma divisão das Assembleias de Deus americanas, como mostrado anteriormente. Eles são numerosos no sul dos Estados Unidos, principalmente nos estados do Texas, Oklahoma e sudoeste da Califórnia. Gregory A. Boyd estima que eles representam 25% dos pentecostais no país, mas reconhece que é praticamente impossível uma estatística exata, pois são milhares de comunidades pequenas e independentes, sem uma organização centralizada, sem cadastros de membros.²⁹ No Brasil, eles são muito poucos se comparados aos Estados Unidos, e mesmo assim a maioria é formada por grupos pequenos e independentes. Os mais conhecidos são o Tabernáculo da Fé e a Voz da Verdade.

²⁶ Ibidem, p. 196.

²⁷ HALL, Jimmy. Op. cit., p. 229.

²⁸ Ibidem, p. 222.

²⁹ BOYD, Gregory A. *Oneness Pentecostals & the Trinity – A world-wide movement assed by a former Oneness Pentecostal*. Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House, 1997, p.227.

O Tabernáculo da Fé

O Tabernáculo da Fé foi fundado por William Marrion Branham (1909-1965) em Jeffersonville, Indiana, nos Estados Unidos, logo após a Segunda Guerra. Branham nasceu em Kentucky e converteu-se à fé cristã na Igreja Batista em 1933. Ele pregou numa tenda em Jeffersonville para cerca de 3 mil pessoas. Seu contato com os unicistas aconteceu em Mishawaka, no mesmo estado, após a morte de sua esposa em 1937 e de sua filhinha, ainda bebê. Ele interpretou essa perda de seus entes queridos como castigo de Deus por não ministrar aos unicistas.³⁰

Branham pregou para centenas de milhares de pessoas, muitas das quais foram salvas e curadas de toda a sorte de enfermidades. Uma auréola teria aparecido sobre sua cabeça numa campanha evangelística em 1950, em Houston, Texas, e ainda hoje seus seguidores exibem essa foto como um sinal de Deus. Ele foi assassinado por um motorista embriagado em 1965. O que distingue o Tabernáculo da Fé dos outros movimentos unicistas é que os seguidores desse movimento consideram seu fundador alguém com uma unção diferente dos demais seres humanos. Branham é tido por eles como o sétimo mensageiro do Apocalipse.³¹

Branham veio a ser unicista e dizia que o ensino dos apóstolos foi mudado por uma doutrina mais nova no Concílio de Niceia. Considerava a Trindade doutrina do diabo e argumentava que todo o que foi batizado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo precisava ser novamente batizado nas águas somente em nome de Jesus. Nada há de original no branhamismo em relação aos demais movimentos unicistas, exceto o fato de seu fundador ser considerado por seus adeptos alguém dotado de uma unção especial e acima das outras pessoas. O movimento é facilmente identificável no Brasil, principalmente na mensagem radiofônica “De Volta à Palavra Original”, com sede em Goiânia, pregada pelo pastor Joaquim Gonçalves.

³⁰ MATHER, A. George; NICHOLS, Larry. Op. cit., 49.

³¹ Ibidem, pp. 49, 50.

A Voz da Verdade

A Igreja A Voz da Verdade foi fundada em 05 de janeiro 1984, na cidade de Santo André, em São Paulo. É hoje conhecida em nosso meio por causa do conjunto musical de mesmo nome.

A lição 5 da revista *Lições Bíblicas* da Escola Dominical, intitulada *Seitas Modalistas*, do segundo trimestre de 1997, mencionou o conjunto Voz da Verdade juntamente com sua Igreja na lista dos grupos unicistas. O texto, de apenas um parágrafo, girava em torno de dois pontos doutrinários: os unicistas negam a doutrina da Trindade e batizam somente "em nome de Jesus". O título da revista do trimestre era *Seitas e heresias – Se alguém vos anunciar outro evangelho seja anátema*. Mas isso foi o suficiente para causar uma reação no pastor da Igreja Voz da Verdade, que me telefonou ameaçando levar o caso à justiça. Qual a causa dessa irritação? O movimento dele era ou não unicista? Estaria eu mentindo nessa lição da Escola Dominical?

Como acontece ainda hoje, é comum as igrejas convidarem o comentarista das *Lições Bíblicas* do trimestre da Escola Bíblica Dominical para falar sobre uma ou mais das 13 lições ou trazer um resumo do trimestre. Nessa ocasião fui convidado para uma palestra, num sábado à tarde, na Igreja Assembleia de Deus de Santo André. Durante a palestra, fui interrompido por alguém que perguntou qual era o nome de Deus. Achei estranho levantarem aquela pergunta, porque o tema do unicismo não constava na programação daquele evento. Depois, fui informado que alguns jornalistas de um jornal do ABC paulista desejavam me entrevistar após o término da palestra. Logo no início da entrevista, o pastor que coordenava o evento pediu que os tais "jornalistas" se identificassem quando descobrimos que eram membros do conjunto A Voz da Verdade. Apesar de a direção da Igreja ter montado um esquema de segurança, "jornalistas" conseguiram invadir a privacidade da Igreja. Lembro-me que saí da cidade já à noite seguido de uma escolta de segurança.

Uma vez vindo à tona o unicismo deles, a direção do conjunto produziu um CD, distribuído gratuitamente para os crentes, com três estudos bíblicos defendendo o movimento.¹² Não podendo mais ocultar sua doutrina, o líder do conjunto resolveu se revelar, mas procurando persuadir os crentes do unicismo. Mas, as citações bíblicas dos referidos estudos são manipuladas, fora do contexto, e podem confundir qualquer crente mediano sem muitos conhecimentos da Palavra de Deus. O movimento afirma, ainda, que o batismo efetuado pelas igrejas trinitarianas é “forjado pelo homem” e sem valor bíblico.

¹² SOARES, Esequias. *Manual de apologetica cristã – defendendo os fundamentos da autêntica fé bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 332.

capítulo 12

OS CARISMÁTICOS

Os carismáticos são pentecostais das igrejas protestantes historicamente tradicionais que ao receberem o batismo no Espírito Santo e falarem em línguas têm a liberdade de continuar onde estão, são aceitos em suas respectivas igrejas.¹ Essa postura difere bastante dos primeiros 50 anos da história dos pentecostais; no início, quando alguém era batizado e falava línguas, tinha duas opções: guardar silêncio ou ser expulso.

Os carismáticos foram inicialmente identificados como neopentecostais nos Estados Unidos. O termo “pentecostais clássicos” foi aplicado aos pentecostais da primeira geração, provenientes do avivamento da Rua Azusa. Os carismáticos adotaram essa expressão em 1970 para se distinguirem dos pentecostais.

QUEM SÃO E DE ONDE VIERAM

O movimento carismático surgiu na década de 1960 nos Estados Unidos e também no Brasil. O termo “carismático” vem do grego, *chárisma*, um cognato de *cháris*, “graça”; a ideia é aquilo que foi dado pela graça por parte de Deus. Essa palavra é usada de forma genérica para descrever os cristãos que acreditam na atualidade do batismo no Espírito Santo e nas demais manifestações - milagres como curas divinas, profecias, glossolalia.

Mas os carismáticos diferem dos pentecostais em alguns aspectos, pois a maioria “rejeita a preeminência dada pelo pentecostalismo à glossolalia, rejeita o que considera ser legalismo, às vezes associado ao pentecostalismo, e, em geral, permanece em suas próprias denominações, como é o caso dos católicos romanos carismáticos”.²

¹ No Brasil, quando se fala de carismáticos, muitas vezes nos referimos ao movimento dos católicos. Não confundir o presente capítulo com a Renovação carismática católica que teve início em 1967 por ocasião de um retiro de jovens estudantes da Universidade de Duquesne, em Pittsburgh, Pensilvânia; e, mais tarde, chegou ao Brasil.

² ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 155.

Antonio Gouvêa Mendonça chama o movimento carismático de “pentecostalismo educado”.³

Os carismáticos começaram em 1960 com Dennis Bennet, pároco da Igreja Episcopal (São Marcos) de Van Nuys, na Califórnia. Ele foi batizado no Espírito Santo e falou em línguas e, quando relatou a sua experiência aos membros de sua rica paróquia em abril de 1960, a reação foi imediata: “O que se seguiu foi quase um motim, insuflado pela rejeição. ‘Somos episcopais, não um bando de caipiras desmiolados’, vociferava um manifestante de uma cadeira usada como plataforma. ‘Fora os malditos faladores de línguas’, urrava outro”.⁴ A maioria da opinião pública americana colocava os episcopais no topo da lista dos cristãos respeitáveis, “enquanto os pentecostais sem berço ocupavam o degrau mais baixo da pirâmide social”.⁵

A respeito desse episódio com Bennet, diz-se que, “depois de falar línguas, ele foi pressionado por sua congregação e pelo bispo a exonerar-se da igreja”.⁶ E isso teve repercussão na mídia, como nas revistas *Time* e a *Newsweek*, que deram ampla cobertura ao caso. A *Time* publicou: “Agora a glossolalia parece ter encontrado o caminho de volta para as igrejas dos Estados Unidos – não apenas nas desinibidas seitas pentecostais, mas até mesmo entre os episcopais, antes chamados ‘povo gelado de Deus’”.⁷ Os episcopais sentiram-se ofendidos com a experiência de Bennet porque consideravam o pentecostalismo uma doutrina de pobres e de pessoas incultas.

Até a década de 1960, o pentecostalismo foi excluído daquilo que era considerado “cristianismo respeitável” tanto nos Estados Unidos

³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos – o campo religioso e seus personagens*. São Paulo: Metodista, 2008, p. 145.

⁴ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p. 208.

⁵ Apud SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 208. POPE, Liston. *Millhands and Preachers, A Study of Gastonia*. New Haven: Yale University Press, 1946, p. 138.

⁶ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 207; HORTON, Stanley M. *O avivamento pentecostal – as origens e o futuro do maior movimento espiritual dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp. 62, 63.

⁷ Apud Edições de 29 de março de 1963, p. 52; 15 de agosto de 1963, pp. 52-55. SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 210

como aqui, no Brasil. Os pentecostais são um povo barulhento com uma adoração sem entendimento e, sobretudo, formado por “pobres, desprivilegiados, sem instrução e alheios às últimas tendências teológicas que interessavam à maior parte do protestantismo”.⁸ O historiador Émile-G. Léonard escreveu:

Em todos os lugares onde aparece, o pentecostalismo apresenta-se como a forma “proletária” do protestantismo. Ao lado de comunidades e denominações mais antigas, aburguesadas ou em vias de aburguesamento, ele espanta por seu caráter muito mais popular. Esse caráter é mantido pela persistência e o crescimento de suas conquistas entre as classes menos afortunadas.⁹

No que diz respeito às condições econômicas e sociais da maioria dos pentecostais, convém lembrar que os pobres são maioria no planeta e que o público-alvo dos pentecostais são todas as pessoas a quem eles possam ter acesso. E mais, o desenvolvimento econômico do pós-guerra trouxe melhoria para as famílias com o passar do tempo. Assim, os membros das igrejas representam o status social do lugar.

Essa fama de igreja barulhenta vem de longe e continua nos dias atuais. “Desde o início, os pentecostais ficaram conhecidos no mundo inteiro pelas reuniões barulhentas. As de oração, nas quais todos os presentes derramavam o coração perante Deus, eram quase universais.”¹⁰ Por exemplo, em 2006, no Japão, na cidade de Kakegawa, em Shizuoka, os vizinhos se posicionaram contra a inauguração de um templo das Assembleias de Deus construído pelo pastor Haroldo M. Yamamoto, da Assembleia de Deus Missão

⁸ Ibidem, p. 205.

⁹ LÉONARD, Émile-G. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1988, p. 80.

¹⁰ MENZIES, William & Robert. *No poder do Espírito - fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo*. Natal, RN: Carisma, 2020, p. 31.

J. MEAD. O então presidente da Convenção daquele país, pastor Samuel Uchimura já havia dito a todos nós que estávamos dentro da lei e que nenhuma lei do país era contra o local de culto, mas, se os vizinhos não concordassem com o templo ali, não seria uma boa ideia conviver com esse confronto. O pastor foi conversar com os vizinhos e eles disseram: “É que fomos informados que esses brasileiros são barulhentos”. O pastor respondeu: “Isso é verdade, eles são assim mesmo; ninguém pode mudar o jeito deles. Mas posso assegurar que vocês não serão incomodados porque a construção dispõe de isolante acústico”. Eles ficaram mais calmos, mas pediram que o morador da residência do templo fosse alguém que falasse japonês. Ficou tudo acertado. Um dia antes da inauguração, eles foram convidados para visitar e conhecer as dependências do templo, e nós lhes oferecemos um churrasco num clima de confraternização. A igreja está funcionando em Kakegawa-shi até hoje. Essa imagem de povo barulhento vem desde o princípio.

Certa vez, depois de uma reunião da Aliança Bíblica Universitária (ABU), na Universidade de São Paulo, minha filha, escutou um colega comentando com outro estudante: “Mandamos uma ‘penteca’ orar, e ela não parava mais de orar e falava em voz alta”. O que chamou a atenção da minha filha, além do tom jocoso, no bom sentido, é a maneira como somos vistos pelos não pentecostais. Alguns protestantes e a maioria dos católicos veem as práticas pentecostais como falar em línguas, profecias, curas divinas, expulsão de demônios e outros dons do Espírito Santo como “subprodutos bizarros da ignorância religiosa e de um entusiasmo desenfreado”.¹¹

Na introdução do livro *Pensando em línguas: contribuições pentecostais para a filosofia cristã*, James K. A. Smith conta que a Sociedade Teológica Canadense patrocinava todo ano um concurso de teses. Smith havia ganhado esse concurso pela segunda vez conse-

¹¹ Ibidem, p. 206.

cutiva em 1994, razão pela qual ganhou uma passagem de Ontário, onde ele vivia, para Calgary, na província de Alberta, para apresentar a tese vencedora. Na cerimônia de entrega do prêmio, estava sentado a seu lado um teólogo de renome no Canadá, que começou numa conversa amistosa a fazer perguntas, como quem era o seu orientador, em que ele estava trabalhando no momento, onde estudava e assim por diante. Até que o teólogo perguntou: “Você segue a Tradição Reformada Holandesa?”. James Smith respondeu: “Não, não, eu sou pentecostal”. Ele diz que não se lembra se o teólogo tossiu ou se engasgou com o jantar. Não conseguindo disfarçar seu espanto e sua perplexidade, tornou a perguntar: “Quer dizer que você veio de uma família pentecostal?”. Era como se ele tivesse dito a si mesmo: “Um estudante pós-graduado em teologia filosófica, engajado em Heidegger, Derrida e Moltmann, não é possível que seja um pentecostal. Ele deve ter dito que *era* um pentecostal”. “Não foi isso o que eu quis dizer”, respondi. “Todo domingo eu vou ao culto em uma igreja pentecostal. Eu até prego um pouco.” No final, o teólogo se limitou a trocar algumas gentilezas formais e pediu licença para se retirar.¹²

Outro fato semelhante aconteceu comigo. Certa vez, numa reunião, presenteei meus colegas de uma instituição acadêmica com um exemplar da minha gramática de grego. Ao receber o livro, o presidente da Academia me olhou com estranheza e perguntou: “Onde você estudou grego?”. Estaria ele questionando o valor acadêmico da obra por ser um trabalho de um pentecostal? Ele poderia muito bem ser mais discreto consultando a Plataforma Lattes, e dessa forma disfarçar melhor sua reação. Muita gente ainda não descobriu que as coisas mudaram. Os pentecostais se desenvolveram no campo religioso e social; eles acompanham o desenvolvimento da sociedade. Existem universidades pentecostais por toda a parte

¹² SMITH, James K. A. *Pensando em línguas: contribuições pentecostais para a filosofia cristã*. Rio de Janeiro: Vida Melhor, 2021, pp. 13-15.

do mundo. Não sei se essa estranheza era fruto de preconceito ou de ignorância.

O CENTRO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA NOS ESTADOS UNIDOS

Dennis Bennet, “por causa de seus sofrimentos e de sua posterior defesa dessa experiência, é considerado no mundo inteiro o pai do movimento carismático nas denominações históricas”.¹³ William Fischer Lewis, bispo de Olympia, capital do estado de Washington, quando soube da situação, convidou Bennet para assumir o ministério da Igreja Episcopal de São Lucas, “uma paróquia enfraquecida nos arredores de Seattle. O fechamento da igreja de São Lucas já havia sido cogitado, por isso Lewis convidou Bennet, pedindo-lhe que ‘trouxesse fogo’ consigo”.¹⁴ A paróquia de São Lucas veio a ser o centro do movimento carismático dos episcopais e de muitas outras igrejas.

Synan descreve com abundância de detalhes o derramamento do Espírito Santo sobre episcopais, luteranos, presbiteranos, metodistas, batistas, menonitas, católicos, entre outros. Ele menciona nomes de líderes e localidades, as experiências deles e como lidaram com isso. Isso nos Estados Unidos e em muitas partes do mundo. Segundo o autor, um dos primeiros líderes do movimento, Jean Stone, editor do periódico intitulado *Trinity*, a primeira publicação carismática nos Estados Unidos, descreveu na época os carismáticos como novos pentecostais, um pouco diferente dos pentecostais clássicos: “Eram menos emotivos e usavam os dons mais em particular, como uma linguagem de oração”.¹⁵ E acrescenta que eles romperam com várias práticas usa-

¹³ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 212.

¹⁴ Ibidem, p. 213.

¹⁵ Ibidem, p. 212.

das por décadas, no que diz respeito à ordem do culto, e eram representados em sua maioria “por clérigos de boa formação e de leigos de várias classes profissionais”.

Segundo Robert Menzies, os carismáticos acreditam que os dons da lista de 1Coríntios 12.8-10 estão disponíveis para a igreja hoje, mas rejeitam ser o batismo no Espírito Santo (At 2.4) a “capacitação para a missão distinta da regeneração”.¹⁶ Craig S. Keener afirma na introdução do livro *O Espírito na Igreja – o que a Bíblia ensina sobre os dons* que os carismáticos na América do Norte “defendem a contemporaneidade dos dons espirituais e os praticam, mas não são membros de uma igreja pentecostal”.¹⁷ Segundo Keener, em muitos países eles são identificados com a Confissão Positiva, conhecida também como Movimento da Fé.

Stanley M. Horton conta que as Assembleias de Deus demoraram para reconhecer o movimento carismático, e tal reconhecimento só começou a partir de 1972. Ele observa que a Assembleia Geral de 1977, em Oklahoma, reafirmou a “disposição de estender a mão aos carismáticos”; no entanto, “boa parte dos carismáticos dão exagerada ênfase às profecias e revelações, sem a preocupação de julgá-las conforme recomenda 1Coríntios 14.29. Outros estão abandonando os padrões bíblicos ou acatando modernas concepções pós-milenistas”.¹⁸

OS CARISMÁTICOS NO BRASIL

Os movimentos de renovação espiritual aconteciam também no Brasil nessa mesma época, nos anos 1960. A cosmovisão dos carismáticos não é exatamente a mesma dos pentecostais clássicos em relação ao batismo no Espírito Santo e ao dom de línguas.

¹⁶ MENZIES, Robert P. *Pentecostes: Essa história é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 16.

¹⁷ KEENER, Craig S. *O Espírito na Igreja – O que a Bíblia ensina sobre os dons*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 11.

¹⁸ HORTON, Stanley M. Op. cit., pp. 66, 67.

O que chama a atenção, de acordo com Mendonça, é o fato de que, no período de 1910 a 1950, o pentecostalismo brasileiro ser “perfeitamente identificável por suas marcas bastante definidas”, enquanto hoje o movimento pentecostal confunde os menos atentos às nuances que distinguem “os pentecostais clássicos, os carismáticos e os de cura divina”.¹⁹ Os pentecostais clássicos da lista de Mendonça são as Assembleias de Deus, a Congregação Cristã no Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja O Brasil para Cristo. O que ele chama de agência de cura divina é a Igreja Deus é Amor e “numerosas outras”.²⁰ E os fenômenos ou as experiências pentecostais no interior das igrejas tradicionais formam o “movimento carismático”.²¹

Mendonça se refere aos carismáticos no Brasil como movimento que, “apesar de manifestar traço característico do pentecostalismo, isto é, a busca do batismo com o Espírito Santo e a glossolalia como seu sinal, apresenta feições peculiares”. Ele reafirma o que disse Jean Stone nos Estados Unidos: as “feições peculiares” dizem respeito ao predomínio de pessoas da “classe média e educada das Igrejas, a contenção do êxtase e da descontração, a insistência em permanecer em suas Igrejas e renová-las ou mesmo reformá-las e a busca de uma fé mais viva e explícita”.²²

Houve por toda parte entre os evangélicos tradicionais um despertar para a oração e a leitura da Bíblia que resultou na experiência pentecostal, incluindo batismo no Espírito Santo, línguas, profecias, curas divinas e outros dons do Espírito. Eram manifestações até então características das igrejas pentecostais como Assembleias de Deus, Congregação Cristã, Evangelho Quadrangular, entre outras, que se espalhavam agora entre presbiterianos, batistas, congregacionais e episcopais; “enfim, todas as denominações estavam convivendo com grupos ávidos por oração, pela busca de experiências mais profunda

¹⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Op. cit., p. 141.

²⁰ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 18

²¹ Ibidem, p. 47.

²² MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Op. cit., p. 145.

com o Espírito Santo”.²³ Na verdade, tratava-se de igrejas que não abriram mão de sua identidade histórica com a renovação espiritual. São na verdade “igrejas históricas renovadas”.²⁴

A experiência dos batistas é a mais emblemática porque a história do pastor Enéas Tognini (1914-2015) se parece com a de Dennis Bennet, pároco da Igreja Episcopal (São Marcos) de Van Nuys, na Califórnia, que deu origem ao movimento carismático nos Estados Unidos. A diferença é que Bennet declara ter falado em línguas, ao passo que Tognini silencia sobre a glossolalia no seu testemunho. Mas a experiência pentecostal se estendeu para as denominações citadas anteriormente, de modo que os fatos ocorridos entre os batistas são considerados representantes das demais igrejas.

Enéas Tognini nasceu na cidade de Avaré, no interior de São Paulo, mas se converteu ao evangelho na Igreja Batista em Campo Grande, hoje Mato Grosso do Sul, em 1933. Ele relata em sua *Autobiografia* que não acreditava em avivamentos e muito menos nos avivalistas. “Combatia-os sem dó nem piedade.”²⁵ Depois que se formou em Teologia no Seminário Batista, atacou os pentecostais no seu livro *Espírito Santo*, lançado pela Casa Publicadora Batista em 1946.²⁶

O contato dele com o pastor José Rego do Nascimento (1922-2016) e a missionária americana Rosalee Mills Appleby (1895-1991) levou-o a revisar a sua posição sobre o pentecostalismo. José Rego do Nascimento é o fundador da Igreja Batista de Lagoinha, em Belo Horizonte, além de ser pioneiro da renovação pentecostal entre os batistas. Rosalee Mills Appleby chegou ao Brasil em 1924 e se tornou pentecostal. Tognini conta que mereceram sua atenção não somente os folhetos da autoria dela, *Vidas Poderosas*, mas também o contato com ela e os cultos matinais de oração que ela dirigia. Suas publicações o levaram a revisar sua

²³ ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 382.

²⁴ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 48.

²⁵ TOGNINI, Enéas. *Enéas Tognini: A autobiografia*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 38.

²⁶ *Ibidem*, p. 143.

posição sobre o pentecostalismo.²⁷ Ele relata que foi batizado no Espírito Santo em 16 de agosto de agosto de 1958 e descreve detalhes dessa experiência do poder de Deus.²⁸ Mais adiante, Tognini esclarece que ser batizado no Espírito Santo é uma “experiência distinta do novo nascimento”,²⁹ no entanto, ele nada diz sobre o falar em línguas, assunto sobre o qual silencia completamente.

Em janeiro desse mesmo ano, os pastores José Rego Nascimento e Enéas Tognini escreveram um boletim chamado *Renovação Espiritual*, endereçado aos pastores batistas do Brasil, com o seguinte discurso: “Nossas igrejas se converteram em montanha de gelo; não há vigor, não há vida, não há poder do Espírito Santo como houve abundantemente nas igrejas apontadas [...] Nossas reuniões de oração são insípidas, mecânicas, rotineiras”. A Convenção Batista Brasileira constituiu uma Comissão Especial para estudar a renovação espiritual que vinha ganhando espaço no país, formada por treze membros, conhecida como Comissão dos Treze, entre eles, Enéas Tognini e José Rego do Nascimento. O parecer dessa Comissão foi apresentado em janeiro de 1964, na 46ª Assembleia Geral da Convenção realizada em Recife: “Se as igrejas e os pastores da Renovação Espiritual não mudassem suas posições doutrinárias, deveriam se desligar da Convenção”.³⁰ Mas, em 1967, esses batistas precisaram decidir entre a Convenção e a renovação espiritual e optaram pelo despertar do Espírito, criando depois, em 1967, a Convenção Batista Nacional.

OS EXCESSOS

Há diversas concepções de batismo no Espírito Santo entre os pentecostais e carismáticos. Recordo que, no final da década de 1980,

²⁷ Ibidem, p. 37.

²⁸ Ibidem, pp. 38-41.

²⁹ Ibidem, p. 77.

³⁰ ARAUJO, Isael. Op. cit. p. 742.

eu procurava na livraria do Centro de Literatura Cristã (CLC), em São Paulo, uma gramática hebraica, quando uma senhora ao lado me perguntou em hebraico: "Você fala hebraico?". Respondi afirmativamente: "Um pouco", também em hebraico, pois na época eu fazia esse curso na Universidade de São Paulo. Ela se declarou judia e disse ter encontrado a salvação em Jesus. Perguntou-me à qual igreja eu pertencia, e eu expliquei que era membro das Assembleias de Deus. "Ah, aquela igreja que fala em línguas?", quis saber. "Sim", eu respondi. "Então, você fala em línguas?", ela indagou. E eu completei: "pois sou batizado no Espírito Santo". Ela ficou curiosa e me pediu que falasse em línguas para ela ouvir. Em poucas palavras, expliquei que essa é uma iniciativa do Espírito, e não do cristão.

É interessante que, nessa mesma época, eu dava aulas num discipulado semanal, às quintas-feiras à noite, para um pequeno grupo formado por alguns empresários e comerciantes de Jundiaí. Um deles, o anfitrião, frequentava a Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno (Adhonep).³¹ Antes de começar o estudo bíblico, surgiu o assunto do batismo no Espírito Santo e do falar em línguas. Os novatos no grupo ficaram curiosos e perguntaram ao "adhonepiano", dono da casa: "Como é isso? Você fala em línguas?". Ele simplesmente respondeu falando em línguas, como em uma demonstração para os demais.

Um colega de trabalho servia como diácono em uma igreja batista de Jundiaí, cujo pastor era meu amigo, pentecostal e de origem assembleiana. Seu pai tinha sido pastor da Assembleia de Deus, Ministério de Madureira. Esse diácono sempre me dizia que

³¹ A Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno (Adhonep) é um movimento paraeclesástico com o objetivo atrair empresários e homens de negócios que relutam em fazer parte das igrejas pentecostais. A Adhonep foi fundada em 1952 nos Estados Unidos por um rico produtor de laticínios da Califórnia, descendente de armênios, chamado Demos Shakarian. O movimento se espalhou pelo mundo inteiro e foi implantado no Brasil na década de 1970. A Associação veicula em suas reuniões os ensinamentos dos neopentecostais, a Confissão Positiva e a Maldição Hereditária. Ver mais: SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*, pp. 465, 466; ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*, pp. 107, 108.

era batizado no Espírito Santo, argumentando que sentia a alegria do Espírito Santo e o gozo da salvação, mas nunca havia falado em línguas.

Esses são alguns exemplos de interpretações diferentes de grupos que se consideram pentecostais ou carismáticos.

capítulo 13

OS NEOPENTECOSTAIS

Os neopentecostais são comunidades autônomas ou independentes que surgiram a partir da década de 1970 com crenças e práticas peculiares que destoam dos pentecostais clássicos. Os pesquisadores consideram o neopentecostalismo um movimento e não uma denominação, pois não apresenta uma linha teológica nem é representado por convenções, conselhos ou concílios que caracterizam as denominações. Há uma clara linha divisória que distingue pentecostais clássicos e neopentecostais na doutrina, na liturgia e na prática, mas essa distinção entre algumas igrejas pentecostais da segunda onda e os neopentecostais é tênue e praticamente imperceptível.

O TERMO “NEOPENTECOSTAL”

Literalmente, o termo significaria o “novo pentecostal”, mas vamos voltar um pouco às origens do movimento. O grupo proveniente do Movimento de Santidade, que no início do século 20 dava muita ênfase aos milagres e curas divinas, aos sinais e maravilhas, buscava o batismo no Espírito Santo, falar em línguas e os demais dons do Espírito; “eram crentes que chamavam a si mesmos ‘pentecostais’, uma vez que sua inspiração remontava ao dia de Pentecostes, quando ocorreu o derramamento do Espírito Santo no cenáculo”.¹ Esse pequeno grupo, desde o avivamento da Rua Azusa, cresceu e prosperou, transformando-se na terceira força do cristianismo, depois do catolicismo e do protestantismo em tão pouco tempo, no mundo inteiro.

Então, o que seria o neopentecostalismo? O prefixo “neo” vem do grego *neós*, de significado amplo: “novo, jovem, próprio de um jovem, inesperado, incomum”. O termo “pentecostalismo” vem de “pentecostes”, o nome grego da Festa das Semanas, celebrada pelos judeus sete

¹ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p. 31.

semanas a partir da Páscoa e também chamada de Festa das Primícias. O dia seguinte após o final da sétima semana é o quinquagésimo dia, daí o nome grego *pentekostés*, que quer dizer “quinquagésimo”. Assim como a Páscoa aponta para o sacrifício de Jesus, a festa de Pentecostes aponta para a descida do Espírito Santo. As 3 mil pessoas que creram em Jesus no dia de Pentecostes por meio da pregação do apóstolo Pedro eram as primícias de uma grande colheita que haveria de se estender pelo mundo inteiro.

O vocábulo “neopentecostalismo” é comumente usado pelos pesquisadores para identificar as igrejas pentecostais autônomas que surgiram no Brasil a partir da década de 1970.² De acordo com o *Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa*, a Igreja Universal do Reino de Deus é exemplo típico de neopentecostalismo.³ De acordo com Ricardo Mariano, “a própria Igreja Universal se classifica como neopentecostal” com base na afirmação da *Folha Universal*, edição de 11 de junho de 1995.⁴

As principais comunidades neopentecostais

Segundo Paulo Romeiro, o bispo canadense Roberto McAlister (1931-1993) “foi o agente catalisador do neopentecostalismo no Brasil”.⁵ Ele veio de uma família evangélica de tradição pentecostal e se estabeleceu definitivamente no Brasil em 1959, mas antes disso pregou na Assembleia de Deus de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. No entanto, McAlister nunca foi neopentecostal; pelo contrário, criticava alguns métodos dos neopentecostais. Ele foi “evangelista de cruzadas de curas e milagres, pastor, fundador e bispo primaz da

² MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos – o campo religioso e seus personagens*. São Paulo: Metodista, 2008, p. 137.

³ SACCONI, Luiz Antonio. *Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa – comentado, crítico e enciclopédico*. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 1444.

⁴ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 33.

⁵ ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça: esperança e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 44.

Igreja Pentecostal de Nova Vida".⁶ Dessa mesma igreja saíram "o bispo Edir Macedo e o missionário R. R. Soares, dois dos principais líderes do neopentecostalismo brasileiro".⁷

Segue uma lista das principais igrejas neopentecostais brasileiras:

- Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977 por Edir Macedo, juntamente com R. R. Soares, no Rio de Janeiro. Nos últimos anos vem, despertando a curiosidade do povo por causa de sua inovação e criatividade na liturgia, como a Sessão do Descarrego e a forma de levantar recursos financeiros.
- Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada por R. R. Soares, em 1980, quando se desligou da Igreja Universal do Reino de Deus. Sua liturgia também é inovadora nas reuniões do Show da Fé.
- Igreja Apostólica Renascer, fundada em São Paulo, em 1986, pelo casal Estevam e Sônia Hernandes, que se autodenominam "apóstolo" e "bispa".
- Comunidade Sara Nossa Terra, fundada por Robson Rodovalho, em 1976, com sede em Brasília, Distrito Federal.
- Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, fundada em 1994 por Valnice Milhomens, que, em 1999, recebeu o título de "apóstola".
- Igreja Cristo Vive, fundada em 1985 por Miguel Ângelo da Silva Ferreira, em um antigo cinema, em Piedade, subúrbio do Rio de Janeiro.

Roberto McAlister, no seu livro intitulado *Dinheiro, um assunto altamente espiritual*, publicado em 1981, fala sobre a prosperidade financeira. Ele critica o que chama "teologia do hinário"⁸ e para isso cita a primeira estrofe de alguns hinos do hinário das Assembleias de Deus, a *Harpa Cristã*, como nos três exemplos a seguir:

⁶ ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 448.

⁷ MARIANO, Ricardo. Op. cit., p. 49.

⁸ McALISTER, Roberto. *Dinheiro um assunto altamente espiritual*. Natal, RN: Carisma, 1981, pp. 26-30.

Quão glorioso, cristão, é pensares
Na cidade que não tem igual,
Onde os muros são de puro jaspe,
E as ruas de ouro e cristal;
Pensa como será glorioso
Ver-se a triunfal multidão,
Que cantando, aguarda a chegada
Dos que vencem a tribulação. (*Hino 26*)

Quando a luta desta vida
Trabalhosa se findar,
O adeus a este mundo vamos dar;
Para o céu então iremos,
Com Jesus nos encontrar
Na Jerusalém de Deus. (*Hino 94*)

Quando esta vida de lutas cessar,
Vou para o céu meu descanso gozar
Com meu Jesus, lá na glória sem fim;
Oh! Que ventura será para mim! (*Hino 357*)

Usando esses hinos como amostragem, McAlister conclui: “O que acabamos de citar é teologia pura, ensinada através de hinos cantados por literalmente milhões de brasileiros, crentes em Jesus Cristo, os quais acreditam cabalmente que neste mundo não há senão tribulações, lutas, além de tesouros impossíveis de segurar”.⁹

Os principais líderes neopentecostais, como Edir Macedo, R. R. Soares e Miguel Ângelo, vieram dessa escola, pois saíram todos da Igreja Nova Vida. Inovaram na mensagem relativa ao dinheiro e estabeleceram métodos estranhos aos pentecostais. Eles não têm escato-

⁹ Ibidem, p. 29.

logia nem manifestam interesse pelo céu ou pelo arrebatamento da igreja; pregam simplesmente a felicidade na terra.

Edir Macedo escreveu: “A Bíblia diz que Jesus deu o seu sangue para salvar a humanidade. O sangue de Jesus é ele mesmo, sua vida, seu sacrifício. Costumo afirmar que o dinheiro é o sangue da Igreja, pois carrega consigo parte das vidas das pessoas (tempo, suor, inteligência e esforço para ser conseguido); é a este aspecto que me refiro”.¹⁰ O dinheiro toma conta da liturgia do movimento que ele fundou, como também da maioria das comunidades neopentecostais.

Crenças e práticas

Os credos pentecostais têm a mesma base da maioria das denominações protestantes, como a inspiração divina, verbal e plenária das Escrituras como único fundamento da fé cristã, a Trindade, a divindade e a humanidade de Jesus, sua concepção e nascimento virginal, sua morte expiatória, sua ressurreição dentre os mortos e seu retorno ao céu, a divindade e personalidade do Espírito Santo, a pecaminosidade humana, o perdão dos pecados, a salvação plena em Jesus, o papel da igreja e sua missão. Além desses pontos comuns aos pentecostais e não pentecostais, são acrescentados temas pentecostais, como as obras do Espírito, o batismo no Espírito Santo, a glossolalia, as curas divinas e outras manifestações dos dons espirituais. O desapego dos neopentecostais pela Bíblia chama a atenção dos críticos. O bispo Macedo, por exemplo, considera a Bíblia como “um livro de experiência”.¹¹ Ele escreveu ainda:

O religioso tenta explicar Deus; o cristão, compreendê-lo. Através da tentativa de explicá-lo, surgiu a teologia, que abrange vários ramos, a saber: dogmática, moral, ascética, mística, sistemática, exegética, pastoral e outros.

¹⁰ MACEDO, Bispo. *O perfeito sacrifício*. Rio de Janeiro: Universal, 2001, p. 19.

¹¹ MACEDO, Bispo. *A libertação da Teologia*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2002, p. 69.

Todas as formas e todos os ramos da teologia são fúteis; não passam de emaranhados de ideias que nada dizem ao inculto, e nada fazem pelos homens, a não ser aumentar sua capacidade de discutir e discordar entre si.¹²

O uso de leituras literais acontece com sentido ilustrativo: “Os neopentecostais não usam o texto bíblico primordialmente como repositório da verdade, mas como motivação para a prédica e a prática. A *Bíblia*, para eles, parece ser mais um repositório de ‘contos exemplares’”.¹³ O analfabetismo bíblico da maioria dos neopentecostais leva ao indiferentismo bíblico, teológico e doutrinário, incluindo as doutrinas mais elevadas da fé cristã. Segundo Antonio Gouvêa Mendonça, o neopentecostalismo talvez mereça outro nome “que não o de pentecostal” e acrescenta: “O pentecostalismo clássico traz forte herança cristã, e principalmente do cristianismo protestante. O neopentecostalismo perdeu dois elementos fundamentais desses dois ramos: do pentecostalismo clássico praticamente perdeu a segunda bênção (batismo com o Espírito Santo); e do protestantismo, a Bíblia”.¹⁴ Seus líderes não têm o mesmo apreço pelas Escrituras nem interesse pelo conhecimento bíblico. Não possuem um credo e nem sequer um resumo doutrinário. Essa é uma diferença visível entre eles e a maioria dos pentecostais. Mas há exceções, como no caso da Comunidade Sara Nossa Terra, que possui institutos bíblicos.¹⁵

Não há nos neopentecostais nenhum interesse pela educação teológica ou pelo estudo da Bíblia. “O neopentecostalismo não apresenta linha teológica própria.”¹⁶ Seus líderes escolhem no que crer. “São movimentos que não têm compromisso com convenções, não têm

¹² Ibidem, p. 17.

¹³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. “Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica”. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). *Sociologia da Religião e Mudança Social: Católicos, protestantes e novo movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 75.

¹⁴ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Op. cit., p. 139.

¹⁵ MARIANO, Ricardo. Op. cit., p. 106.

¹⁶ ROMEIRO, Paulo. Op. cit., p. 87.

tradição e nem história e seus líderes são praticamente donos dessas igrejas e por isso suas mensagens, músicas e forma de adoração são preparadas para agradar o cliente”.¹⁷ Sua doutrina é uma mescla da doutrina dos pentecostais clássicos, dos pentecostais da segunda onda e dos carismáticos, sem ênfase no batismo no Espírito Santo ou no falar em línguas, sem profecias e sem os demais dons do Espírito. O enfoque deles, como ensinava Roberto McAlister, está nos bens deste mundo, a riqueza e a saúde.¹⁸

A CONFISSÃO POSITIVA

A Confissão Positiva é conhecida como Teologia da Prosperidade, Palavra da Fé ou Movimento da Fé, que surgiu de forma gradual a partir da segunda metade do século 19 e cuja mensagem é centrada na saúde e na prosperidade financeira. O ensino da “fé” destaca principalmente a confissão positiva como forma de “trazer à existência o que proferimos com os lábios, pois a fé é uma confissão”.¹⁹

Ainda hoje, há quem acredite que o pai desse movimento é Kenneth Hagin (1917-2003), mas, segundo D. R. McConnell, um dos críticos do movimento, Hagin teria copiado ou plagiado os discursos e ensinamentos de Essek William Kenyon (1867-1948).²⁰ Kenyon foi um pastor não pentecostal que teria usado recursos da parapsicologia e das ciências da mente, como a Ciência Cristã e a Metafísica do Novo Pensamento, em suas campanhas de cura nas décadas de 1920 e 1930.

Kenneth Hagin nasceu prematuramente, em 1917, com problemas no coração, e ficou inválido durante 15 anos. Ele se converteu

¹⁷ SOARES, Esequias. *O verdadeiro pentecostalismo – a atualidade da doutrina bíblica sobre a atuação do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 97.

¹⁸ ROMEIRO, Paulo. Op. cit., p. 45.

¹⁹ SYNAN, Vinson. Op. cit., p. 473.

²⁰ MCCONNELL, D. R. *A Different Gospel – A Historical and Biblical Analysis of the Modern Faith Movement*. Feabody, MA: Hendrickson Publishers, 1993, pp. 8-12.

ao evangelho em 22 de abril de 1933 e, no ano seguinte, o Senhor Jesus o curou. Hagin fez de sua experiência pessoal uma doutrina. Ele recebeu o batismo no Espírito Santo em 1937, ano em que se tornou ministro pentecostal, depois pastoreou seis igrejas no estado do Texas e aos 30 anos de idade tornou-se pregador itinerante independente. Em 1974, fundou o Centro Rhema de Adestramento Bíblico, em Oklahoma. Dava muita ênfase à palavra da fé, o confessar por fé, a realização atual de certas promessas bíblicas sobre a saúde e a prosperidade. Afirmava ter recebido várias visões, sendo uma delas o verdadeiro significado de Marcos 11.23, 24 e da natureza da fé cristã, que consiste em confessar constantemente em voz alta seu pedido sem nunca duvidar, mesmo sem evidências dessa resposta, até que tais petições sejam respondidas.

Kenyon, segundo os críticos, é o pai da Confissão Positiva. Ele ingressou em 1892 na Escola Emerson de Oratória (Emerson College), em Boston,²¹ uma faculdade eclética que serviu como núcleo do movimento transcendental, ou da mente, também conhecido como seitas metafísicas. A Escola Emerson foi fundada e dirigida pelo eclético Charles Wesley Emerson, em Boston, Estados Unidos. Durante 40 anos de ministério, Emerson trouxe em seu bojo crenças universalistas, unitaristas, transcendentalistas, também o Novo Pensamento, o movimento do curandeiro e a Metafísica do Novo Pensamento do hipnotizador Fineias Parkhurst Quimby (1802-1866),²² unindo-se por fim, em 1903, à Ciência Cristã, onde permaneceu até a sua morte em 1908.²³

As ideias de Kenyon apresentam indícios da doutrina gnóstica dos primeiros anos da história do cristianismo. Ele não era pentecostal, pastoreou várias igrejas e fundou outros movimentos, dando ênfase

²¹ Ver origem e desenvolvimento da Confissão Positiva em SOARES, Esquias. *Heresias e modismos - uma análise crítica das sutilezas de Satanás*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, pp. 305-317; ROMEIRO, Paulo. Op. cit., pp. 87-116; ARAUJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, pp. 616.617.

²² ARAUJO, Israel. Op. cit., p. 616.

²³ MCCONNELL, D. R. Op. cit., pp. 36, 37.

aos textos bíblicos que tratam de saúde e prosperidade. Aplicava a técnica do poder do pensamento positivo nas pregações de cura.²⁴

Kenyon escreveu 16 livros e, depois de sua morte, em 1948, sua filha se encarregou de publicar suas obras que tiveram grande influência no ministério dos principais expositores do Movimento da Fé. Muitos pregadores da Teologia da Prosperidade como Frederick Price, Kenneth Copeland e Charles Capps foram influenciados por Kenyon.

A Igreja Internacional da Graça deu boa acolhida aos ensinamentos e as obras de Hagin no Brasil, e o missionário R. R. Soares é o seu principal porta-voz. R. R. Soares diz que a leitura do livro de Hagin, *O nome de Jesus*, mudou sua vida e seu ministério.²⁵ A Graça Editorial publica a maior parte dos livros de Hagin no Brasil.

Algumas características da Teologia da Prosperidade, às vezes, respingam nas Assembleias de Deus de maneira isolada, mas a CPAD tem publicado ensinamentos contra essa doutrina. Mas, foi nas comunidades neopentecostais que a Confissão Positiva se estabeleceu definitivamente, como bem afirma Ricardo Mariano:

Invertem a postura pentecostal tradicional de rejeição à busca da riqueza, ao livre gozo do dinheiro, de *status* social e dos prazeres deste mundo. Em seu lugar, pregam a teologia da prosperidade, doutrina que, grosso modo, defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo. E, com isso, em vez de rejeitar o mundo, os neopentecostais passaram a afirmá-lo. Além de possuir uma fé inabalável e de observar as regras bíblicas de como tornar-se herdeiro das bênçãos divinas, o principal sacrifício que Deus exige de seus servos, segundo esta teologia, é de natureza financeira: ser fiel nos dízimos e dar generosas ofertas com alegria, amor e desprendimento.²⁶

²⁴ BURGESS, Stanley M. (ed.) and DER MASS, Edward M. (assoc. ed.). *International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003, p. 992.

²⁵ SOARES, R. R. *Exija seus direitos*. Rio de Janeiro: Graça, 2000, pp. 27-35.

²⁶ MARIANO, Ricardo. Op. cit., p. 44.

Apesar de todas essas controvérsias, o movimento cresceu exponencialmente nas décadas de 1980 e 1990. Segundo Synan: "Uma das razões para o crescimento do movimento da fé foi a ampla aceitação de seus professores entre os carismáticos de todas as igrejas". A Confissão Positiva é a marca distintiva dos neopentecostais, mas há comunidades com características específicas, como a guarda do sábado na Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo e a doutrina da maldição de família na Comunidade Sara Nossa Terra. O que é comum na maioria delas, porém, é a Teologia da Prosperidade.

Mendonça chama o neopentecostalismo de empresa mágica ou sindicato de mágicos, e isso pelas características empresariais, pelo distanciamento da Bíblia e pela inexistência de comunidade, pois seus "frequentadores são clientes e a relação entre a 'empresa' e o 'cliente' é na base do *do ut des*".²⁷ Ele acrescenta, "como não há comunidade de adoração e louvor, o 'culto' tem características de ajuntamento de interessados na obtenção imediata dos favores do sagrado".²⁸

²⁷ *Do ut des*, expressão latina usada em norma de contrato bilateral, significa literalmente, "dou para que tu des"; é o famoso "toma lá dá cá".

²⁸ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Op. cit., p. 143.

capítulo 14

“PORQUE A PROMESSA É PARA VOCÊS E PARA OS SEUS FILHOS”

“**P**orque a promessa é para vocês e para os seus filhos, e para todos os que ainda estão longe, isto é, para todos aqueles que o Senhor, nosso Deus, chamar” (At 2.39). Essa promessa é identificada com o dom pentecostal do Espírito Santo (At 2.33). O apóstolo está falando sobre o batismo no Espírito Santo. Essa promessa é o derramamento do Espírito Santo, o poder pentecostal que é prometido a todos os crentes de todas as idades e em todos os lugares até a vinda de Jesus. “Os que estão longe” diz respeito a espaço e tempo, e nós estamos incluídos nessa declaração. Diante da breve amostragem histórica-teológica fica confirmada a continuidade dos dons do Espírito bem como as diversas maneiras como eles foram e são interpretados.

O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

O pentecostalismo apresenta diversas interpretações. Isso ficou evidente nos protopentecostais como o Movimento de Santidade e o Movimento Vida Superior. O mesmo pode ser dito sobre os pentecostais da Rua Azusa e de Chicago, que são os pentecostais clássicos. Outras interpretações diferenciadas foram analisadas sobre os unicistas, os carismáticos e os neopentecostais. Essas explicações históricas e teológica revelam que não existe unanimidade entre os pentecostais sobre a definição ou o conceito do batismo no Espírito Santo ou de ser batizado no Espírito Santo, mas que o dom pentecostal é um fato incontestável, experimentado por milhões de cristãos no mundo inteiro ao longo da História e na atualidade, isso é real e inegável.

As maiores igrejas pentecostais no Brasil depois das Assembleias de Deus, pela ordem cronológica de sua fundação, são a Congregação Cristã no Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja O Brasil para Cristo e a Igreja Deus é Amor. Elas são as principais representantes do pentecostalismo moderno. Mas existem ainda

muitas igrejas e comunidades pentecostais menores e também o movimento carismático nas igrejas tradicionais consideradas históricas, que não são pentecostais, mas não se opõem ao pentecostalismo dentro da igreja. Há muitos crentes batizados no Espírito Santo, que falam em línguas, e são membros de igrejas não pentecostais, mas permanecem discretos nos cultos.

A posição da maioria entre os pentecostais clássicos é que o batismo no Espírito Santo é uma experiência espiritual do crente com o Espírito de Deus separada da conversão, na qual a pessoa “entra em uma nova fase em relação ao Espírito”.¹ O falar em línguas, a glossolalia, é a evidência física inicial do batismo no Espírito Santo. Essa é a doutrina das Assembleias de Deus conforme a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil*. Esses são os dois princípios básicos que caracterizam o batismo no Espírito Santo no conceito dos pentecostais clássicos.

A construção com o substantivo, “batismo no Espírito Santo”, não aparece no Novo Testamento, mas com o verbo “batizar no Espírito Santo”. A expressão “batizado no Espírito Santo” e fraseologia similar aparecem sete vezes no Novo Testamento, quatro delas nos evangelhos (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33), duas em Atos (At 1.5; 11.16) e uma em Paulo (1Co 12.13). É um termo conhecido dos cristãos, usual desde a antiguidade e que ainda hoje faz parte da linguagem dos seguidores de Jesus, leigos e teólogos, pentecostais e não pentecostais. É verdade que ser pentecostal significa crer na atualidade do batismo no Espírito Santo ou dos dons espirituais, mas isso não é tudo; significa “que as experiências descritas em Atos servem de modelo para a experiência cristã contemporânea, que o batismo no Espírito Santo (At 2.4) é uma capacitação pós-conversão para a missão e que o falar em línguas marca essa experiência”.² Quando se compara os pentecos-

¹ JOHNS, Donald A. “Novas diretrizes hermenêuticas na doutrina da evidência inicial do pentecostalismo clássico”. In: MCGEE, Gary (ed. geral). *Evidência inicial – perspectivas históricas e bíblicas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito Santo*. Natal, RN: Carisma, 2019, p. 193.

² MENZIES, P. Robert. *Pentecostes – Essa história é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p.14.

tais clássicos com os demais grupos do pentecostalismo, verifica-se a diferença tanto periférica, a exemplo dos carismáticos, dos neopentecostais, como estrutural, a exemplo dos unicistas. Mas as divergências maiores estão entre pentecostais e não pentecostais.

Há cinco referências que relatam como o batismo acontece em Atos (At 2.4; 8.4-25; 9.13; 10.44-48; 19.1-7) e elas mostram evidências sobre dois pontos principais: experiência separada da conversão e glossolalia. A expressão “evidência física inicial”, formulação teológica usada pelas Assembleias Deus, refere-se às línguas evidenciais que acompanham o batismo no Espírito Santo em Atos 2.4; 10.44-48; 19.6.

Os apóstolos e os demais discípulos e discípulas presentes no dia de Pentecostes (At 2) já eram crentes (Lc 10.20; Jo 15.3; At 1.12—14). Todos os crentes em Jesus já têm o Espírito Santo (Jo 14.17; Gl 3.1-5) e não existe cristão sem o Espírito (Rm 8.9). Os samaritanos já eram crentes quando receberam o batismo no Espírito Santo (At 8.6-17). É claro que Simão, o Mágico, estava entre os crentes, como acontece ainda hoje, e nem todos que se batizam são verdadeiramente convertidos. Isso não significa que os demais não eram cristãos. Simão era uma anomalia. O mesmo acontece com os 12 discípulos de Éfeso (At 19.1-7). Se eles são chamados “discípulos”, é forçar demais a situação afirmar que eles não eram cristãos. Essa experiência é acompanhada de um fenômeno, o falar em línguas: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (At 2.4); “E os fiéis que eram da circuncisão, que tinham vindo com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo. Pois eles os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus” (At 10.45, 46); “E, quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles, e tanto falavam em línguas como profetizavam” (At 19.6). Todas as cinco passagens carismáticas (At 2.4; 8.6-17; 9.17; 10.44-48; 19.1-7) mostram que o batismo no Espírito Santo é uma capacitação para o serviço, e não uma iniciação à fé cristã. É exatamente essa a nossa doutrina assembleiana.

ALGUMAS CONTROVÉRSIAS PENTECOSTAIS

Tanto para Parham como para os demais pentecostais clássicos da primeira geração até a década de 1970, a hermenêutica utilizada era pragmática. Segundo Hollenweger, o respeitado teólogo pentecostal Gordon Fee, que foi ordenado pelas Assembleias de Deus em 1959, num encontro anual da Sociedade para Estudos Pentecostais na cidade Oklahoma, em 1972, chocou o auditório ao expor as deficiências da hermenêutica usada pelos pentecostais. No seu discurso, ele disse: “Em vez da hermenêutica científica, desenvolveu-se uma espécie de hermenêutica pragmática”, e outra crítica nessa fala foi: “Num certo sentido, o pentecostal tende a fazer exegese com base em sua experiência”.³

Um dos exemplos bem conhecidos de hermenêutica pragmática é o de Carl Brumback, um dos principais defensores do pentecostalismo nas décadas de 1940 e 1950. Em um dos seus livros, *“Que quer isto dizer?”*, ele escreveu: “Em outras palavras, nós cremos que a experiência dos cento e vinte em Atos 2:4 - ‘E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem’ – é o modelo bíblico para os crentes de todos os tempos da Igreja”.⁴ Outras fraseologias similares aparecem em seu livro como: “E é nossa convicção que o batismo ou plenitude com o Espírito Santo, conforme o registro em Atos, devem ser da mesma maneira o padrão para os crentes hoje”.⁵ Concordamos com tais declarações; é dessa forma que as Assembleias de Deus creem, e a doutrina é autêntica. Mas a questão é, como disse Stronstad, que Brumback:

³ HOLLENWEGER, J. Walter. *Pentecostalism: Origins and Developments Worldwide*. Peabody, MS: Hendrickson Publishers, 1997, pp. 312, 313

⁴ BRUMBACK, Carl. *“Que quer isto dizer?” – uma resposta pentecostal a uma pergunta pentecostal*. Tradução de Orlando Boyer e Joaquim Luiz dos Santos. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1960, p. 169.

⁵ Ibidem, p. 166. Ver também pp. 176, 177.

não analisa nem explica essa hermenêutica, simplesmente a declara. Em parte alguma deixa transparecer qualquer consciência de que, em um livro de apologética pentecostal, ele precisa analisar, defender e justificar sua base hermenêutica para desenvolver “uma resposta pentecostal contemporânea para essa pergunta pentecostal antiga”.⁶

Em sua obra em coautoria com Douglas Stuart intitulada *Entendes o que lês?*, Fee declara: “Nossa suposição, compartilhada por muitas outras pessoas, é esta: *Sem que a Escritura nos mande fazer alguma coisa de forma explícita, aquilo que é apenas narrado ou descrito não funciona de modo normativo*” (grifo originais do autor).⁷ Roger Stronstad rotula esse pensamento de Fee como “hermenêutica de gênero literário”, proposta como “alternativa à hermenêutica pragmática dos pioneiros pentecostais clássicos”.⁸

Com base em sua estrutura, Fee questiona a separabilidade e a glossolalia como evidência do batismo no Espírito Santo. Ele considera o falar em línguas normal, mas não normativo. William e Robert Menzies analisam: “Deve-se observar que a posição de Fee é teologicamente indistinguível da posição dos muitos outros estudiosos evangélicos tradicionais, James Dunn em particular”.⁹ Stronstad afirma: “Embora Fee permaneça pentecostal em sua experiência, e até defenda a probabilidade de falar em línguas quando se recebe o Espírito Santo, sua hermenêutica deixa de ser pentecostal em qualquer sentido normativo, por ele ter posicionado o batismo no Espírito Santo ao lado da conversão, em vez de colocá-la junto à vocação”.¹⁰

⁶ STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal: Espírito, Escritura e Teologia*. Natal, RN: Carisma, 2020, pp. 31, 32.

⁷ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 145.

⁸ STRONSTAD, Roger. Op. cit., p. 34.

⁹ MENZIES, William & Robert. Op. cit. p. 157.

¹⁰ STRONSTAD, Roger. Op. cit. p. 40.

Antes mesmo de Fee, John Stott ensinava uma doutrina semelhante em sua obra *Batismo e plenitude do Espírito Santo*, publicada originalmente em 1966: “A revelação do propósito de Deus na Bíblia deve ser buscada preferencialmente nas suas passagens *didáticas*, e não nas *descritivas*. Para ser mais preciso, devemos procurá-la nos ensinamentos de Jesus e nos sermões e escritos dos apóstolos, e não nas seções puramente narrativas de Atos” (grifo do autor).¹¹ Stott nega ser o batismo no Espírito Santo uma experiência subsequente e defende a ideia de ser um termo alternativo para a salvação.

James Dunn, em seu livro *Baptism in the Holy Spirit* [Batismo no Espírito Santo], publicado em 1970, afirma que o batismo no Espírito Santo em Atos e em Paulo indica a iniciação cristã. Ele considera teologia bíblica verdadeira tomar cada autor bíblico separadamente, analisar suas experiências, contexto teológico e forma de pensamento; uma vez feito isso, o teólogo bíblico pode se sentir livre para interagir com textos de outros livros.¹² A ideia da teologia bíblica de Dunn é válida e serviu como um desafio para os pentecostais clássicos, pois é possível demonstrar de maneira acadêmica a doutrina da separabilidade com a glossolalia.

Apesar de ter se tornado no principal expoente dos evangélicos tradicionais, ou seja, não pentecostais, Dunn trouxe uma grande contribuição para o Movimento Pentecostal, como afirmam William e Robert Menzies, pois “ele demonstrou que os pentecostais não podiam mais continuar confiando nos métodos interpretativos do movimento Holiness do século XIX e esperar serem ouvidos no mundo eclesiástico contemporâneo”.¹³ O assunto foi investigado com profundidade por muitos, entre eles, William e Robert Menzies, que apontam as principais falhas e fraquezas da exegese de Dunn em Atos 2.38, 39; 8.6-21; 10.44-47; 11.15, 16; 19.1-7.¹⁴

¹¹ STOTT, John. *Batismo e plenitude do Espírito Santo: o mover sobrenatural de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 17.

¹² DUNN, James D. G. *Baptism in the Holy Spirit*. Philadelphia, PN: The Westminster Press, 1970, p. 39.

¹³ MENZIES, William & Robert. Op. cit., p. 93.

¹⁴ Ibidem, pp. 93-118.

A tese de Fee e de Stott de não reconhecimento da hermenêutica narrativa já foi derrubada por vários estudiosos pentecostais com o uso das mesmas ferramentas da erudição bíblica usadas por esses críticos. O primeiro a responder a Stott e a Fee com relação à hermenêutica narrativa foi I. Howard Marshall, na obra *Fundamentos da narrativa teológica de São Lucas*, publicada em 1970, que teve boa repercussão no meio acadêmico: “Essas conclusões produziram uma revolução importante na hermenêutica tradicional. A posição mais antiga, que ocasionava o orgulho teológico de determinar porções didáticas da escritura, foi em grande parte, se não universalmente, rejeitada”.¹⁵ Um exemplo mencionado por William e Robert Menzies está na obra *Introdução à interpretação bíblica*, de William W. Klein, Craig L. Blomberg e Robert L. Hubbard Junior:

Já afirmamos que a narrativa quase sempre ensina mais diretamente do que a literatura didática sem se tornar menos normativa. Por isso, rejeitamos a máxima de Fee e Stuart de que “a menos que as Escrituras explicitamente nos digam que devemos fazer algo, o que é meramente narrado ou descrito nunca pode funcionar como norma”. (O grifo é nosso).¹⁶

Na edição mais recente aparece uma mudança em relação à ideia de Fee & Stuart, uma vez que o texto da edição em português é de 2004. A nova edição declara no mesmo parágrafo:

Já afirmamos que a narrativa frequentemente ensina de forma mais indireta do que a literatura didática sem sacrificar o seu caráter normativo. Fee e Stuart acrescentaram corretamente a sua frase mais antiga que “a menos que possa se demonstrar com outras bases que o autor queria que fosse assim”. O grifo é nosso).¹⁷

¹⁵ Ibidem, p. 57.

¹⁶ KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JUNIOR, Robert L. *Introdução à interpretação bíblica: conciso, teológico, prático*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017, p. 670.

¹⁷ Apud MENZIES, William & Robert. Op. cit. p. 57. KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD, Robert L. *Introduction to biblical interpretation*. Dallas, TX: Zondervan, 1993, pp. 349, 350.

Grant Osborne, em sua obra *The Hermeneutical Spiral*, edição de 1991, da InterVarsity Press, expressa o mesmo pensamento sobre a hermenêutica:

Além disso, eu também me oponho à tendência atual de negar a dimensão teológica com base em que a narrativa é indireta, não direta. Isso ignora as consequências da crítica da redação, que demonstrou que a narrativa bíblica é de fato teológica no seu cerne e procura guiar o leitor a reviver a verdade encapsulada na história. A narrativa não é tão direta quanto o material didático, mas tem um ponto teológico e pretende que o leitor interaja com essa mensagem. Minha tese é que a narrativa bíblica é em algumas formas até melhor do que o ensino aplicado a situações semelhantes na vida dos indivíduos.¹⁸

Essa citação desaparece na segunda edição, publicada 15 anos depois, em 2006. A segunda edição foi revisada e ampliada e alguns capítulos foram acrescentados e também reescritos. Essa estava no final do capítulo 6 intitulado "Narrativa", que na nova edição é o capítulo 7, que em grande parte foi reescrito. A edição em português veio da segunda edição.

Em resposta à crítica de Roger Stronstad, John Stott diz no prefácio do livro *A mensagem de Atos*: "Alguns não entenderam corretamente aquilo que escrevi sobre isso em *Batismo e plenitude do Espírito Santo*, então tentarei ser mais claro. Enfatizo veementemente que não estou dizendo que as narrativas bíblicas nada têm a nos ensinar, pois é claro que 'toda Escritura é inspirada por Deus e útil'".¹⁹ Numa nota no fim do prefácio, Stott parece explicar o que afirma no livro com as seguintes palavras: "Não nego que as narrativas históricas possuem um propósito didático, pois é claro que Lucas era historiador e teólogo; o que estou

¹⁸ OSBORNE, Grant R. *The Hermeneutical Spiral: A Comprehensive Introduction to Biblical Interpretation*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, de 1991, p. 172.

¹⁹ STOTT, John R. W. *A mensagem de Atos*. São Paulo: Editora ABU, 1994, p. 12.

simplesmente afirmando é que o propósito didático de uma narrativa nem sempre é óbvio, precisando muitas vezes ser complementado por outras passagens das Escrituras”. Mas Stronstad não viu isso como explicação, senão como mudança em sua declaração;²⁰ no entanto, o livro de Stott continua circulando sem seus esclarecimentos.

Stronstad conclui dizendo que a hermenêutica que reduz a “revelação do propósito de Deus nas Escrituras... em suas passagens didáticas, e não em suas partes históricas”, de John Stott; ou a que afirma que “o que está simplesmente narrado ou descrito nunca pode funcionar como doutrina”, de Gordon Fee, “é vista como uma espécie de argumentação especial e precisa ser rejeitada por ser um princípio arbitrário.”²¹

Muitos se dispuseram a investigar o assunto, como Roger Stronstad, William W. Menzies e seu filho, Robert P. Menzies, Gary McGee, Donald Johns, I. Howard Marshall e Cecil M. Robeck Jr. A obra *No poder do Espírito*, de William e Robert Menzies, analisa cada aspecto da exegese de Fee, Dunn e Turner e responde a cada ponto questionado por esses autores. Todos esses pentecostais responderam a contento aos críticos seguindo a metodologia da hermenêutica contemporânea. O resultado foi o seguinte: ser batizado no Espírito Santo é uma experiência espiritual distinta e separada da conversão em que o crente entra em uma nova fase de relação com o Espírito e cuja evidência física inicial é a glossolalia. O que mudou foi o método hermenêutico, mas a doutrina tem fundamentos bíblicos ainda mais robustos. Não se trata mais de uma técnica usada nas primeiras décadas do pentecostalismo clássico.

No que diz respeito à tese de analisar o autor bíblico em separado e depois interagir com outro, segundo William e Robert Menzies, nem o próprio Dunn seguiu. Mas Stronstad e Robert Menzies responderam a contento a todos esses argumentos. Uma exegese aprofundada entre a narrativa de Lucas no evangelho e em Atos e a visão paulina sobre o tema faz a diferença. Para os pentecostais clássicos, a teologia

²⁰ STRONSTAD, Roger. Op. cit., p. 158 (nota de rodapé).

²¹ Ibidem, p. 169.

lucana difere do pensamento paulino. Roger Stronstad argumenta: "Enquanto Lucas *narra* o papel do Espírito Santo na história da Igreja primitiva, Paulo *ensina* os leitores sobre a pessoa e o ministério do Espírito".²² O autor chama a atenção para o fato de Lucas não ser simplesmente um historiador da igreja, mas antes de tudo um teólogo que interpreta suas narrativas. Menzies vai nessa mesma linha de pensamento: "Paulo trata das preocupações pastorais na igreja; Lucas escreve um manifesto missionário... Esse reconhecimento de que a teologia de Lucas relativa ao Espírito é *diferente* da de Paulo é crucial para o entendimento pentecostal do batismo no Espírito Santo".²³ Lucas e Paulo apresentam pneumatologia diferentes, mas não contraditórias, elas se complementam, segundo Menzies e Stronstad.

Muitos consideraram essas posições dos críticos desafios saudáveis para um aprofundamento na hermenêutica contemporânea com o uso das ferramentas da erudição bíblica. O que aconteceu com a teologia pentecostal? O método pragmático ou tradicional dos primeiros pentecostais clássicos era uma abordagem vulnerável proveniente do Movimento de Santidade bem como do Movimento de Vida Superior do século 19. O desafio estava lançado.

A crítica feita por James Dunn e Max Turner já foi respondida a contento por I. Howard Marshall, em *Fundamentos da narrativa teológica de São Lucas*, por Roger Stronstad em diversos artigos, principalmente nos livros *A teologia carismática de Lucas* e *Hermenêutica pentecostal* (lembrando que Marshall foi orientador de Stronstad no seu doutorado na University of Aberdeen, Escócia) e por William & Robert Menzies no livro *No poder do Espírito Santo*.²⁴

²² STRONSTAD, Roger. *A teologia carismática de Lucas - trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 15.

²³ MENZIES, Robert P. Op. cit., 2016, p. 42.

²⁴ MARSHALL, I. Howard. *Fundamentos da narrativa teológica de São Lucas*. Natal, RN: Carisma, 2019; STRONSTAD, Roger. *Fundamentos da narrativa teológica de São Lucas: Trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos*. Rio de Janeiro, CPAD, 2018; *Hermenêutica Pentecostal: Espírito Escritura e teologia*. Natal, RN: Carisma, 2020; MENZIES, William & Robert. *No poder do Espírito Santo - Fundamentos da Experiência pentecostal: Um chamado ao diálogo*. Natal, RN: Carisma, 2020.

O pensamento dos pioneiros pentecostais clássicos continua o mesmo: o batismo no Espírito Santo como experiência subsequente à conversão e a evidência física inicial como o falar em línguas. A diferença está na forma de apresentar esta doutrina. A hermenêutica pragmática não é apologética. A interpretação pentecostal assumiu a forma acadêmica que resiste à exegese dos tradicionais. Isso prova a falácia de que as experiências pessoais são o fundamento da doutrina pentecostal.

COMO RECEBER O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

Não existe no Novo Testamento um padrão rígido que devemos praticar para que o Senhor Jesus batize no Espírito Santo. Deus é soberano e age como quer (1Co 12.11). Todos os registros bíblicos dos que foram batizados mostram que as coisas aconteceram “de repente” como em Pentecostes (At 2.2). O Espírito veio sobre as pessoas que receberam o batismo posteriormente e de forma inesperada (At 8.24-27; 10.44-47; 19.1-7). Esse fenômeno acontece ainda hoje, e todos nós somos testemunhas disso, mas o que ocorre com frequência em nossas igrejas é a busca do batismo depois da conversão. O irmão e a irmã que já se arrependeram de seus pecados e exercem fé em Jesus precisam buscar o batismo com perseverança e esperar que a promessa se cumpra. Isso pode acontecer dentro de alguns dias, semanas, meses ou anos, ou pode nunca acontecer. Eu recebi o batismo um ano depois que aceitei a Jesus. Participava de todas as vigílias e também, sempre que possível, orava com as irmãs no Círculo de Oração. Mas também conheci muitos que receberam o batismo antes disso e outros muito anos depois. A minha filha foi batizada na infância, num derramamento do Espírito numa reunião de oração das crianças, na qual todas elas foram batizadas, e o meu filho recebeu o batismo do Espírito na adolescência.

Esse batismo não é sinônimo de santidade acima dos que não são batizados. Lembro-me de que, ainda na minha juventude, um jovem de nosso grupo recebeu o batismo no Espírito Santo numa vigília, já na madrugada. Eu não recebi o batismo naquela ocasião. O que foi batizado começou a dizer no dia seguinte: "Olhe aí, você diz que eu não sou crente e não tenho bom testemunho, agora fui batizado. E você?". Parecia até uma competição. Mas uma irmã experiente, dirigente do Círculo de Oração, o chamou para conversar: "O batismo no Espírito Santo, às vezes, é para ajudar e fortalecer o crente fraco. Não pense ser melhor do que os outros; é a misericórdia de Deus". Éramos todos jovens inexperientes, mais cheios de alegria e envolvidos na oração e no evangelismo.

Não muito tempo depois, eu também fui batizado no Espírito Santo. Era tarde de um domingo, no Congresso de Jovens em julho de 1978. O então presbítero Ezequiel Montanha, que acompanhava seu pai, o pastor Arthur Montanha, que pastoreava a igreja de Itajaí, em Santa Catarina, tinha sido convidado para pregar em nosso congresso. E, na tarde de domingo, o irmão Ezequiel trouxe a Palavra sobre os espias enviados para espionarem a Terra Prometida e voltaram com um relatório negativo, temendo os gigantes. O presbítero concluiu sua mensagem chamando à frente todo aquele disposto a enfrentar os gigantes e a receber o batismo no Espírito Santo. Eu fui um deles, e acabei tomado pelo poder de Deus, falando em línguas juntamente com os outros jovens.

Não existem regras nem métodos para o recebimento do batismo. A orientação é crer, buscar com fé sem nunca desistir e obedecer à Palavra. William J. Seymour diz que, antes de conhecer Charles F. Parham, orou cinco horas diárias durante dois anos e meio. Depois disso, o Espírito Santo exortou: "Ore mais". Ele aumentou a carga para sete horas diárias, por mais um ano e meio.²⁵ Seymour recebeu

²⁵ HYATT, Eddie. 2000 anos de cristianismo carismático – um olhar do século 21 na história da Igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal. Natal, RN: Carisma, 2019, p. 181.

o batismo em 12 de abril de 1906, às 4 horas da madrugada, depois de ter orado a noite toda. Ele pode ser considerado um caso à parte, pois estava sendo preparado para a grande obra da Rua Azusa.²⁶ Minha mãe esperou 28 anos para receber esse batismo, e meu pai serviu a Deus mais de 25 anos e morreu glorificando o nome de Jesus, mas em tese não teria recebido o batismo.²⁷ Eu recebi um ano depois, apesar de ser nascido e criado no evangelho, nas Assembleias de Deus, mas deixei a igreja durante a adolescência e só retornei aos 22 anos de idade, em 1977, em Jundiaí, SP, onde, pela graça de Deus, pastoreio hoje o rebanho do Senhor.

Acontece também de o crente ser batizado sem saber o que acontecendo ou sem ter pedido por esse batismo. O que aconteceu com minha filha e com minha esposa? Minha filha, Daniele, recebeu o batismo no Espírito Santo aos 11 anos de idade. No culto de oração de segunda-feira, a irmã Vera Salles, líder das crianças na época, levava as crianças para orar numa sala à parte, e dessa vez houve um derramamento do Espírito Santo; o poder de Deus veio sobre aquelas crianças de modo que elas falaram em línguas, foram batizadas, e Daniele era uma delas.

Quando eu me preparava para casar-me, estava enfrentando algumas dificuldades sem nenhuma perspectiva de emprego à vista. Cheguei a pensar que o casamento não era da vontade de Deus e por essa razão as coisas não estavam dando certo. Foi então que fiz um propósito secreto com Deus; era o “teste de Gideão”, pois no sábado daquela semana, logo após a celebração da Ceia do Senhor, estava marcada uma vigília. O sinal de confirmação que pedi a Deus era o batismo no Espírito Santo da Rute. E a situação não era nada favorável, pois minha futura esposa já havia dito que não iria à vigília porque

²⁶ História do avivamento pentecostal de Azusa Street – Centenário – Los Angeles, EUA, 1906-2006. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 29.

²⁷ Eu já estava em Jundiaí, SP, quando meu pai faleceu e naquela ocasião eu estava afastado da igreja. Minha mãe me contou que ele ainda não havia sido batizado no Espírito Santo. Mas é impossível saber exatamente se ele de fato não recebeu o batismo antes de falecer.

trabalhava durante o dia e pela madrugada podia dormir. Outra questão desfavorável era que ela havia dito que não buscava o batismo no Espírito Santo, pois temia falar em línguas e ser interpretada como "línguas da carne". Então, ela não buscava o batismo e não estava disposta a ir à vigília. Mas, quando cheguei ao local da vigília por volta das 11 horas da noite, Rute foi a primeira pessoa que vi, apesar de ter dito que não iria, e por isso fiquei mais animado.

Na primeira vigília, Jesus batizou de treze a catorze pessoas; na segunda, de sete a oito pessoas; e na última umas três ou quatro. Não me lembro dos números exatos, mas tenho certeza de que não foi muito além disso. Mas Rute não foi batizada em nenhuma dessas três vigílias da noite. No intervalo entre essas vigílias, não me lembro bem se entre a primeira e a segunda, ou se entre a segunda e a terceira, em conversa com o pastor Ismar Vieira Malta, que dirigia os trabalhos, dei meu testemunho de como fui batizado no Espírito Santo no último congresso de jovens.

No final da vigília, já havia amanhecido o dia, e Rute não havia sido batizada. Eu estava decidido a desistir do noivado e pensava em como falar com os pais da noiva após o culto à noite para explicar o motivo dessa decisão. Todos estavam em pé para o término da reunião, para a oração final, quando o pastor falou o seguinte: "Eu não sei explicar irmãos, mas estou sentindo de chamar à frente todo aquele que não foi batizado nessa vigília, pois Esequias me disse que o irmão Ezequiel Montanha chamou à frente quem não era batizado no Espírito Santo, ele foi e recebeu o batismo. Estou sentindo de fazer o mesmo. Sabe quem foi para frente? A irmã Rute foi sozinha à frente. Sabe o que aconteceu? Ela recebeu o batismo no Espírito Santo e falou em línguas. Foi dessa forma que Deus confirmou o nosso casamento, e somos uma família abençoada e feliz até hoje.

Já Filipe, meu filho, recebeu o batismo na adolescência, num congresso de jovens; no encerramento do evento, sob a condução do pregador, pastor João Barbosa, o nosso João Barbosa do programa

O Movimento Pentecostal, que na época pastoreava a igreja de Fernandópolis, no interior de São Paulo, Deus derramou o seu Espírito Santo e muitos jovens, moços e moças, falaram em línguas e profetizaram, pois, foram batizados no Espírito Santo.

As múltiplas funções do batismo no Espírito Santo envolvem tanto a capacitação para testemunhar de Jesus, para o serviço no reino de Deus, como também para edificação e encorajamento na vida cristã. É uma promessa de Deus para todos os crentes em Jesus.

Os testemunhos do nosso tempo são idênticos aos dos tempos dos apóstolos. O Senhor Jesus concede o Espírito para a capacitação tanto a uma pessoa individual, como aconteceu com Saulo de Tarso, quanto de maneira coletiva, como no dia de Pentecostes e em Samaria. Faz isso num momento de oração com imposição de mãos, como aconteceu com os discípulos de Éfeso, ou sem nenhuma atuação humana. A pessoa pode receber esse dom do Espírito posteriormente à conversão, mas isso pode se dar simultaneamente, e é muito comum acontecer durante o batismo em águas ou até mesmo antes disso.

ANEXOS

Anexo A

**DECLARAÇÃO DE VERDADES FUNDAMENTAIS
(1ª. DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS AMERICANAS)**

Anexo B

LIÇÕES BÍBLICAS (2º. SEMESTRE, JULHO A DEZEMBRO DE 1943)

Anexo C

**MENSAGEIRO DA PAZ
(TESTEMUNHO DO PASTOR CARLOS PADILHA DE SIQUEIRA)**

Anexo D

**PONTOS DE DOCTRINA E DA FÉ QUE UMA VEZ FOI DADA AOS SANTOS
(CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL)**

Anexo E

INÍCIO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NOS ESTADOS BRASILEIROS

Anexo F

**CREMOS (SÍNTESE DA DECLARAÇÃO DE FÉ DAS ASSEMBLEIAS
DE DEUS NO BRASIL)**

Anexo G

IGREJAS PENTECOSTAIS NO BRASIL (DADOS ESTATÍSTICOS DO IBGE)

Anexo H

CREDOS DAS DOCTRINA BÁSICA (O BRASIL PARA CRISTO)

Anexo I

REGRA DE FÉ (IGREJA DEUS É AMOR)

a n e x o A

DECLARAÇÃO DE VERDADES FUNDAMENTAIS

1ª. Declaração de fé das Assembleias de Deus americanas

(Traduzido do inglês por Filipe Soares)

A Bíblia é nossa regra total e suficiente para a fé e prática. Consequentemente, esta declaração de Verdades Fundamentais tem a intenção de ser uma base de comunhão entre nós (ou seja, que todos falemos a mesma coisa, 1Co 1.10; At 2.42). A fraseologia humana empregada em tal declaração não é inspirada nem contestada, mas a verdade apresentada é considerada essencial para um ministério do Evangelho completo. Nenhuma reivindicação é feita de que contém toda a verdade na Bíblia, apenas que cobre nossas necessidades presentes em relação a esses assuntos fundamentais.

1. As Escrituras inspiradas

A Bíblia é a inspirada Palavra de Deus, uma revelação de Deus ao homem, a infalível regra de fé e conduta, e é superior a consciência e a razão, mas não contrária à razão (2Tm 3.15-16, 1Pe 2.2).

2. *O único Deus verdadeiro*

O único Deus verdadeiro revelou a Si mesmo como o eterno auto existente, autorrevelado EU SOU; e revelou-se ainda incorporando os princípios de relacionamento e associação, ou seja, como Pai, Filho e Espírito Santo (Dt 6.4; Mc 12.29; Is 43.10-11, Mt 28.19).

Para uma declaração mais completa sobre a Divindade, consulte as Atas do Conselho Geral.

3. *Homem, sua queda e redenção*

O homem foi criado bom e reto, pois Deus disse: 'Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança'. Mas o homem, por transgressão voluntária, caiu, e sua única esperança de redenção está em Jesus Cristo, o Filho de Deus (Gn 1.26-31; 3.1-7; Rm 5.12-21).

4. *A salvação do homem*

(a) Condições para salvação

A graça de Deus, que traz a salvação, apareceu a todos os homens por meio da pregação do arrependimento para com Deus e da fé no Senhor Jesus Cristo; o homem é salvo pela lavagem da regeneração e renovação do Espírito Santo e, sendo justificado pela graça através da fé, ele se torna um herdeiro de Deus de acordo com a esperança da vida eterna (Tt 2.11; Rm 10.13-15; Lc 24.47; Tt 3.5-7)

(b) As evidências da salvação

A evidência interior para o crente de sua salvação é o testemunho direto do Espírito (Rm 8.16). A evidência externa para todos os homens é uma vida de retidão e verdadeira santidade.

5. *Batismo nas águas*

A ordenança do Batismo por sepultamento com Cristo deve ser observada conforme ordenado nas Escrituras, por todos os que realmente se arrependeram e em seus corações verdadeiramente creram em Cristo como Salvador e Senhor. Ao fazer isso, eles têm o corpo lavado em água pura como um símbolo externo de limpeza, enquanto seu coração já foi aspergido com o sangue de Cristo como uma limpeza interna. Assim, eles declaram ao mundo que morreram com Jesus e que também foram ressuscitados com Ele para andar em novidade de vida (Mt 28.19; At 10.47-48; Rm 6.4; At 20.21; Hb 10.22).

6. *A Ceia do Senhor*

A Ceia do Senhor, que consiste nos elementos, pão e fruto da videira, é o símbolo que expressa nossa participação na natureza divina de nosso Senhor Jesus Cristo (2Pe 1.4); um memorial de Seu sofrimento e morte (1Co 11.26) e uma profecia de Sua segunda vinda (1Co 11.26); e é prescrita a todos os crentes, 'até que Ele venha'.

7. *A Promessa do Pai*

Todos os crentes têm o direito e devem esperar ardentemente e buscar fervorosamente a promessa do Pai, o Batismo no Espírito Santo e fogo, de acordo com a ordem de nosso Senhor Jesus Cristo. Essa foi a experiência normal de todos na Igreja Cristã primitiva. Com ele vem o revestimento de poder para a vida e o serviço, a concessão dos dons e seus usos na obra do ministério (Lc 24.49; At 1.4,8; 1Co 12.1-31). Essa experiência maravilhosa é distinta e subsequente à experiência do novo nascimento (At 10.44-6; 11.14-16; 15.7-9).

8. *A evidência do Batismo no Espírito Santo*

O batismo dos crentes no Espírito Santo é testemunhado pelo sinal físico inicial de falar em outras línguas conforme o Espírito de Deus lhes dá expressão (At 2.4). O falar em línguas, nesse caso, é a mesma em essência que o dom de línguas (1Co 12.4-10, 28), mas diferente em propósito e uso.

9. *Santificação completa*

As Escrituras ensinam uma vida de santidade sem a qual nenhum homem verá o Senhor. Pelo poder do Espírito Santo, podemos obedecer à ordem: 'Sede santos, porque eu sou santo'. A santificação completa é a vontade de Deus para todos os crentes, e deve ser buscada fervorosamente andando em obediência à Palavra de Deus (Hb. 12.14; 1Pe 1.15-16; 1Ts. 5.23-4; 1Jo 2.6).

10. *A Igreja*

A Igreja é o corpo de Cristo, a habitação de Deus por meio do Espírito, com designações divinas para o cumprimento de sua grande comissão. Cada crente, nascido do Espírito, é parte integrante da Assembleia Geral e da Igreja do Primogênito, que está escrita no céu (Ef 1.22-3; 2.22; Hb 12.23).

11. *O ministério e evangelismo*

Um ministério divinamente chamado e biblicamente ordenado foi fornecido por nosso Senhor para um propósito duplo: (1) a evangelização do mundo, e (2) a edificação do Corpo de Cristo (Mc 16.15-20; Ef 4.11-13).

12. *Cura divina*

A libertação da doença é fornecida pela expiação e é o privilégio de todos os crentes (Is 53.4-5; Mt 8.16-17).

13. *A bendita Esperança*

A ressurreição daqueles que dormiram em Cristo e sua translação junto com aqueles que estão vivos e permanecem até a vinda do Senhor é a esperança iminente e bendita da Igreja (1Ts. 4.16-17; Rm 8.23; Tt 2.13; 1Co 15.51-52).

14. *O Reinado milenar de Jesus*

A revelação do Senhor Jesus Cristo do céu, a salvação da nação de Israel e o reinado milenar de Cristo na terra é a promessa das Escrituras e a esperança do mundo (2Ts 1.7; Ap 19.11-14; Rm 11.26-27; Ap 20.1-7).

15. *O lago de fogo*

O diabo e seus anjos, a besta e o falso profeta, e todo aquele que não for achado escrito no Livro da Vida serão condenados ao castigo eterno no lago que arde com fogo e enxofre, que é a segunda morte (Ap 19.20; 20.10-15).

16. *Os novos Céus e a nova Terra*

Nós, 'conforme a Sua promessa, aguardamos novos céus e uma nova terra em que habita a justiça' (2Pe 3.13; Ap 21.22).

anexo B

LIÇÕES BÍBLICAS

2º. semestre, julho a dezembro de 1943

LIÇÕES BÍBLICAS

PARA AS ESCOLAS
DOMINICAIS

II SEMESTRE
Julho a Dezembro de 1943

COMENTADAS POR
CACILDA BRITO e NAIR SOARES

PEDIDOS À
CASA PUBLICADORA DA
ASSEMBLEIA DE DEUS
DIRETOR RESPONSÁVEL: Francisco L. Coelho
REDATORES: Nair Barata Soares,
Cacilda de Brito e Samuel Nyström
Redação: CAMPO DE SÃO CRISTÓVÃO, 338
Telefone 28-4081 Caixa Postal, 3274
RIO DE JANEIRO

★

PARA AS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL

MENSAGEIRO DE PAZ

Testemunho do pastor Carlos Padilha de Siqueira

14

MENSAGEIRO DA PAZ

JANEIRO 2004

Testemunhos

“Escudo invisível” elimina poder de tiro em pastor Padilha

Nas 24 de novembro, um milagre em cidade de Presidente Prudente (SP) chamou a atenção da imprensa nacional e serviu para despertar os crentes e converter dezenas de pessoas a Cristo.

Naquele sábado, dois homens bateram à porta da casa do pastor Carlos Padilha de Siqueira, líder da AD na cidade e 1º vice-presidente da Convenção Estadual e Interestadual das Assembleias de Deus no Ministério do Balaio (Confradesp). Chovia no momento e o pastor pensou que se tratavam de seus filhos. Ele resolveu abrir a porta sem atender o interfone. “Ao abrir, eles me deram a paz do Senhor, disseram-me que eram crentes e estavam à procura de casa para comprar. Pediram água, fui buscar e os servi. Eles pediram-me mais e, quando estava voltando para atendê-los, colocaram a arma na minha cabeça e entraram em casa comigo anunciando o evangelho”, conta pastor Padilha.

A esposa do pastor, Benedita Ricardo de Siqueira, estava no quarto

quando soube a confusão. Ela veio saber do que se tratava e acabou em seu filho refém. “Fomos levados ao banheiro e nos obrigaram a sentar no chão. A ordem era para não gritarmos. Eles pegaram o meu relógio e o celular. Faltou para o meu quarto e viram dois molhos de chaves e nesse momento perceberam também o cofre. Voltamos ao banheiro e me arrastaram sob ameaças de morte para que abrisse o cofre. Eu lhes disse que não eram aqueles os chaves”, relata o líder.

Pastor Carlos Padilha não tinha chance de escapar com vida, pois a chave do cofre não estava no molho e

Segundo pastor Padilha, enquanto ele falava, os bandidos a irmã Benedita dizia o mesmo: “Senhor, o revestimento de Deus e chutava. Como os milagres perceberam que não conseguiam nada, atiraram na minha testa”, foi quando o milagre aconteceu. Após o tiro certeiro, pastor Padilha continuava em pé. “O sangue começou a escorrer pela minha face e eu continuei a clamar. Os lábios saíram correndo muito amarelados. “Não poderia ser, ele devia estar morto”. Levaram a arma, o celular e o relógio. Na sala estava minha carteira com documentos, dinheiro,



Pastor Carlos Padilha de Siqueira, líder da AD na cidade de Presidente Prudente, após o milagre.

Cacildo Staggermeier Galdino, só um milagre explica o fato. “Não seria possível a bala de calibre 38 pagar na testa, não, porque o corpo e os olhos na loja. O projétil acertou dois amassados. Um deles, que consideramos o primeiro, indica que a bala bateu em algo duro, deixando-a achatada, como se tivesse parado em uma chapa de aço pela lateral, e o segundo impacto sofrido foi o da loja, já que é menor e não há vestígios da cor branca do gesso e de cimento da laje”, explica o delegado.

Para agradecer a Deus pelo livramento concedido, foi realizado um culto em ação de graças na AD em Presidente Prudente, com a presença do delegado Galdino, que confirmou o milagre. Cerca de 2 mil pessoas participaram da reunião. Ao final, 17 pessoas se reconciliaram com o Senhor e duas jovens aceitaram Cristo. O fato foi divulgado na imprensa local. Pastor Padilha tem recebido telefonemas de pessoas de outros países perguntando sobre o ocorrido. “Deus seja glorificado”, conclui o líder.



Projétil Galdino, ao lado do pastor Padilha, demonstrando sobre o milagre no rosto em ação de graças, na AD em Presidente Prudente.

talões de cheques, além da pasta, mas eles não pegaram mais nada e não poderam tirar a minha vida”, testemunha pastor Padilha.

Em seguida, pastor Padilha foi levado imediatamente em um helicóptero para o pronto-socorro, onde recebeu apenas uma pontos. A bala milagrosamente não pôde penetrar na fronte. Ele bateu na sua testa e não sentiu nada, não ficou ferido. “Não senti dor de cabeça e nem alteração no ponto. Para a glória de Deus, pude continuar um milagre na minha vida”, agradece.

No relatório técnico do delegado,



Pastor Carlos Padilha segura o projétil que atingiu a testa, em ação de graças, na AD em Presidente Prudente.

anexo D

PONTOS DE DOCTRINA E DA FÉ QUE UMA VEZ FOI DADA AOS SANTOS

Congregação Cristã no Brasil

1. Nós cremos na inteira Bíblia Sagrada e aceitamo-La como contendo a infalível Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo. A Palavra de Deus é a única e perfeita guia da nossa fé e conduta, e a Ela nada se pode acrescentar ou d'Ela diminuir. É, também, o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê. (II Pedro, 1:21; II Timóteo, 3:16-17; Romanos, 1:16)

2. Nós cremos que há um só Deus vivente e verdadeiro, eterno e de infinito poder, Criador de todas as coisas, em cuja unidade estão o Pai, o Filho e o Espírito Santo. (Efésios, 4:6; Mateus, 28:19; I João, 5:7)

3. Nós cremos que Jesus Cristo, o Filho de Deus, é a Palavra feita carne, havendo assumido uma natureza humana no ventre de Maria virgem, possuindo Ele, por conseguinte, duas naturezas, a divina e a humana; por isso é chamado verdadeiro Deus e verdadeiro homem e é o único Salvador, pois sofreu a morte pela culpa de todos os homens. (Lucas, 1:27,35; João, 1:14; I Pedro, 3:18)

4. Nós cremos na existência pessoal do diabo e de seus anjos, maus espíritos que, junto a ele, serão punidos no fogo eterno. (Mateus, 25:41)

5. Nós cremos que o novo nascimento e a regeneração só se recebem pela fé em Jesus Cristo, que pelos nossos pecados foi entregue e ressuscitou para nossa justificação. Os que estão em Cristo Jesus são novas criaturas. Jesus Cristo, para nós, foi feito por Deus sabedoria, justiça, santificação e redenção. (Romanos, 3:24-25; I Coríntios, 1:30; II Coríntios, 5:17)

6. Nós cremos no batismo na água, com uma só imersão, em Nome de Jesus Cristo (Atos, 2:38) e em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. (Mateus, 28:18-19)

7. Nós cremos no batismo do Espírito Santo, com evidência de novas línguas, conforme o Espírito Santo concede que se fale. (Atos, 2:4; 10:45-47; 19:6)

8. Nós cremos na Santa Ceia. Jesus Cristo, na noite em que foi traído, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-o aos discípulos, dizendo: "Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim". Semelhantemente tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: "Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós". (Lucas, 22:19-20; I Coríntios, 11:24-25)

9. Nós cremos na necessidade de nos abster das coisas sacrificadas aos ídolos, do sangue, da carne sufocada e da fornicção, conforme mostrou o Espírito Santo na Assembleia de Jerusalém. (Atos, 15:28-29; 16:4; 21:25)

10. Nós cremos que Jesus Cristo tomou sobre Si as nossas enfermidades. “Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados”. (Mateus, 8:17; Tiago, 5:14-15)

11. Nós cremos que o mesmo Senhor (antes do milênio) descerá do céu com alarido, com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares e assim estaremos sempre com o Senhor. (I Tessalonicenses, 4:16-17; Apocalipse, 20:6)

12. Nós cremos que haverá a ressurreição corporal dos mortos, justos e injustos. Estes irão para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna. (Atos, 24:15; Mateus, 25:46).

anexo E

INÍCIO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NOS ESTADOS BRASILEIROS

1	PARÁ	1911	Daniel Berg e Gunnar Vingren
2	CEARÁ	1914	Maria Nazaré
3	ALAGOAS	1914	Gunnar Vingren e Otto Nelson
4	PARAÍBA	1914	Manoel Francisco Dubu
5	RORAIMA	1915	Cordulino Teixeira Bastos
6	PERNAMBUCO	1916	Adriano Nobre
7	AMAPÁ	1916	Clímaco Bueno Aza
8	AMAZONAS	1917	Severino Moreno de Araújo
9	RIO GRANDE DO NORTE	1918	Pregadores desconhecidos e Adriano Nobre
10	MARANHÃO	1921	Clímaco Bueno Aza
11	ESPÍRITO SANTO	1922	Galdino Sobrinho e esposa
12	RONDÔNIA	1922	Paul John Aenis
13	RIO DE JANEIRO	1923	Diversos crentes vindos do Pará
14	SÃO PAULO	1923	Diversos crentes vindos de Pernambuco
15	RIO GRANDE DO SUL	1924	Gustav Nordlund

16	BAHIA	1926	Joaquim de Souza Carvalho
17	PLAUI	1927	Raimundo Prudente de Oliveira
18	MINAS GERAIS	1927	Clímaco Bueno Aza
19	SERGIPE	1927	Sargento Armínio;
20	PARANÁ	1928	Bruno Skolimoswki
21	SANTA CATARINA	1931	André Bernardino da Silva
22	ACRE	1932	Manoel Pirabas
23	GOIÁS	1936	Crentes da Assembleia de Deus de Madureira (RJ) e Antonio Moreira
24	MATO GROSSO	1936	Eduardo Pablo Joerck
25	MATO GROSSO DO SUL	1944	Juvenal Roque de Andrade
26	DISTRITO FEDERAL	1956	Grupo de pastores do Ministério de Madureira em Goiás

a n e x o F

CREMOS

Síntese da Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil

1. Na inspiração divina verbal e plenária da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé e prática para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17);
2. Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas distintas que, embora distintas, são iguais em poder, glória e majestade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; Criador do Universo, de todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, e, de maneira especial, os seres humanos, por um ato sobrenatural e imediato, e não por um processo evolutivo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29; Gn 1.1; 2.7; Hb 11.3 e Ap 4.11);
3. No Senhor Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, plenamente Deus, plenamente Homem, na concepção e no seu nascimento virginal, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e em sua ascensão vitoriosa aos céus como Salvador do mundo (Jo 3.16-18; Rm 1.3,4; Is 7.14; Mt 1.23; Hb 10.12; Rm 8.34 e At 1.9);

4. No Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, consubstancial com o Pai e o Filho, Senhor e Vivificador; que convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo; que regenera o pecador; que falou por meio dos profetas e continua guiando o seu povo (2 Co 13.13; 2 Co 3.6,17; Rm 8.2; Jo 16.11; Tt 3.5; 2 Pe 1.21 e Jo 16.13);

5. Na pecaminosidade do homem, que o destituiu da glória de Deus e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo podem restaurá-lo a Deus (Rm 3.23; At 3.19);

6. Na necessidade absoluta do novo nascimento pela graça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus para tornar o homem aceito no Reino dos Céus (Jo 3.3-8; Ef 2.8,9);

7. No perdão dos pecados, na salvação plena e na justificação pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26; Hb 7.25; 5.9);

8. Na Igreja, que é o corpo de Cristo, coluna e firmeza da verdade, una, santa e universal assembleia dos fiéis remidos de todas as eras e todos os lugares, chamados do mundo pelo Espírito Santo para seguir a Cristo e adorar a Deus (1 Co 12.27; Jo 4.23; 1 Tm 3.15; Hb 12.23; Ap 22.17);

9. No batismo bíblico efetuado por imersão em águas, uma só vez, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12);

10. Na necessidade e na possibilidade de termos vida santa e irrepreensível por obra do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas de Jesus Cristo (Hb 9.14; 1 Pe 1.15);

11. No batismo no Espírito Santo, conforme as Escrituras, que nos é dado por Jesus Cristo, demonstrado pela evidência física do falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7);

12. Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme sua soberana vontade para o que for útil (1 Co 12.1-12);

13. Na segunda vinda de Cristo, em duas fases distintas: a primeira — invisível ao mundo, para arrebatá-la antes da Grande Tribulação; a segunda — visível e corporal, com a sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4.16, 17; 1 Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 1.14);

14. No comparecimento ante o Tribunal de Cristo de todos os cristãos arrebatados, para receberem a recompensa pelos seus feitos em favor da causa de Cristo na Terra (2 Co 5.10);

15. No Juízo Final, onde comparecerão todos os ímpios: desde a Criação até o fim do Milênio; os que morrerem durante o período milenial e os que, ao final desta época, estiverem vivos. E na eternidade de tristeza e tormento para os infiéis e vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis de todos os tempos (Mt 25.46; Is 65.20; Ap 20.11-15; 21.1-4).

16. Cremos, também, que o casamento foi instituído por Deus e ratificado por nosso Senhor Jesus Cristo como união entre um homem e uma mulher, nascidos macho e fêmea, respectivamente, em conformidade com o definido pelo sexo de criação geneticamente determinado (Gn 2.18; Jo 2.1,2; Gn 2.24; 1.27).

anexo G

DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS

DENOMINAÇÃO	TOTAL DE MEMBROS
Igreja Assembleia de Deus	12.314.410
Igreja Congregação Cristã do Brasil	2.289.634
Igreja Universal do Reino de Deus	1.873.243
Igreja do Evangelho Quadrangular	1.808.389
Igreja Deus é Amor	845.383
Igreja Maranata	356.021
Igreja O Brasil para Cristo	196.665
Comunidade Evangélica	180.130
Igreja Casa da Bênção	125.550
Igreja Nova Vida	90.568
Evangélica renovada (não determinada)	23.461
Outras	5.267.029

FONTE: IBGE - Censo Demográfico (2010)

anexo H

CREDO DAS DOCTRINAS BÁSICAS

.....

O Brasil para Cristo

DEUS – Cremos num ser sempiterno, detentor de todos os atributos da divindade, tais como: Sabedoria, Onisciência, Onipresença, Onipotência, Santidade, Verdade, Amor etc. Criador e Conservador de tudo que há, expressado por meio de três pessoas da mesma substância: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Dt 6:4; Mt 28:19).

A BÍBLIA – Confiamos ser a Bíblia a Palavra de Deus e, portanto Sagrada, confiada a homem para escreverem-na por intermédio da inspiração especial do Espírito Santo a qual expressa toda a verdade sobre Deus e os homens (II Tm 3:14-17).

JESUS CRISTO – Estamos certos que é a encarnação de Deus, foi gerado pelo Espírito Santo e concebido pela virgem Maria, possui a natureza humana, foi crucificado e sepultado, ressuscitou de forma corpórea e visível ao terceiro dia e foi ascendido aos céus quarenta dias após sua ressurreição (Lc 1:31,35; Fp 2:6,7; Lc 23:33,53; 24:6,15,51).

O HOMEM – Temos por verdade que todo homem é pecador por causa da herança de Adão e pelas suas próprias culpas e que não tem condições de justificar-se por seus próprios méritos diante de Deus, estando assim condenado ao sofrimento eterno (Rm 3:23; Ef 2:8, 9).

A SALVAÇÃO – Acreditamos que todo o homem pode ser salvo de seus pecados e justificado diante de Deus pelo favor Divino revelado na Graça, por intermédio da fé naquele que tomou sobre si a nossa condenação e a levou para o Calvário: Jesus Cristo (Rm 5:1).

O BATISMO NAS ÁGUAS – Recebemos o batismo nas águas como uma ordenança do Senhor Jesus àqueles que N'Ele creem e como uma forma de confissão pública da fé e arrependimento de pecados, sem que o mesmo possua poderes de salvação (Mc 16:16; Rm 10:9).

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO – Reputamo-lo como a capacidade sobrenatural que Deus dá ao homem a fim de que este possa realizar a obra de Deus na terra, sendo que uma das evidências é o falar em línguas (Atos 1:8; 2:39; 10:44-46).

A SANTIFICAÇÃO – Temos como uma obra contínua e gradativa do Espírito Santo sobre a vida do crente que lhe dá condições de viver desembaraçado do pecado e em comunhão com Deus (João 16:13).

A IGREJA – Reconhecemos a Igreja como corpo invisível de Cristo, a qual agrega todos os seus membros. cremos que este corpo vive em comunhão, unido pelo elo universal do amor, fundamentado na pedra angular que é Jesus Cristo, incentivando-se mutuamente ao prosseguimento da carreira da fé (1Pe 2:4-8; Rm 12:5).

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO – cremos na operação dos dons do Espírito Santo visando o aprimoramento e edificação da Igreja, os quais manifestam-se segundo a determinação do Senhor da Igreja: Jesus Cristo (1Co 12:4, 11).

OS DÍZIMOS – Confiamos ser o dízimo e as ofertas as formas de contribuição mais lógica e coerente com os ensinamentos do Novo Testamento para a manutenção do Ministério da Igreja e do Templo (Mt 3:10; Mt 23:23).

A 2ª VINDA DE CRISTO – Estamos certos que Cristo voltará de uma forma invisível ao mundo para arrebatá-la a sua igreja da terra por meio da ressurreição dos que dormem no Senhor e da transformação em corpos glorificados aos que estiverem vivos, respectivamente; depois de uma forma visível na Batalha do Armagedom, para guerrear contra Satanás e lançá-lo em cativeiro por mil anos, e depois, estabelecerá um reinado terrenal, pelo mesmo período de tempo, e os salvos com Ele reinarão (1Ts 4:13-18).

O TRIBUNAL DE CRISTO – Temos por verdade que depois do arrebatamento da Igreja os salvos receberão nos céus galardões em conformidade com o trabalho de cada um no Reino de Deus estabelecido na terra (2Co 5:10; 1 Co 3:8).

A CONDENAÇÃO DOS ÍMPIOS – Acreditamos que no final do período milenar todos os incrédulos, de todos os tempos, ressuscitarão para serem julgados e condenados por Deus segundo as suas más obras praticadas.

A ETERNIDADE – Reconhecemos a eternidade como o destino final para todos os homens, a qual será dividida em duas formas distintas. Uma de gozo, prazer e paz para todos os que forem salvos pelo Cordeiro de Deus, e outra de tormentos, dor e espanto para todos os incrédulos de todos os tempos (Ap 22:1-5; Mt 24:51).

a n e x o I

REGRA DE FÉ

Igreja Deus é Amor

A Igreja Pentecostal Deus é Amor, através de seu Saudoso Fundador Missionário David Martins de Miranda e demais membros do Conselho Deliberativo e Diretoria Executiva, vêm declarar que: Crê na Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus, como única Regra de Fé, e por conseguinte:

1. Crê num único Deus manifesto nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Assim, crê no Deus Pai, no Deus Filho (Jesus Cristo), e no Deus Espírito Santo; ou seja, crê na Trindade (I Jo.5-7).

2. Crê que Jesus, sendo Deus, não foi criado, mas junto com o Pai e o Espírito Santo são eternos e criadores de todas as coisas (Jo.1.1-3, Gn.1.26).

3. Crê que a salvação se dá, unicamente, através da fé no sacrifício de Jesus Cristo que derramou Seu sangue por nós e não pelas obras. Crê que os antigos também foram salvos pela fé, pois creram nas promessas de Deus. As obras são consequências da salvação pela fé, pois a fé sem as obras é morta (Ef.2.8-10; Tg.2.17,18).

4. Crê que há um único batismo, para pessoas adultas, completamente libertas, que aceitaram a Jesus como Salvador, por imersão em águas correntes, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (At.8.35-38; Mt.28.19,20; Rm.6.3,4, Mc.1.9,10).

5. Crê que a Ceia do Senhor deve ser celebrada para os membros que estão em comunhão com a igreja, fazendo memória da morte do Senhor Jesus. Crê que a Santa Ceia do Senhor não é um símbolo, mas que no momento da celebração, pela fé, após ação de graças, é o corpo e o sangue do Senhor Jesus (I Co.11.23-32; Jo.6.54; Mt.26.26-28).

6. Crê que o crente deve se santificar de corpo, alma e espírito, pois sem santificação ninguém verá a Deus (I Ts.5.23; Rm.6.22; Hb.12,14).

7. Crê que o batismo no Espírito Santo e com fogo e os dons do Espírito Santo se manifestam até hoje, que os crentes devem buscá-los e que, além de se santificar, os crentes devem se dedicar à oração e ao jejum. Crê que a manifestação dos dons do Espírito Santo não causa escândalo e nem tira a consciência de ninguém, pois Deus usa seus servos para edificação da Igreja, com ordem e decência (I Co.12.7-11; I Co.12.31; I Ts.5.17; At.1.14; At.2.1-12; At.13.2,3; I Co.14.26-33).

8. Crê que a Igreja do Senhor não passará pela Grande Tribulação, mas será arrebatada, antes disso, pelo Espírito Santo. Crê que os que ficarem após o arrebatamento não terão nova chance de salvação, pois a porta da graça se fecha para a Igreja com o arrebatamento (I Ts.4.13-17; I Co.15.51,52; Ap.3.10).

9. Crê que não existe maldição hereditária para aquele que aceitou a Jesus como Senhor e Salvador, pois o sangue de Jesus tem poder para fazer do pecador uma nova criatura e Deus não leva em conta o tempo da nossa ignorância (I Jo.1.7; At.17.30,31).

10. Crê que os anjos são mensageiros e ministros de Deus, ordenados pelo Senhor, para guardar e livrar os crentes fiéis e executar demais ordens recebidas diretamente de Deus. Crê que os anjos não têm poder para curar ou abençoar e também que os anjos não recebem ordens ou pedidos de homens, mas somente de Deus. Crê que o Anjo do Senhor, no Antigo Testamento, com poder para abençoar e decidir, é o próprio Senhor (Hb.1.14; Êx.3.2; Gn.22.11,12; Gn.22.15-18; Jz.13.17-22).

11. Crê que o sábado é o único, entre os Dez Mandamentos que Deus entregou a Moisés, que não foi confirmado no Novo Testamento, pelo contrário, foi abolido por Jesus. Os demais mandamentos foram confirmados e aperfeiçoados no Novo Testamento (Mt.12.5-8; Mc.2.23-28; Cl.2.16,17; Gl.4.9-11).

12. Crê que o casamento dura até a morte de um dos cônjuges e que o divórcio, seguido de um segundo casamento, estando o outro cônjuge ainda vivo, consiste em adultério e que os adúlteros não herdarão o Reino de Deus (Mc.10.6-12; Lc.16.18; I Co.7.10,11; I Co.7.39; I Co.6.10).

13. Crê que Deus concede riquezas e prosperidade a quem quer e quando quer, mas que isso não significa que todos os crentes serão ricos. Tanto no Antigo, quanto no Novo Testamento, existem profetas e servos de Deus pobres e nem por isso menos abençoados por Deus. Assim, a IPDA rejeita a Teologia da Prosperidade, que preconiza a riqueza e o sucesso sem medida para todos os crentes (Mt.6.19-33; I Tm.6.6-10).

14. Crê que há um único mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem (I Tm.2.5; Jo.14.13,14; Jo.16.23,24). Crê que tudo o que ocupa o lugar de Deus no coração do homem é idolatria e que o idólatra não herdará o Reino de Deus (Êx.20.3-6; Cl.3.5; I Co.10.14-21; I Co.6.10; Ap.21.8; Ap.22.15).

referências bibliográficas

- ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- _____. *Frida Vingren – uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- _____. *História do movimento pentecostal no Brasil – o caminho do pentecostalismo brasileiro até os dias de hoje*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- BOYD, Gregory A. *Oneness Pentecostals & the Trinity – A world-wide movement assed by a former Oneness Pentecostal*. Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House, 1997.
- BRANDT, R. L. *Falar em línguas, o maior dom?* Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- BRUMBACK, Carl. *“Que quer isto dizer?” – uma resposta pentecostal a uma pergunta pentecostal*. Tradução de Orlando Boyer e Joaquim Luiz dos Santos. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1960.
- BURGESS, Stanley M. (ed.) and DER MASS, Eduard M. (assoc. ed.). *International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003.
- CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da evangelização do Brasil – dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.
- CESAREIA, Eusébio de. *História eclesiástica – os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- COSTA, Jefferson Magno. *Enviado por Deus – memórias de Daniel Berg, fundador das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- COX, Raymond L. *O Evangelho Quadrangular – a visão de Aimée Semple McPherson*. São Paulo: Quadrangular, 2006.
- DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo*. Natal, RN: Carisma, 2018.
- DUNN, James D. G. *Baptism in the Holy Spirit*. Philadelphia, PN: The Westminster Press, 1970.
- EWART, Frank J. *The Phenomenon of Pentecost*. Hazelwood, MO: Word Aflame Press, 2001.

- FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- FRESTON, Paul. "Breve história do pentecostalismo brasileiro" In: FRESTON, Paul; ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios – interpretações sociológicas do pentecostalismo*, 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia na Brasil*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.
- GORDON, A. J. *The Ministry of the Spirit*. New York: Fleming H. Revell, 1984.
- Hinos de Louvores e Súplicas a Deus*.
- História do avivamento pentecostal de Azusa Street – Centenário – Los Angeles, EUA - 1906-2006*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- HOLLENWEGER, Walter J. *The Pentecostals*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1988.
- _____. *Pentecostalism: Origins and Developments Worldwide*. Peabody, MS: Hendrickson Publishers, 1997.
- HORTON, Stanley M. *O avivamento pentecostal – as origens e o futuro do maior movimento espiritual dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- _____. *Teologia sistemática - uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- HORTON, Stanley M.; MENZIES, William W. *Doutrinas bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- HYATT, Eddie. *2000 anos de cristianismo carismático – um olhar do século 21 na história da Igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal*. Natal, RN: Carisma, 2019.
- KEENER, Craig S. *O Espírito na Igreja – O que a Bíblia ensina sobre os dons*. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JUNIOR, Robert L. *Introdução à interpretação bíblica: conciso, teológico, prático*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.
- KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD, Robert L. *Introduction to biblical interpretation*. Dallas, TX: Zondervan, 1993.
- LÉONARD, Émile-G. *O iluminismo num protestantismo de constituição Recente*. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1988, pp. 32, 33.
- LIMA, Josadak; BEZERRA, Cícero Manoel. *História e teologia do Evangelho Quadrangular*. Curitiba, PR: Intersaberes, 2017.
- MACEDO, Bispo. *O perfeito sacrifício*. Rio de Janeiro: Universal, 2001.
- _____. *A libertação da Teologia*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2002.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARSHALL, I. Howard. *Fundamentos da narrativa teológica de São Lucas*. Natal, RN: Carisma, 2019.
- MATHER, A. George; NICHOLS, Larry. *Dicionário de religiões, crenças e ocultismo*. São Paulo: Vida, 2000.
- McGEE, Gary (ed. geral). *Evidência inicial – perspectivas históricas e bíblicas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito Santo*. Natal, RN: Carisma, 2019.
- McALISTER, Roberto. *Dinheiro um assunto altamente espiritual*. Natal, RN: Carisma, 1981.

- MCCONNELL, D. R. *A Different Gospel – A Historical and Biblical Analysis of the Modern Faith Movement*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1993.
- MELLO, Valeria E. *Missionário Manoel de Mello – vida e obra*. São Paulo: OBPC, 2018.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos – o campo religioso e seus personagens*. São Paulo: Metodista, 2008.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002.
- MENZIES, P. Robert. *Pentecostes – essa história é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- MENZIES, William W. *Anointed to Serve*. Springfield, MI: Gospel Publishing House, 1986.
- MENZIES, William & Robert. *No poder do Espírito – fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo*. Natal, RN: Carisma, 2020.
- MIRANDA, David. *David Miranda – autobiografia*. São Paulo: Sete Selos, 2017.
- OSBORNE, Grant R. *The Hermeneutical Spiral: A Comprehensive Introduction to Biblical Interpretation*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, de 1991.
- _____. *A Espiral Hermenêutica: Uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- PARHAM, Sarah E. *The life of Charles F. Parham. Founder of the Apostolic Faith Movement*. Three-State Print, 1930; reprint (Joplin, MO: Hunter Printing, 1969).
- PALMER, Phoebe. *Four Years in the Old World*. New York: Foster & Palmer Jr. Publishers, 1866, p. 395.
- PETHRUS, Lewi. *Lewi Pethrus – A vida e obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- POPE, Liston. *Millhands and Preachers, A Study of Gastonia*. New Haven: Yale University Press, 1946.
- REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2003.
- ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça: esperança e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- ROSA, Júlio O. *O Evangelho Quadrangular no Brasil*. Venda Nova, MG: Betânia, 1977.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa – comentado, crítico e enciclopédico*. São Paulo: Nova Geração, 2010.
- SCHAFF, Philip. *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, vol. VII. Edinburgh: T&T Clark / Grand Rapids, MI: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1991.
- SCOTTI, Ignez Terezinha. *Evangelho Quadrangular – Teologia confessional*. Curitiba, PR: Secretaria Geral de Educação Cultural, 2013.
- SINDAZ, Miguel Garcia (ed.). *Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo – Estatutos, Regimento Interno, Manual de Ética*. São Paulo: OBPC, 2020.
- SMITH, James K. A. *Pensando em línguas: contribuições pentecostais para a filosofia cristã*. Rio de Janeiro: Vida Melhor, 2021.
- SOARES, Esequias. *Manual de apologética cristã – defendendo os fundamentos da autêntica fé bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- _____. *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017

_____. *O verdadeiro pentecostalismo – a atualidade da doutrina bíblica sobre a atuação do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

SOARES, R. R. *Exija seus direitos*. Rio de Janeiro: Graça, 2000.

SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novo movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUZA, Joarib; SANTOS, Josafá. *Assembleia de Deus em Pernambuco: Um século de Pentecostes*. Recife, PE: Bereia, 2018.

STOTT, John. *Batismo e plenitude do Espírito Santo: o mover sobrenatural de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

STOTT, John R. W. *A mensagem de Atos*. São Paulo: Editora ABU, 1994.

STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal: espírito, escritura e teologia*. Natal, RN: Carisma, 2020.

STRONSTAD, Roger. *A teologia carismática de Lucas - trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SUANA, Samuel. *Uma história da Igreja O Brasil para Cristo*. São Paulo: OBPC, 2015.

STRONSTAD, Roger. *Fundamentos da narrativa teológica de São Lucas: Trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos*. Rio de Janeiro, CPAD, 2018.

SYNAN, Vinson. *A tradição de santidade e do pentecostalismo: movimentos carismáticos no século XX*. Maceió, AL: Sal Cultural, 2019.

SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo – 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009.

SYNAN, Vinson. *Vozes do Pentecostes: Relatos de vidas tocadas pelo Espírito Santo*. São Paulo: Vida, 2012.

TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. São Paulo: Aste, 2004.

TOGNINI, Enéas. *Enéas Tognini: A autobiografia*. São Paulo: Hagnos, 2006.

TORREY, R. A. *O batismo com o Espírito Santo: o que é, o que faz e como obtê-lo*. Venda Nova, MG: Betânia, 1975.

TUCKER, Ruth A. *Another Gospel – Cults, Alternative Religions and the New Age Movement*. Grand Rapids, MI., USA: Zondervan Publishing House, 1984.

VINGREN, Ivar. *Diário do Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

YUASA, Key. *Louis Francescon – A Theological Biography 1866-1964* (pesquisa). Genève: Université de Genève, 2001.

PERIÓDICOS

Manual do obreiro, ano 28, no. 34, p. 23. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

Manual do obreiro, ano 28, no. 34, pp. 16-21. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

Mensageiro da Paz, maio de 1935, 2ª Quinzena. Rio de Janeiro: CPAD.

Mensageiro da Paz, janeiro de 2004, Rio de Janeiro: CPAD.

Revista USP 67. São Paulo, 2005.



ESEQUIAS SOARES

É pastor da igreja evangélica Assembleia de Deus em Jundiá.

É graduado em Hebraico pela Universidade de São Paulo e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Autor de diversos livros, entre eles, *O Ministério Profético na Bíblia*, *Manual de Apologética Cristã* e *Visão Panorâmica do Antigo Testamento*, todos publicados pela CPAD.



O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

“O avivamento pentecostal é o maior movimento espiritual dos tempos modernos, como afirma Stanley M. Horton. É uma obra que não teve origem humana.

O derramamento do Espírito Santo se espalhou por toda parte dos Estados Unidos, da Europa, da Ásia, da Oceania, da África, da América Central e do Sul, sem que houvesse algum projeto.”

No Brasil não foi diferente. Não há dúvidas da importância das diversas denominações pentecostais no crescimento do número de evangélicos na população brasileira ao longo do século XX. Por meio desta obra, o leitor terá uma visão panorâmica do contexto pentecostal brasileiro. Rico em informações, mas escrito de forma clara e acessível, o pastor e teólogo Esequias Soares nos mostra as origens e como se formaram as igrejas pentecostais e o pensamento do pentecostalismo no Brasil.

Nesta obra, o leitor conhecerá:

- Os relatos histórico-teológicos dos movimentos protopentecostais, cujas interpretações contribuíram para o movimento pentecostal.
- Como os fundadores do pentecostalismo moderno iniciaram a obra e a sua expansão pelo mundo.
- A chegada do pentecostalismo no Brasil, suas principais igrejas, fundadores e crenças.
- Como surgiu o unicismo, com sua origem, crenças e práticas e a divisão que causaram no meio pentecostal.
- Uma visão panorâmica dos carismáticos e neopentecostais, com sua origem e suas crenças e práticas.

